

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

DORIS DAY RODRIGUES MARQUES

**CONCEPÇÃO DE MULHER EM PROFESSORAS DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO CRISTÃ EM
ESCOLAS CONFESSIONAIS EVANGÉLICAS DO TRIÂNGULO MINEIRO**

**UBERABA (MG)
2016**

DORIS DAY RODRIGUES MARQUES

**CONCEPÇÃO DE MULHER EM PROFESSORAS DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO CRISTÃ EM
ESCOLAS CONFESSIONAIS EVANGÉLICAS DO TRIÂNGULO MINEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – curso de Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Fundamentos e Práticas Educacionais.

Orientador: Prof. Dr. Wagner Wey Moreira.

**UBERABA (MG)
2016**

DORIS DAY RODRIGUES MARQUES

**CONCEPÇÃO DE MULHER EM PROFESSORAS DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO CRISTÃ EM
ESCOLAS CONFSSIONAIS EVANGÉLICAS DO TRIÂNGULO MINEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – curso de Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Wagner Wey Moreira

DATA DE APROVAÇÃO:

23/02/2016

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. Wagner Wey Moreira
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof. Dra. Tânia Mara Vieira Sampaio
Universidade Católica de Brasília

Profa. Dra. Maria Célia Borges
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

*Ao meu pai, Júlio,
por todo o carinho e dedicação.*

*À minha mãe, Iracema.
(in memoriam)*

*Ao Welisson,
parceiro de todas as horas.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, meu Criador e Senhor, pelo fôlego de vida, pela capacidade de pensar e ao doce Espírito Santo, por toda sabedoria e conhecimento. Obrigado, Senhor!

Ao meu amor e companheiro, Welisson Marques, por me incentivar e por acreditar, se esse Mestrado se tornou real você é totalmente culpado! Obrigado, amor. Te amo cada dia mais, você é meu maior exemplo de estudante, de homem, de marido, de pai, enfim, te admiro e respeito. Deus me deu um presente e eu sou imensamente grata por você!

Aos meus filhos, meus tesouros, Caio e Bruno. Caio (meu príncipe), você me ensinou a ser mãe, me ensinou o que é amor incondicional, sou tão orgulhosa do homenzinho lindo, educado, amoroso que você está se tornando. Bruninho (meu Bubu), como você é doce, alegre e inteligente. Nossa casa ficou mais feliz quando você chegou e a cada dia você me surpreende com sua sagacidade e esperteza. As “tiradas” do Bruninho são impagáveis. “Vocês três me completam, extensão de mim”!

Aos meus pais, Júlio e Iracema (*in memoriam*) por serem exemplos de homem e mulher, íntegros, responsáveis, amorosos, tenho o maior orgulho da minha família, não possuem nome ou reconhecimento nesta terra, mas são reconhecidos onde é mais importante: no coração de todos aqueles que tiveram o privilégio de conviver com pessoas tão especiais. “Se eu cheguei até aqui, Papai foi porque você sempre acreditou e investiu em mim. Te amo muito!”.

Meu agradecimento especial ao meu orientador, Professor Dr. Wagner Wey Moreira, por dividir conosco tanta sabedoria, tanto conhecimento, por me ajudar a enxugar minhas lágrimas quando elas teimaram em cair com palavras de incentivo e carinho, acreditando no meu trabalho e não me deixando desistir. “Wagner, você é inspiração para todos que o conhecem”. Muito obrigada!

Gostaria de agradecer à Professora Dra. Maria Célia Borges e, também, à Professora Dra. Tânia Mara Vieira Sampaio da Universidade Católica de Brasília, que tão gentilmente aceitaram participar tanto da minha banca de qualificação quanto da banca de defesa e que foram fundamentais para a conclusão desta pesquisa.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pessoas tão especiais que dividiram conosco um pouco do riquíssimo conhecimento que carregam. Foi transformador o tempo que dividimos.

Aos meus queridos irmãos e cunhadas, José Raimundo e Vânia, Donizette e Elenice, Daniel e Cláudia e Paulo. “Dundim”, meu irmão e companheiro de todas as horas e minha cunhada-irmã Vânia que me ensinou o prazer da leitura, lendo para mim com todo carinho do mundo os livros mais lindos da minha infância. “Cunhadinha, você fez toda diferença!”.

Doni e Lene, meu irmão mais velho e também meio-pai, e minha cunhada que fez minhas tardes mais felizes contando histórias deliciosas e me ensinando a tocar violão e cantar com toda paciência do mundo. Minha primeira dupla. Vocês são muito especiais!

Daniel e Cláudia, meu irmão caçula que virava criança para brincar comigo, pois ficava triste em me ver brincando sozinha. Cláudia, minha cunhada tão simples e tão educada, que me ensinou tanto com seu jeito calmo de ser.

Paulinho, meu irmão querido, tão solidário, tão cuidadoso comigo, você faz com que eu me sinta uma eterna menina! À Rose, a namorada: cunhada, seja bem vinda na nossa família!

Aos meus sobrinhos queridos, Gisliane, Keyller Júlio, Arianne, Kézia, Kállita, Lorena, Artur e minha pequena sobrinha-neta, Alice. Aos “agregados” também, Maikel, David, Gabriel e Igor. Vocês colocam cor e alegria na minha vida. “Não sei por que vocês cresceram tão depressa! Amores da titia!”.

Agradeço também aos meus sogros, Heuler e Helena, que são como pais para mim. Obrigada pelo filho lindo que vocês criaram, sou muito grata por todo carinho comigo e com meus filhos. A todos os tios, tias, primos, primas, sobrinhos e sobrinhas que ganhei quando entrei na família. Vocês são muito especiais!

Aos meus cunhados, Wander e Werllon, meus amigos e irmãos, companheiros de todas as horas.

Meu agradecimento às minhas companheiras de caminhada, “Bolinhas”, amigas mais chegadas que irmãs: Mili, Claudinha, Débora, Denise, Karla, Paulinha, Cássia, Cecília, Rose e Marcela, aos maridos e filhos, por entenderem nossos encontros de muitas horas: “Bolotas, vocês são nota mil”. Não tenho palavras para expressar o que a amizade de vocês representa na minha vida. Sou mais feliz só por saber que vocês existem! Amigas também dizem “eu te amo”. Amo vocês!

Meu agradecimento aos amigos do Mestrado que fizeram parte dessa caminhada, quantas risadas, quantas conversas deliciosas nos intervalos e também quanto cansaço, quanto desespero com tanto prazo a cumprir. Vencemos esta etapa, galera!

Não poderia deixar de agradecer também a todas as professoras participantes da pesquisa, que de bom grado aceitaram abrir mão de seu tempo de módulo para responder às minhas perguntas, sem vocês este trabalho não poderia ser concluído. Meu muito obrigado

também às instituições escolares que abriram as portas para mim, algumas sem me conhecer; agradeço às diretoras, supervisoras, que me receberam com tanto carinho, e me ajudaram em todas as etapas, atendendo a todas às solicitações.

Enfim, agradeço a todos os amigos e amigas, aos irmãos da PIB Uberaba, da Congregação de Ponte Alta, Congregação do Residencial, Ministério de Louvor Novo Tempo, todos que fazem parte da minha vida, e que de forma direta ou indireta contribuíram para que este trabalho fosse concluído.

*Mulher virtuosa, quem a achará?
O seu valor em muito ultrapassa
os das mais finas joias!*

(Provérbios 31:30)

RESUMO

Este trabalho intitulado *Concepção de Mulher em Professoras da disciplina Educação Cristã em escolas confessionais evangélicas do Triângulo Mineiro*, tem por objetivo analisar, a partir de textos da Bíblia e estudos afins (particularmente da área teológica), aspectos relativos à concepção do conceito *mulher*, ou seja, analisar qual concepção as professoras da disciplina Educação Cristã de escolas confessionais evangélicas possuem a respeito de *mulher*, ou seja, se é uma concepção mais voltada para os papéis que a Bíblia sugestiona ou se o discurso das mesmas é perpassado pela visão feminista atual. Outro objetivo foi analisar se dentro da disciplina Educação Cristã é trabalhada alguma concepção de mulher, e se sim, qual concepção seria. Utilizamos como técnica para coleta de dados e composição do *corpus*, a entrevista, a qual foi realizada individualmente com cada professora, gravada e posteriormente transcrita. Para análise dos dados, utilizamos a Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado desenvolvida por Moreira, Simões e Porto (2005). A técnica proposta pelos autores possui os seguintes critérios: *Relato Ingênuo, Identificação de atitudes e Interpretação*. Ao todo foram entrevistadas dez professoras de três escolas confessionais evangélicas das cidades de Uberaba e Uberlândia e que lecionam a disciplina Educação Cristã no Ensino Fundamental. Concluimos que as professoras participantes da pesquisa acreditam que a Bíblia possui uma concepção de mulher, pois todas as entrevistadas responderam afirmativamente a esse questionamento, e segundo elas, esse perfil corresponde àquela mulher que é responsável pelo bom andamento do lar, como o cuidado com o marido e filhos. Por outro lado, observamos que todas sofreram influência do discurso feminista em sua trajetória, pois esse incentiva a mulher a procurar também realização profissional. Percebemos que essa mistura de papéis tem trazido grande conflito a essas mulheres pesquisadas, pois o papel de mãe e esposa continua sendo delas e agora também agregaram a obrigação de se tornarem provedoras juntamente com seus parceiros, além de profissionais qualificadas. Enfim, verificamos que o acúmulo de funções tem sido um fator desestabilizante para todas elas. A resposta da maioria foi bastante reveladora: sete professoras responderam que é muito válido, é muito bom para a mulher ter alcançado esse espaço, mas, e isso foi o intrigante, as mulheres entrevistadas se encontram em uma incógnita, pois se de um lado se sentem felizes e aptas para ocuparem o mercado profissional, por outro se sentem sufocadas e esmagadas, pois o que alegam é que ao invés de conquistarem um direito, conquistaram mais responsabilidades, pois agora além do cuidado com a casa, com o marido e com os filhos, também precisam cuidar da vida profissional.

Palavras chave: Educação; Educação Cristã; Ensino Fundamental; Mulher; Gênero.

ABSTRACT

This research entitled *Conception of Woman in Teachers of Christian Education in denominational Evangelical schools of Triângulo Mineiro*, aims to analyze, from texts of the Bible and related studies (particularly from the theological area), aspects about the concept of *woman*, that is, analyze what concept the teachers of Christian education of Evangelical denominational schools have about woman, that is, whether it is a concept more focused on the roles that the Bible suggests, or if their discourse is perpassed by a current feminist vision. Another goal was to analyze if in Christian Education some conception of woman is worked, and if so, which concept it would be. We use as a technique for data collection and composition of the corpus, the interview, which was conducted individually with each teacher, recorded and subsequently transcribed. For data analysis, we use the technique of elaboration and analysis of Meaning units developed by Moreira, Sen and Porto (2005). The technique proposed by the authors has the following criteria: Naive Reporting, identification of attitudes and Interpretation. Ten teachers were interviewed in all three Evangelical denominational schools in the cities of Uberaba and Uberlandia and who also teach the subject Christian education in the elementary school. We conclude that the participating teachers in the survey believe that the Bible has a conception of woman, because all interviewed responded affirmatively to this question, and according to them, this profile corresponds to that woman who is responsible for the smooth running of the home, such as the care of her husband and children. On the other hand, we observe that all have suffered influence of feminist discourse in their career, because that encourages the woman to browse professional fulfilment. We realize that this blending of roles has brought great controversy to those women surveyed, as the role of mother and wife remains on them and now also added the obligation of becoming providers along with their partners, in addition to being qualified professionals. Finally, we note that the accumulation of functions has been a destabilizing factor for all of them. The answer of the majority was quite revealing: seven teachers responded that it is very valid, very good for the woman to have achieved this space, but, and this was intriguing, the women interviewed are disguised, because if on the one hand they feel happy and able to occupy the professional market, on the other they feel stifled and crushed, because what they claim is that rather than taking a right, they have conquered more responsibility, because apart from caring for their home, with their husband and children, they also need to take care of their professional life.

Keywords: Education; Christian Education; Elementary School; Woman; Genre.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS | 13 |
| CAPÍTULO 1 – A MULHER NA BÍBLIA | 19 |
| 1.1 A mulher no Antigo Testamento..... | 19 |
| 1.2 A mulher Greco-romana, Judaico-palestinense e do Novo Testamento..... | 24 |
| CAPÍTULO 2 – FEMINISMO E TEOLOGIA | 31 |
| 2.1 Mulher e trabalho em alguns textos do Antigo Testamento..... | 34 |
| 2.2 Mulher cristã e o sexo..... | 39 |
| 2.3 Mulher cristã e o casamento..... | 41 |
| CAPÍTULO 3 – A MULHER NA HISTÓRIA | 44 |
| CAPÍTULO 4 – EDUCAÇÃO CRISTÃ E/NO ENSINO FUNDAMENTAL | 58 |
| 4.1 Breve Histórico do Ensino Religioso e da Chegada das Escolas Confessionais ao Brasil..... | 62 |
| 4.2 Escolarização da Mulher..... | 65 |
| 4.3 Pressupostos do Ensino Fundamental..... | 68 |
| CAPÍTULO 5 – ASPECTOS METODOLÓGICOS | 73 |
| CAPÍTULO 6 – ANÁLISE DOS DADOS | 77 |
| 6.1 Análise das Unidades de Significado da pergunta geradora 1..... | 82 |
| 6.2 Análise das Unidades de Significado da pergunta geradora 2..... | 84 |
| 6.3 Análise das Unidades de Significado da pergunta geradora 3..... | 88 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 96 |

| | |
|-------------------------|------------|
| REFERÊNCIAS..... | 101 |
| APÊNDICE..... | 107 |
| ANEXOS..... | 114 |

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

O tema mulher sempre me interessou muito, primeiramente pelo corpo que habito e, também, por estar envolvida com aconselhamento de mulheres e casais na igreja da qual faço parte. Sempre quis me aprofundar mais no assunto, principalmente após concluir meu curso de Bacharel em Teologia¹ e constatar a maneira como a mulher é tratada (descartada) em algumas igrejas e verificar que tal tratamento não condiz com a importância que Jesus deu a elas em seu ministério e a relevância das mesmas para o surgimento e crescimento do cristianismo. Ao longo do texto analisamos como esse apagamento se deu ao longo da história.

Por muitos séculos a mulher esteve impossibilitada de exercer profissão ou carreira profissional. Foram muitos anos de luta até que o valor e a capacidade feminina fossem reconhecidos, mas o que temos observado nos últimos tempos é que muitas mulheres estão fazendo o movimento inverso do início da segunda onda do feminismo, quando a mulher conquistou esse direito de ter uma carreira profissional e saiu de casa para trabalhar em empresas e em tantos outros empreendimentos. Algumas mulheres, principalmente mulheres cristãs, estão optando por voltar a ser apenas “do lar”, pois entendem que também é uma profissão e uma profissão digna de respeito e reconhecimento como tal.

Observamos, por outro lado, que existem modelos sociais de mulher que são repassados e que, muitas vezes, se tornam fardos pesados, principalmente para aquelas que não se encaixam neles. Não ter o direito a profissão e a buscar o próprio sustento foi um ato de violência contra a mulher, mas impor certos padrões também o é. Por exemplo, nem todas as mulheres se sentem preparadas ou desejosas de se casar ou terem filhos, enquanto outras estão confortáveis sendo apenas donas de casa e mãe, sem exercer carreira profissional. E há ainda aquelas que são profissionais e donas de casa.

Ao tentar se enquadrar em um novo padrão social o qual dita que a mulher que não possui uma profissão é desvalorizada, mulheres estão acumulando funções e se desgastando, perdendo o crescimento dos filhos e, em muitos casos, se endividando, pois o salário que ganham (na maioria das vezes menor do que o de homem que ocupa a mesma função) não consegue pagar uma ajudante, alimentação e transporte, isso acarreta um estresse muito

¹ Além do Bacharelado em Teologia, sou formada em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia (2000) e Especialista em Educação, também pela Universidade Federal de Uberlândia (2002).

grande, pois ao retornar para casa no final do dia, as tarefas domésticas continuam lá esperando por elas.

Algumas mulheres trabalham porque precisam, são arrimo de família ou complementam a renda do marido, mas existem outras que estão saindo para o mercado de trabalho apenas para não serem oprimidas ou escravizadas pelas tarefas domésticas, pois tarefa doméstica não agrega valor. Falta uma orientação a essas mulheres para que analisem melhor suas escolhas e necessidades e estabeleçam prioridades. Existe necessidade real de trabalhar fora? Tenho condição de manter uma profissão e um lar? Chefes, horários, empresas, metas, tudo isto também podem tornar o ser humano escravizado.

O direito de escolher uma carreira profissional e obter crescimento pessoal por meio dela (já) foi conquistado, mas ainda existem áreas onde as portas estão fechadas para a mulher, como por exemplo, liderança eclesial em algumas igrejas, e a justificativa para tal não convence, pois soa discriminatória e pejorativa. Por outro lado, estar em casa, cuidar do marido, educar e criar os próprios filhos também não é mais bem visto, pois está fora do padrão assumir que se é apenas “do lar”. A mulher está cercada de pressão por todos os lados para que se ajuste a um modelo flutuante, que muda ao longo da história.

O preconceito está presente tanto de um lado quanto de outro. Profissões que são negadas, perfis que são desvalorizados, a escolha é apenas ilusão. Acredito que a nós deveria ser dado o direito de ser aquilo que nos convém, e um pouco além: deveria ser dada a mulher a oportunidade de saber quais as implicações de cada uma de suas escolhas, pois muitas desconhecem os fatores de risco que estão por trás da ausência feminina no lar, por exemplo.

Diante desta problemática, que muito nos interessa, trataremos, neste trabalho, sobre as escolas confessionais evangélicas, as quais trazem em seu currículo uma disciplina intitulada Educação Cristã e é nesta disciplina, especificamente, que valores e comportamento cristãos são talhados.

Mesmo compreendendo que os pressupostos bíblicos estão presentes em todo o currículo escolar das escolas confessionais evangélicas, pois, como afirma Santos (2008, p. 166), a Educação Cristã é “a prescrição divina sobre o ensino e o aprendizado” e a cosmovisão bíblica é aquela que permeia (ou permearia) todo esse ensino, nos ateremos apenas ao que é repassado, a partir do discurso de dez professoras, nessa disciplina específica analisando sobre quais princípios e visão de mundo elas possuem e como este ensino é repassado dentro de sala de aula para as meninas e meninos em formação. Sendo assim, diante do exposto, propomos as seguintes perguntas de pesquisa:

1. Qual concepção de mulher está presente nos discursos de professoras da disciplina Educação Cristã de escolas confessionais do Triângulo Mineiro?
2. As professoras da disciplina Educação Cristã trabalham alguma concepção de mulher em suas aulas?
3. As professoras da disciplina Educação Cristã acreditam em uma concepção bíblica de mulher? Qual seria ela?

Para o desenvolvimento desta pesquisa, buscaremos, *a priori*, analisar, a partir de textos da Bíblia e estudos afins (particularmente da área teológica), aspectos relativos à concepção do conceito *mulher*. Logo, nosso objetivo geral é analisar qual concepção as professoras da disciplina Educação Cristã de escolas confessionais evangélicas possuem a respeito de *mulher*. Ligado a este objetivo geral propomos como objetivos específicos:

- a. Identificar se a concepção de mulher presente na fala das professoras possui alguma ligação com o papel que a Bíblia sugestiona para a figura feminina;
- b. Identificar se há influência do discurso feminista na fala das mesmas;
- c. Verificar qual concepção de mulher é trabalhada na disciplina Educação Cristã em escolas confessionais evangélicas;
- d. Investigar, caso essas professoras trabalhem uma concepção bíblica de mulher na disciplina Educação Cristã, como isso se dá na prática.

Levando em consideração a amplitude e complexidade do termo *mulher* e dos sentidos daí decorrentes, e de seu papel social, por questões metodológicas tal conceito (o de *mulher*) será analisado em três perspectivas: a. mulher e profissão; b. mulher e prazer; c. mulher e casamento. Ademais, ressaltamos que a relevância desta pesquisa se traduz na pequena quantidade de material bibliográfico encontrado² e voltado para as escolas confessionais cristãs (especialmente no Triângulo Mineiro), pois embora sendo em menor número, essa modalidade de educação corresponde a uma parcela expressiva do sistema escolar, possuindo, do mesmo modo, uma quantidade significativa de alunos nelas matriculados.

Outro ponto relevante é que ao tratarmos sobre *concepções bíblicas*, estamos nos referindo a um dado modelo seguido por cristãos *evangélicos*. Assim, tendo a Bíblia como

² Referimo-nos a pesquisas encontradas sobre o assunto.

regra de fé e padrão de comportamento, seus ensinamentos muito nos interessam, pois como declara Fernandes (2014, p. 14) ao retratar a mesma:

Escrita durante cerca de mil anos, do ano mil antes de Cristo até o fim do primeiro século da era cristã, a Bíblia faz parte do nosso passado histórico e cultural e, certamente, do nosso imaginário coletivo. Ela nos oferece uma oportunidade de reflexão sobre diversos aspectos da natureza humana, inclusive a questão da construção de identidade.

Para responder às questões propostas nos objetivos, anteriormente citados, redigiremos uma entrevista que será aplicada a dez professoras do ensino fundamental I que trabalham com a disciplina Educação Cristã em escolas confessionais evangélicas localizadas nas cidades de Uberaba e Uberlândia.

Essa quantidade de professores foi levantada após o início das entrevistas, visto que uma escola optou por não ser participante da pesquisa, outra escola não abriu o ensino fundamental no ano corrente e como nosso foco foi apenas professoras da disciplina Educação Cristã, o público alvo sofreu uma queda significativa, visto que uma das escolas pesquisadas possui uma professora teóloga que atende todas as turmas.

Para alcançar os nossos objetivos, realizaremos, no Capítulo 1, um breve passeio pela história da mulher na Grécia Antiga e em Roma no período do surgimento do Cristianismo, e também porque estas duas civilizações se mostraram relevantes ao longo da história como padrão de sociedade dos tempos antigos, buscando apresentar como a figura feminina vem sendo apagada pela história, principalmente pelos historiadores bíblicos, bem como quais são algumas consequências deste apagamento para nosso contexto atual.

Na sequência, no capítulo 2, efetuaremos um contraponto entre a Teologia e a Teologia Feminista, como esta surgiu e quais seus avanços. Trataremos, também, sobre as aproximações e distanciamentos entre o movimento feminista e a teologia, como esta foi influenciada por ele, bem como os avanços e retrocessos de cada um. Por fim, apresentaremos algumas considerações sobre as mulheres dos tempos de Jesus e, principalmente, o movimento de mulheres e líderes femininas da época que contribuíram para a propagação do Cristianismo.

No capítulo 3 apresentaremos a definição do que vem a ser Educação Cristã, visto haver alguma confusão do termo com Ensino Religioso e até mesmo com EBD³. De acordo com Lopes (2003, p. 51), Educação Cristã é, como o próprio nome declara, “aquela educação feita do ponto de vista do Cristianismo”. Ou seja, todos os currículos, todas as mentalidades são

³ Escola Bíblica Dominical. Efetuaremos algumas considerações sobre esta modalidade de ensino no Capítulo 1.

“moldados pelos pressupostos fundamentais do Cristianismo”. Uma escola confessional evangélica ou escola cristã é diferente de uma escola secular, aqui denominando todo o ensino que não seja confessional. Em uma escola cristã há a integração da educação e da teologia no ensino. Todas as áreas do conhecimento (ciências humanas, naturais, exatas, sociais, comunicação) são tratadas a partir de uma mentalidade cristã, formada pelo ensino bíblico.

Uma escola cristã adota intencionalmente uma mentalidade moldada pelos pressupostos fundamentais do Cristianismo, como por exemplo: ser orientada pelo sobrenatural (em oposição ao naturalismo); ver a vida da perspectiva da eternidade, do céu e do inferno; ver a história da perspectiva da providência de Deus; ver o mundo da perspectiva da criação; ter consciência da presença do mal; reconhecer a corrupção íntima e inerente da raça humana, como raiz de toda sorte de males; afirmar a existência da verdade; aceitar a autoridade das Escrituras; preocupar-se com as pessoas. (LOPES, 2003, p. 53).

Este capítulo traz, também, um breve histórico de como se deu o surgimento do Ensino Religioso, e um pouco da história da Teologia e da Reforma, pois esta última é precursora da Educação Cristã. Outrossim apresenta um breve histórico da chegada das escolas confessionais ao Brasil, sua importância para a educação – principalmente para as mulheres–, pois abriu as portas para estas serem alfabetizadas e se tornarem alfabetizadoras. Outra importante figura como a da missionária Martha Whats foi de fundamental importância para esse movimento de ruptura de paradigmas (OLIVEIRA, 2004).

Este capítulo também versa sobre os pressupostos do Ensino Fundamental, pois o nosso objeto de pesquisa volta-se para a concepção de mulher por parte de professoras atuantes neste nível de ensino. Portanto, é crucial que se estabeleça o que é esperado da formação dos alunos deste nível, lembrando que esta é uma faixa etária em que se buscam referenciais de vida, em outros termos, é o tempo em que estão aptos para serem mais influenciados por bons exemplos.

O capítulo 4 traz um vislumbre da mulher na História, as lutas por igualdade através do voto, os preconceitos enfrentados, o acúmulo de funções bem como o apagamento histórico; contemplará, também, as últimas conquistas feministas ao longo do tempo a através da idealização da identidade de gênero, que busca entre outras conquistas, resgate da identidade feminina.

No capítulo 5 efetuaremos considerações acerca da Metodologia adotada na Pesquisa. Será utilizada a Técnica de Elaboração e Análise de Unidade de Significado, baseado na proposta de pesquisa fenomenológica, conforme postulam Moreira, Simões e Porto (2005). Acreditamos que esta perspectiva será o melhor caminho para a nossa pesquisa, pois

buscaremos identificar os valores presentes no discurso (e/ou prática) dos sujeitos entrevistados sobre o fenômeno.

CAPÍTULO 1

A MULHER NA BÍBLIA

Este capítulo versa sobre a história da mulher na Antiguidade e, também, trata sobre a importância da mulher no movimento de Jesus e seu papel no novo testamento.

1.1 A mulher no Antigo Testamento

Partindo do pressuposto de que há um Criador e sua criação, acreditamos que a mulher, como um ser criado, tem um propósito único, específico. Não acreditamos em uma superioridade masculina, nem tampouco em uma igualdade suprema. O que esse trabalho investiga é o que a Bíblia discorre sobre a *mulher*, seu papel em sociedade, sua importância e relevância em contraposição ao que vem sendo exposto nas mídias, de forma pejorativa tantas vezes, e que não condiz com o que parece-nos ser o ensino bíblico, tanto por cristãos quanto por ativistas feministas.

Porém, não podemos negar que as várias interpretações possíveis do relato bíblico ao longo dos séculos desprivilegiam e, na maioria das vezes, delegam à mulher um lugar de subserviência e silêncio. O que temos visto na teologia cristã muitas vezes é, segundo Lopes (2007, p. 7) que esta “mantém engessado o discurso religioso, insistindo nas metáforas patriarcais e triunfalistas para falar sobre Deus”.

Nos dias atuais, muitas mulheres teólogas tem feito o movimento inverso, colocando a mulher em seu lugar de direito no cânone bíblico, mostrando que o Deus da bíblia não desprezava as mulheres e até mesmo comprovando como a figura de Jesus veio resgatar a identidade feminina no seu tempo, pois suas amigas e discípulas tiveram participação decisiva em todo seu ministério terreno, como bem retrata Fernandes (2014) em sua pesquisa intitulada *Imagens da Mulher no Evangelho de Mateus: a construção de personagens femininas*.

A questão do gênero nos convida a rever os modelos de deus⁴ que muitas vezes interiorizamos e as ideologias de dominação subjacentes aos discursos religiosos. Segundo Sampaio (2003),

⁴ Ao utilizarmos o nome “Deus” com letra maiúscula, referimo-nos ao Criador e Soberano sobre o qual trata a Bíblia. Quando referirmo-nos a “deus” (com letra minúscula), tratamos de outros “deuses” diferentes do Deus anteriormente citado.

As concepções sociais de gênero se apresentam como um novo paradigma, capaz não somente de visibilizar mulheres e/ou grupos oprimidos, mas também de iluminar as descobertas sobre a estrutura das opressões e dos jogos de poder que organizam discursos normativos e estabelecem controles sociais. Mais que um encontro entre histórias de vida, essa maneira de ler a vida quer demarcar uma nova trajetória dos paradigmas de produção dos conhecimentos e de decodificação dos discursos. (SAMPAIO, 2003, p.82)

As desigualdades históricas entre os seres humanos são constituídas por diversos fatores: linhagem social, nacionalidade, condições econômicas, linhagem sanguínea, culturais, políticas, etc. Mas a desigualdade construída entre homens e mulheres é a que mais chama a atenção. Ela tem sido denominada pela teologia dos anos 1990 como desigualdade de gênero.

Dentro da teologia cristã o ser humano é conhecido como aquele feito “à imagem e semelhança de Deus”; isto o coloca em posição de superioridade sobre o restante da criação, situada entre o material e o espiritual. A relação privilegiada é a que envolve os seres humanos entre si, principalmente a relação entre homem e mulher, por isso nos ateremos aqui a uma teologia pensada a partir da mediação das relações de gênero. A teologia cristã, enquanto disciplina religiosa, esteve por muitos anos envolta em um invólucro de imutabilidade, indiscutibilidade e eternidade, conforme pontua Tomita (2010). Essa realidade vem sendo mudada, como constataremos a seguir.

É preciso clarificar que aventurar-se sobre os textos bíblicos para ressaltar a valorização da mulher no século XXI é uma tarefa um tanto quanto arriscada, pois além da mulher ser ainda nos dias de hoje marginalizada pela visão deturpada do patriarcado no Ocidente, as mulheres teólogas ou simplesmente exegetas que se debruçam sobre o texto bíblico estão suscetíveis a uma segunda marginalização, pois segundo Russel (1995, p. 14): “[elas] estão marginalizadas em grande medida do âmbito acadêmico feminista porque continuam sustentando o valor dos materiais bíblicos, apesar de sua tendência patriarcal contra as mulheres”.

Não desconhecemos tal marginalização, mas não faremos coro a ela. Nosso objetivo é um resgate dos valores essenciais femininos perdidos ao longo de tantos desajustes e deturpações, pois havendo no Antigo Testamento tantos textos favoráveis à mulher resta-nos procurar conhecer o porquê da predominância dos elementos negativos da tradição judaico-cristã.

Estamos em uma sociedade que não valoriza a história, a qual dá demasiada importância a tudo que é novo, seja um produto, um comportamento, e que desvaloriza o que é costume ou tradição, antigo ou arcaico. Assim sendo, a razão por escolher o estudo da mulher no mais

antigo livro impresso, poderia ser questionado, no entanto uma coisa não se pode negar: nosso passado pessoal e histórico tem grandes contribuições a dar para compreendermos melhor o presente.

Segundo Candiottto (2010) a Bíblia não é um livro neutro:

Seu conteúdo está condicionado pelas diferentes épocas em que foram elaborados seus textos; em certa medida, eles estão articulados com as condições sociais, políticas, econômicas e culturais vividas pelo povo de Deus em cada momento. Sendo assim, verifica-se a necessidade de ir além do “dito” para identificar aqueles elementos negativos que subjugarão a mulher.

O que nos leva a um ponto interessante sobre o texto bíblico, pois se nos ativermos apenas ao texto puro e simplesmente, teremos motivos para acreditar que a Bíblia, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento, principalmente nas cartas Paulinas, é um livro machista. Todavia, se analisarmos a mensagem bíblica como um todo ela não o é. Se sobre o ponto de vista cultural e histórico predominaram os aspectos negativos sobre a mulher, “sobre o ponto de vista da mensagem divina, eles são injustificáveis” (CANDIOTTO, 2010).

A Bíblia toda fala da salvação, exalta o Criador e a criação que ele irá salvar, sem nenhuma intenção de instruir, ou seja, não há intenção didática. Apenas no Antigo Testamento, que compreende os livros escritos antes do advento de Cristo, existem alguns textos que se aproximam mais da teologia e da didática. Escritos de forma mais sóbria e discreta, são mais precisos. A Bíblia conta a história da criação em duas passagens diferentes e em relatos distintos. Estes dois textos teológicos mais concisos sobre a criação se encontram no Antigo Testamento, mais precisamente no primeiro livro do cânone bíblico. O primeiro relato escrito encontra-se em Gênesis (doravante Gn) 2:4b–3.24 e o mais recente, ou o segundo relato, está em Gn 1.26-28. Apesar de separados, estão semanticamente entrelaçados. São estes textos que mais tem gerado uma imagem ambígua do ser mulher.

Segundo Candiottto (2010),

o primeiro relato mostra uma clara intenção doutrinal teologicamente ordenada. A linguagem é concentrada, maciça, sem arte, detalhista. Mas tal despojamento constitui também sua grandeza. Nele tudo é refletido, apresentando uma teologia bem elaborada. Os conflitos humanos, sua problemática social e sua situação anímica não são sublinhados.

Alguns historiadores sugerem que o primeiro relato que é o de Gn 1 foi escrito durante o cativeiro babilônico, por volta dos anos 538 a 450 a.C. Voltemos ao texto bíblico:

Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas

as feras e todos os reptéis que rastejam sobre a terra. Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele criou, homem e mulher ele os criou. Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que estão sobre a terra.” (Gn 1.26-28)

Percebe-se pelo primeiro relato que embora a passagem tenha sido escrita em uma época pouco favorável à condição feminina, o texto não justifica a ideia de subordinação, inferioridade ou submissão, parece mesmo querer mostrar o contrário. O versículo 26 coloca o homem e a mulher na mesma condição de dominadores sobre a criação, “que eles dominem”, e não que um domine sobre o outro. Da mesma maneira, ao falar sobre a imagem de Deus da qual foram feitos, o verso afirma que tanto o homem quanto a mulher são imagem de Deus. Ou seja, ambos têm a mesma identidade, essa identidade é confirmada pelo termo *Ha Adam* que em hebraico significa humanidade, sempre no singular, o qual engloba tanto homens quanto mulheres.

Todos os verbos, após a benção de Deus, aparecem no plural. Isso, segundo a visão teológica feminista, ratifica a inexistência de uma superioridade masculina. Ambos foram designados por Deus para dominarem sobre a criação, e ambos são totais por formação, um não é complemento do outro, cada um é uma totalidade com características específicas. No entanto, o processo histórico e suas mais variadas interpretações errôneas têm utilizado deste e de outros textos, no que tange à mulher, para colocá-la em lugar de desvantagem e inferioridade.

O segundo relato da criação em Gn 2.21-24 foi escrito provavelmente na época de Salomão ou pouco depois, por volta do ano 950 a.C. Ao mesmo tempo que são claras e simples, as passagens do segundo relato são encontradas no início da história de Israel. Assim se expõe o segundo relato:

Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda. Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens e todas as aves do céu e as conduziu ao homem para ver como ele as chamaria: cada qual devia levar o nome que o homem lhe desse. O homem deu nome a todos os animais, às aves do céu e as feras selvagens, mas para o homem, não encontrou a auxiliar que lhe correspondesse. Então Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e cresceu carne em seu lugar. Depois, da costela que tirara do homem, Deus modelou uma mulher e a trouxe ao homem. Então o homem exclamou: “Esta sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada “mulher”, porque foi tirada do homem!” (Gn 2.18-23)

As inúmeras versões bíblicas e a exegese tem amenizado este texto, e em lugar de *auxiliar* utilizam o termo *companheira*, porém é necessária uma compreensão mais profunda do termo *auxiliar*. No Antigo Testamento esse termo ‘ezer (auxiliar) surge em vários usos. Em algumas passagens ele exemplifica a mulher e os animais, enquanto em outras trata do próprio Deus em sua divindade, que é o auxiliar e salvador de Israel. Ele não especifica posição dentro das relações, nem tampouco inferioridade.

Segundo Candiotto (2010) “ ‘ezer não seria um termo discriminatório, se compreendido como correspondência. Corresponder evoca paridade”.

O fundamental é assinalar que Deus, diante da solidão de Adam que não é boa, decide fazer um ‘ezer *kenegdo*, isto é, uma presença de reciprocidade e de mutualidade. A criação da “ajuda” situa o ser humano na perspectiva da comunicação. Por ela a humanidade vence o isolamento e a solidão: a relação adequada supõe alteridade para começar a comunidade humana e criar a comunhão. Neste sentido pode-se dizer que “ajuda adequada” ou “auxiliar que lhe corresponda” (v.18) é uma abertura. “O outro” aparece como alternativa positiva de comunicação. (SANTISO apud CANDIOTTO, 1993, p.171)

Outro pesquisador americano, Kostenberber (2011), também escreve sobre a função de ajudadora⁵ ou ‘ezer como no termo hebraico. Segundo ele:

Quem nega o embasamento da subordinação feminina na ordem criada, argumenta que, no Antigo Testamento, o termo “ajudador” (heb. ‘ezer) é usado para o próprio Deus (Ex 18.4; Sl 10.2; 33.20; 70.5; 119.9-11; 121.1-2; 146.5). Os defensores dessa linha perguntam: se o termo “ajudador” é usado para Deus, alguém que claramente não é subordinado a ninguém, como é possível afirmar que esse termo, por si só, sujeita a mulher ao homem? De fato, se fosse uma questão de subordinação *essencial* ou *ontológica*, que dissesse respeito a uma diferença na natureza da humanidade da mulher, poderíamos ter a impressão de que essa subordinação parece ser excluída. (KOSTENBERGER, 2011, p. 31).

É dessa segunda passagem que se desdobra a desigualdade latente entre homem e mulher, o que não ocorre no primeiro relato. A distinção entre homem e mulher pode ser feita através do termo costela, em hebraico *hassela*, ou “vizinho do coração”. O homem é criado da terra, a mulher do humano, do homem.

Com base nesses relatos, todo o mal entendido antigo ou, até mesmo, atual a respeito da dignidade feminina e sua distinção se tornam incompreensíveis. Ainda que sua criação tenha sido posterior a mulher teve importância fundamental na conclusão da obra divina, sem ela não haveria a finitude.

⁵ Ajudadora, auxiliar, companheira idônea. Há algumas versões diferentes para o mesmo termo, dependendo da versão bíblica utilizada.

As interpretações culturais decorrentes do segundo relato da criação, no qual Deus cria homem e mulher separadamente, resultaram em prejuízos para a mulher. No primeiro relato declara apenas que Deus criou o homem, significando o homem e a mulher no sentido de humanidade. A Bíblia afirma então que Deus criou a humanidade, uma integridade inicial e sem diferenciação. A diversidade aparece em um segundo momento, para então levar de volta à unidade.

Vejamos o que postula Kostenberger (2011) a respeito da função da mulher:

Qual é, porém, a essência da expressão “ajudadora adequada”? Uma leitura contextual da expressão em seu ambiente original sugere que a mulher é *adequada* ao homem de uma forma que nenhum dos animais é (Gn 2.19-20; ela é “osso dos [seus] ossos e carne da [sua]carne”; 2.23). Em contrapartida, ela é colocada junto ao homem como sua *companheira* ou *ajudadora*. Em termos pessoais, ela suprirá a necessidade masculina de *companhia* (2.18). Em relação à ordem de Deus para que a humanidade frutifique e se multiplique, encha a terra e a sujeite (1.28), a mulher é uma parceira adequada tanto na *procriação* (ao tornar-se “uma só carne” com ele [2.24] como na *sujeição* da terra (1.28; “Então Deus os abençoou e *lhes* disse [...]”). Seu papel é *distinto* do papel do homem e, no entanto, é *singular* e extremamente *relevante*. Ao mesmo tempo em que foi designada “ajudadora” do homem e, portanto, colocada sob sua responsabilidade geral, a mulher é sua parceira na tarefa de dominar a terra para Deus. (KOSTENBERGER, 2011, p. 30-31)

Essa polêmica não se esgota tão facilmente e para maior entendimento do papel da mulher dentro dos padrões cristãos, buscaremos compreender alguns aspectos sobre ela também no Novo Testamento e em outros momentos da história, como por exemplo, como era o cotidiano da mulher greco-romana, da mulher judaico-palestinense e da mulher no Cristianismo primitivo (isto é, a mulher no Novo Testamento).

1.2 A mulher Greco-romana, Judaico-palestinense e a mulher no Novo Testamento

A Mulher Greco-Romana

A mulher Greco-romana possuía um espaço limitado na sociedade, mas mesmo assim podia ter profissão e participar das atividades econômicas. As mulheres nobres possuíam certa autonomia em relação às mulheres de classe inferior. No século I d.C, muitas eram educadas de forma esmerada e tinham funções importantes na vida pública. Tinham liberdade para viajar, possuir negócio próprio, oferecer e receber hospitalidade, e possuíam certa independência financeira. Moedas foram encontradas com o nome de mulheres desse tempo, significando que foram influentes na sociedade, provavelmente beneméritas ou funcionárias públicas. Muitas foram comerciantes de artigos de luxo.

Na antiga Roma as mulheres da nobreza circulavam livremente em público, recebiam formação e se associavam a outras mulheres em associações familiares ou femininas. No entanto, nessas associações elas sempre apareciam ao lado de homens, e em menor número. As mulheres ricas fundavam os clubes masculinos e dentro dos lares eram consideradas sacerdotisas ou líderes dos cultos familiares. De acordo com Cunha (2003, p. 95): “as mulheres romanas alcançaram, em determinado período do império, uma liberdade e autonomia que indignaram historiadores posteriores que viviam em um mundo no qual a mulher se havia submetido novamente ao poder masculino”.

Na sociedade Greco-romana, a mulher não era, no entanto, considerada cidadã; Ela era “mãe, filha ou esposa de cidadão” (cf. ZAIDMANN, 1993 p. 411-412). O seu domínio era o interior do lar. Um contraste entre as mulheres gregas e as romanas era que enquanto as romanas podiam acompanhar os maridos às festas e banquetes, as gregas deveriam permanecer reclusas em casa.

Assim, a mulher fica restrita aos limites de sua casa, a mulher casada podendo ir até as portas externas e as solteiras permanecendo apenas nos limites internos da casa. As mulheres eram responsáveis pela educação dos filhos e cuidados com o marido, cuidavam da alimentação, do vestuário, dividiam os serviços entre os escravos e as casas funcionavam ao redor delas.

Os rituais e práticas religiosos eram comandados pelas mulheres – orações e libações – os homens ofereciam o sacrifício. Outrossim, as mulheres mais velhas exerciam autoridade religiosa sobre as mais jovens no interior de suas casas.

A Mulher Judaico-palestinense

Na família judaica de tradição patriarcal, a mulher vivia excluída da vida pública. Tudo era centrado na figura masculina, o marido é senhor (*ba-al*) da mulher. Na casa paterna o lugar das filhas vem sempre depois dos meninos, a formação era limitada, aprendiam a coser, fiar, a realizar trabalhos domésticos e a cuidar dos irmãos.

O pai escolhe o cônjuge (o genro) e a filha não tem direito à recusa. Pode também vendê-la como escrava. O pai é a autoridade soberana até os doze anos e dele ela depende até se casar. Após os doze anos pode se casar sem o consentimento do pai, mas o dote que o noivo paga por ela vai para o pai. Com o casamento, a autoridade do pai sobre ela é transferida ao marido. Ademais, as mulheres solteiras não podiam servir a mesa quando

tinham convidados, pois poderiam ouvir as conversas, principalmente as solteiras, e estas viviam encerradas no interior das casas.

De acordo com Jeremias (1983, p. 478), os deveres da esposa eram atender às necessidades do lar, como cozinhar, lavar, passar, costurar, cuidar dos filhos, fiar, tecer, arrumar o banho e a cama do marido. Ela devia uma obediência religiosa ao marido como seu senhor. Não ter filhos era considerado uma desonra ou castigo divino, já o fato de dar filhos homens ao marido outorgava *status* à mulher. Assim, as mães eram valorizadas pela sociedade.

As mulheres judias viviam sob uma rígida herança patriarcal. Eram oprimidas socialmente, não participavam da vida pública, eram discriminadas por leis religiosas que as impediam de pronunciar publicamente, eram separadas nos templos, não podiam cumprimentar nem serem cumprimentadas por homens nem encontrar-se sozinhas com eles. A mulher que fosse pega fazendo alguma dessas coisas, ou até mesmo, fosse encontrada fora de casa, podia ser repudiada.

Quando sai de casa, a mulher cuja família vive sob as leis do judaísmo deve cobrir sua cabeça com um manto para que seu rosto não seja reconhecido. Essas regras eram mais severas no contexto urbano e nas classes mais abastadas, pois nas classes populares mulheres ajudavam seus maridos, inclusive no comércio.

A religião em que esta mulher estava inserida era preconceituosa e discriminatória, era uma religião para homens, a mulher não participava dos cultos nem dos rituais sagrados. Ela era considerada impura, a figura do pecado. Exemplo disso é o comentário que se faz de Gênesis 3, onde a mulher é responsabilizada por levar o homem a pecar quando lhe oferece o fruto do conhecimento do bem e do mal.

As escolas eram reservadas para os meninos. Era preferível queimar o Torá que ensiná-lo a uma mulher. Porém, existiam lideranças femininas nas comunidades judaicas, como comprovam alguns escritos antigos. Mesmo sob o governo romano, algumas mulheres se destacaram na vida pública e religiosa. Na verdade, é difícil saber ao certo qual o tamanho da influência que exerceram em seu tempo, visto que a história foi contada, conforme afirmamos anteriormente, pela ótica masculina.

Enfim, por serem consideradas impuras, as mulheres não tinham lugar de destaque nas sinagogas. Jesus, pelo fato de ser Galileu, não deu importância a essas normas e “deixou-se cercar e seguir por mulheres, considerando-as iguais aos homens, e reestabeleceu sua dignidade perdida devido aos costumes da cultura patriarcal” (TAMEZ, 2004, p. 11).

Feitas estas considerações, realizaremos agora um breve percurso pelo movimento feminista e analisaremos as possíveis aproximações e distanciamentos entre ele e a teologia cristã.

A Mulher no Novo Testamento

Saindo do Antigo Testamento em direção aos Evangelhos, (reiterando aqui que nos referimos apenas aos livros de Mateus, Marcos, Lucas e João como evangelho), com o advento do Cristianismo, pudemos perceber que a presença das mulheres para seu surgimento e consolidação foi fundamental.

Segundo Silva (2008), no Cristianismo primitivo algumas comunidades eram lideradas por mulheres, as mulheres tiveram papel predominante no nascimento das primeiras comunidades que seguiam os ensinamentos de Jesus. Celso, escritor pagão do século II, zombava do Cristianismo porque era uma religião somente de mulheres que atraía pessoas simples, sem cultura, além de escravos e crianças. Afirmava ainda que a base do mesmo, a ressurreição de Jesus, nada mais era que uma história inventada por um bando de mulheres históricas, entre elas, Maria Madalena, uma das grandes líderes do Cristianismo após a morte de Jesus.

As primeiras igrejas funcionavam na casa dessas mulheres, elas eram grandes mantenedoras do ministério dos apóstolos, entre eles Paulo. Autores como Fiorenza (1992) afirmam que não havia diferença nas funções entre homens e mulheres nos primórdios do Cristianismo. As diferenças surgiram bem mais tarde, no final do século III, e aos poucos as mulheres foram perdendo espaço, e a ideia de sucessão apostólica ligada à liderança petrina ganhou força.

Em seguida, o celibato e a virgindade ganham importância e o matrimônio cai. A mulher se distancia cada vez mais do altar, porque a figura dela é aliada ao pecado, ela é a representante de Eva pecadora, o mal encarnado, do qual o homem, e principalmente o sacerdote deve se abster. Lentamente a figura de Maria Madalena e de tantas outras mulheres que lideraram o Cristianismo cai no esquecimento e apenas a figura de varões é lembrada e cultuada. Sendo assim, seria dever do Cristianismo atualmente resgatar a memória desta e de tantas outras mulheres relegadas ao esquecimento por um patriarcado doentio e segregatório (cf. SILVA, 2008).

Conhecer a história da mulher na sociedade antiga não é tarefa fácil, as fontes históricas às quais temos acesso possuem um olhar androcêntrico, ou seja, é por meio do olhar masculino que o feminino ficou conhecido.

Mesmo nascendo em uma cultura tão conservadora e com papéis muito restritivos para as mulheres, o movimento de Jesus e do Cristianismo foi fortemente comandado e disseminado por mulheres. As mulheres tiveram papel fundamental na consolidação desse novo modelo religioso. Foi um movimento de renovação dentro do Judaísmo.

Ao tratarmos de Jesus ao longo desse trabalho, sempre nos ateremos ao ponto de vista do Jesus cristão, deixando de lado o fato de ele ser judeu e seus seguidores também, até porque não existe até o momento “uma reconstrução judaica crítica, feminista do judaísmo do primeiro século” (FIORENZA apud SILVA, 1992, p.133-136).

No movimento de Jesus, as pessoas que viviam à margem da sociedade eram acolhidas. O Cristianismo se originou dentro do judaísmo da Palestina num contexto Greco-romano. São duas culturas de domínio patriarcal em que a mulher tem um papel secundário. A cultura e ideologia patriarcal greco-romanas marcaram definitivamente o mundo ocidental. As primeiras comunidades surgiram em ambiente judaico-palestinese, depois se expandiram para outras regiões no mundo greco-romano. Destaca-se a presença das mulheres no movimento de Jesus como nas comunidades que surgiram. (SILVA, 2008, p. 23)

No movimento cristão primitivo, as reuniões eram realizadas nas casas. A igreja doméstica oferecia à mulher posição de igualdade, já que elas estavam em um ambiente na qual dominavam. Já era costume as mulheres ricas abrirem suas casas para cultos, inclusive mulheres judias da Diáspora também abriam suas grandes casas.

Mas não somente as mulheres ricas acompanhavam o movimento, também era grande a aceitação por parte das mulheres do estrato inferior da sociedade. Por ser proibido o aborto e o infanticídio, cresceu o número de mulheres no período do nascimento do mundo cristão, pois nesse tempo não se matavam mais bebês do sexo feminino, como em alguns momentos da história.

O divórcio, o incesto, o adultério, a poligamia, eram condenados pelo Cristianismo e os homens eram orientados a permanecerem virgens até o casamento. Na sociedade pagã havia um período de dois anos para que viúvas contraíssem novas núpcias, do contrário seriam multadas. Já para o Cristianismo, havia um profundo respeito pelas viúvas, sendo que toda a comunidade as assistia em suas necessidades. Se fossem ricas, continuavam no comando de suas posses e não eram encorajadas a se casarem novamente em nenhum dos casos.

O matrimônio era mais bem vivido pela cristã em comparação com a mulher pagã, pois viviam em maior igualdade. A mulher cristã também possuía o direito de escolher o

matrimônio em uma idade mais avançada, já que a pagã era obrigada a se casar na pré-adolescência. Segundo Stark (2006, p. 120): “existe um consenso entre os historiadores da igreja e os estudiosos da bíblia de que as mulheres detinham posição de honra e autoridade no interior do Cristianismo primitivo”. A este respeito, existem evidências da presença de algumas mulheres no movimento apostólico após a morte e ressurreição de Jesus.

No tempo das perseguições romanas as mulheres foram mortas em maior número, o que evidencia a liderança feminina naquela época. Até mesmo no advento da morte de Cristo a presença feminina é marcante, visto que de acordo com os relatos dos evangelhos na hora da perseguição e prisão os homens fugiram, ao passo que apenas as mulheres permaneceram com ele.

Segundo Tamez (2004, p. 71) “no movimento de Jesus sempre houve mulheres discípulas, apóstolas e missionárias, mas como a linguagem as exclui, às vezes as pessoas pensam que o movimento era formado somente por homens”. Podemos exemplificar Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e Salomé, existindo a hipótese destas mulheres terem abandonado suas famílias e marido para seguirem o movimento. Por esta causa, não possuíam boa reputação perante a sociedade, sendo consideradas “mulheres públicas”.

Sobre a importância da mulher no movimento de Jesus, Silva (2008) assim escreve:

Segundo Fiorenza temos documentação de duas tradições evangélicas diferentes que falam da importância das mulheres para a expansão do movimento de Jesus a não-israelitas. Elas foram os primeiros não-judeus a se tornarem membros do grupo de Jesus. Um exemplo é a mulher sírio-fenícia que se torna “mãe” apostólica de todos os cristãos “gentios”. Mulheres, que provaram a bondade do Deus de Jesus tornaram-se líderes e expandiram o movimento de Jesus na Galiléia, desafiando “o movimento Galileu a estender sua comunhão de mesa também às gentias, elas salvaguardaram o discipulado inclusivo de iguais suscitado por Jesus”. (SILVA, 2008, p. 30)

Todas as evidências canônicas nos levam a crer que mulheres atuavam como discípulas além de testemunharem e implantarem novas igrejas. É possível que elas também ministravam, batizavam e serviam a Ceia do Senhor, pois o fato de Tertuliano proibir a mulher de exercer qualquer função sacerdotal denota que havia mulheres que agiam como tal, pois, do contrário, tal proibição não faria sentido.

Parte do sucesso da propagação do Cristianismo estava relacionado ao seu potencial em oferecer às mulheres escravas e livres o direito de se tornarem diaconisas, visto que o ministério sacerdotal era hereditário e lucrativo. Apesar dessa tradição liberal não ter sobrevivido, elas marcaram o fim da tradição clássica grega.

Em relação a um certo movimento com o intuito de ocultar a verdade sobre o papel da mulher no judaísmo antigo e no Cristianismo primitivo, D'Angelo (1990, p. 80) declara: “As recomendações androcêntricas se tornam numerosas a partir do momento em que o movimento das mulheres vai se tornando importante dentro da sociedade. Esses textos patriarcais são reveladores do que os judeus queriam para as mulheres, o que muitas vezes não corresponde à realidade”. Mais uma vez voltamos ao que foi afirmado no início desta pesquisa, ou seja, a Bíblia como um livro histórico e cultural possui aspectos machistas e relega à mulher um lugar de inferioridade e subserviência, no entanto a mensagem da Bíblia *como um todo*, principalmente no Novo Testamento por meio da pessoa de Jesus, não o é. Jesus é visto pelas estudiosas do movimento da Teologia Feminina como o resgatador desta verdadeira identidade. Vejamos o que Oliveira (2009) nos afirma acerca disso:

Durante muito tempo as igrejas utilizaram a Bíblia de forma a estabelecer uma subordinação da mulher ao homem legitimando assim uma inferioridade intelectual social. Elizabeth Cady Stanton e suas colaboradoras, ao produzirem a Bíblia da Mulher em 1895-1898, partiam de dois pressupostos que ainda são considerados válidos pela teologia feminista hoje: a Bíblia é usada como arma política contra a emancipação das mulheres: a Bíblia é um livro político: esse uso contra a mulher pode encontrar justificação no fato de a própria Bíblia ser também expressão de uma cultura e sociedade patriarcal (FIORENZA, 1992, p.29). O processo de despatriarcalizar a interpretação bíblica continua sendo um desafio para a teólogas femininas. (OLIVEIRA, 2009, p.41)

CAPÍTULO 2

FEMINISMO E TEOLOGIA

O feminismo tem seu início no século XIX com a luta das sufragistas pelo voto e outros direitos negados às mulheres, e prossegue pelo século XX como marca de luta pela democracia. No Brasil ele surge ao final da década de 1970, com a mudança democrática no país e é marcado pela presença de mulheres brancas da classe média.

O movimento questiona o papel da mulher dentro da família, no trabalho e também na sociedade, e levanta a bandeira de transformação das relações humanas, buscando colocar fim a desigualdades sociais e de gênero. As mulheres brasileiras aproveitaram bem a onda feminista e muitas passaram a valorizar a carreira profissional, foram cursar pós-graduação, apesar de que ainda se via uma preferência por carreiras que exigiam cuidados, tais como a educação, saúde e assistência social, por exemplo.

Novos avanços acontecem no feminismo brasileiro nas décadas de 1980 e 1990. Nos anos 80, incorporam-se ao movimento mulheres pobres e trabalhadoras das áreas rurais e urbanas. Na década seguinte, as feministas colocam na agenda novos temas como ações afirmativas, cotas mínimas para mulheres nas direções dos sindicatos, partidos e nas listas para candidaturas a cargos eletivos e também começam a discutir o aborto. (SOARES, 2004, s.p.)

Em busca de conhecer melhor este cenário no Brasil, descobrimos que atualmente há um grupo de pesquisa que procura firmar gênero, feminismo e religião como campo de estudo. Esse grupo se intitula GREPO (Grupo de Estudo de Gênero, Política e Religião), coordenado pela Professora Doutora Maria José Fontelas Rosado-Nunes, da PUC/SP, que vem desenvolvendo seus trabalhos desde 2010 com o auxílio da Secretaria Política de Mulheres (SPM) e também do CNPq, os quais financiam suas pesquisas.

O objetivo da pesquisa é interrogar a existência de um campo específico do conhecimento constituído pelo binômio “gênero/feminismo e religião”. A primeira etapa consistiu em quantificar as teses e dissertações do Banco de Teses da CAPES do período compreendido entre 1987 e 2010 que utilizassem as categorias gênero e religião e/ou feminismo e religião. Em seguida, colher e cruzar informações sobre anos de maior produção, universidades nas quais foram realizadas, área da pesquisa, agência financiadora, religiões estudadas e campos empíricos predominantes. Depois perguntar por meio de uma leitura minuciosa dos trabalhos, feita pelos integrantes do GREPO, o sentido dado a gênero e/ou feminismo e religião. Como os dois temas se relacionam? Quais as proposições feministas trabalhadas na pesquisa? (MATOS, CUNHA, 2013, s.p.)

Segundo os autores, no levantamento feito pelo grupo, foram encontradas 95 teses e dissertações escritas no período de 1987 e 2010, sendo que dos 95 trabalhos, 78 eram dissertações e 17 teses. Detectaram, também, que a maioria dos autores são mulheres, sendo 61 dissertações e 14 teses tendo a mulher como pesquisadora, contra 17 dissertações e 3 teses produzidas por homens. O trabalho deste grupo demonstra que as mulheres estão liderando o campo de pesquisa gênero/feminismo/religião e segundo os pesquisadores do GREPO, as mulheres estão no topo da produção científica quando se trata deste tema.

Religião também é considerada um campo de estudos, de acordo com a definição de Bourdieu para “campo”. Bonnewitz (2003), a seu turno, declara ser a religião um campo de forças opostas em que aquele com mais capital domina. É um sistema cultural com estruturas vivas, ela não se esgota em si mesma, ela se redefine, se modifica, se renova, se recria, incorporando novos valores, permanecendo no *ethos* da sociedade, mesmo que não ocupe mais o lugar central, tem sua (grande) relevância.

As religiões foram provavelmente o campo que mais sofreram o impacto do feminismo, seja pela mudança na prática religiosa das mulheres, seja pelo surgimento de um novo discurso, a Teologia Feminista. A teologia pensada por homens para servir a outros homens ganhou uma nova roupagem, outros saberes. A teologia feminista cristã é feita por mulheres cristãs que buscam compartilhar e contribuir por meio de suas pesquisas e experiências para a consciência da dignidade e da responsabilidade das mulheres (PONTES, 2014).

Os efeitos da crítica feminista às religiões também causaram grandes transformações, como o abandono da fé pelas mulheres e o aparecimento de lugares de cultos femininos, os mais diversos, traduzidos em uma criatividade e uma espiritualidade efervescente. Nesse sentido, Rosado (2001, s.p.) afirma que “as análises feministas da religião tiveram início com o desenvolvimento de uma crítica interna à religião, feitas por mulheres adeptas e praticantes da fé cristã. Assim, é enquanto movimento social inspirador de práticas de resistência à situação de sujeição das mulheres que o feminismo atua, de início, no campo religioso”.

No século XIX surge a primeira versão feminista do texto bíblico, elaborado por mulheres especialistas na área. Entre 1895 e 1898 Elisabeth Stanton lança, nos Estados Unidos, um primeiro projeto de revisão e de reinterpretação do texto bíblico sob o título *The Women's Bible*, que dará o pontapé inicial a um longo e fragmentado processo que culminará com a Teologia Feminista, que acontecerá no final dos anos 1960 em concomitância com a Teologia da Libertação.

Rosado (2001) faz uma análise profunda sobre a influência da Teologia feminista e declara:

Assim como aconteceu de forma consistente na área teológica, com a constituição de um campo novo, a Teologia feminista, também nas Ciências Humanas ocorreram inovações devidas à introdução de elementos teórico-metodológicos oriundos do Feminismo, para a análise das religiões. Em um primeiro momento, a crítica das religiões foi feita no plano político e militante. As religiões foram tratadas apenas como instrumentos dos mais eficazes para o controle das mulheres e a manutenção de sua subordinação social e religiosa. Woodhead considera que o legado menos útil do feminismo foi a tendência a abordar o estudo de religião e gênero em termos de uma problemática simples: a religião é "boa" (libertadora) ou "má" para as mulheres? Ela reforça ou solapa o patriarcado?

Posteriormente, o desenvolvimento de pesquisas de caráter acadêmico, mais analíticas e com bases empíricas, aplicaram ao domínio das religiões, conceitos e métodos de pesquisa feministas. Foi possível assim, avaliar a complexidade das relações existentes no interior do campo religioso. Desvendaram-se os laços ambíguos e contraditórios das mulheres às religiões e destas às mulheres, no interior das organizações religiosas. A observação empírica mostrou as religiões como espaços sociais complexos, portadores de contradições, que não funcionam sempre e em todas as sociedades como forças conservadoras. Dadas certas circunstâncias, elas podem funcionar como forças mobilizadoras, levando as mulheres a resistir ao seu poder disciplinador. (ROSADO, 2001, s.p.)

É possível perceber que as pesquisadoras feministas não apenas foram bem sucedidas em se fazerem respeitar como tal, alterando a prática religiosa, como também provocaram mudanças nos estudos acadêmicos da religião; segundo Rosado (2001, s.p.): “todas as áreas dentro dessa disciplina foram afetadas pelos métodos feministas, dos estudos bíblicos aos estudos comparados de religiões”.

Há alguma evidência sociológica que comprova que homens e mulheres interpretam símbolos religiosos de maneiras diferentes. Além da sociologia, outra área de importante contribuição dos estudos feministas foi a da história das religiões, pois foram elas que primeiro tomaram consciência da “memória seletiva e sexuada da história” (ROSADO, 2001, s.p.). Ainda segundo a mesma autora, “interrogando a historiografia existente, o silêncio sobre o protagonismo feminino e enfrentando a dificuldade das fontes”, historiadoras das religiões têm buscado escrever outra história, em que fatos, personagens, processos são moldados pelas relações estabelecidas entre os sexos. Também as religiosas católicas, “rigorosamente treinadas para não terem história pessoal ou comunitária”, têm sido objeto de pesquisa histórica e sociológica.

A teologia é um empreendimento cultural e histórico condicionado, como bem lembra Fiorenza (1992), e o estudo histórico-crítico e o debate hermenêutico na atualidade enfatizam isso. Segundo a mesma autora, não apenas a teologia, mas a revelação do próprio Deus nas Escrituras é expressa em linguagem humana e, portanto, é permeada por conceitos e problemas culturais condicionantes. A teologia e a sociedade por muito tempo produziu um conhecimento que nega a sexualidade feminina e masculina, e isso contribuiu para que tanto a

Bíblia como a teologia expressasse a verdade em linguagem e imagens sexistas. A mesma autora assim nos alerta:

Textos androcêntricos e construções linguísticas da realidade não se devem tomar erroneamente como documento fidedigno de história, cultura e religião humana. O texto pode ser a mensagem, mas a mensagem não é coincidente com a realidade e história humana. Por isso uma hermenêutica crítica feminista deve ir dos textos androcêntricos aos seus contextos sociohistóricos. (FIORENZA, 1992 p.56)

2.1 Mulher e trabalho em alguns textos da Antigo Testamento

Como verificamos anteriormente, ao longo desse trabalho, por ser um livro histórico e cultural a Bíblia, muitas vezes, foi (e é) mal interpretada, ou como alerta Agostinho, usada para perpetuar uma doutrina ou pensamento pessoal a respeito de algo, no momento da tradução, e com relação à mulher e sua representação, foi possível observar que muitas vezes isto aconteceu.

Aqueles que têm a Bíblia como regra de fé e acreditam que a mensagem contida nela é atemporal, procuram fazer um estudo exegético⁶ da mesma, para descartar, quando possível, esses erros de tradução, buscando a mensagem nos textos originais, na maioria das vezes.

Houve tempos em que a mulher foi proibida de exercer qualquer função fora de casa, as virgens donzelas sequer podiam sair às ruas, sendo que a obrigação principal da mulher casada era cuidar de sua casa, marido e filhos. A desculpa para tal atitude se dava pelo fato da mulher ser concebida como sedutora, assim os homens não podiam se aproximar delas, pois podiam cair em tentação. Até mesmo alguns textos do Antigo Testamento que discorrem sobre impureza eram utilizados para corroborar tal atitude.

A respeito da submissão feminina, pautar-me-ei na explicação de Devi Titus, evangelista norte-americana, a qual sempre explicita com muita clareza o termo “submissão” com base em Gênesis 2.4. Sobre a ajudadora adequada ela afirma que o homem está em uma missão, e segundo a Bíblia, especificamente em Efésios 5.25, a missão do homem é amar a sua mulher como Cristo amou a Igreja. Afirma o texto: “Maridos, amai vossa mulher como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela.” (BÍBLIA SAGRADA, EFÉSIOS 5.25).

⁶ O uso da hermenêutica é denominado exegese. Exegese é o mesmo que exposição. “O método exegético é o modo de proceder sistematicamente sobre um texto para compreendê-lo”. (ZUCK, 1994, p. 20). A exegese é a aplicação da hermenêutica, ou seja, da ciência da interpretação.

Se a missão do marido é amar sua mulher, esta se encontra em uma sub-missão, ou seja, embaixo da missão do marido e, como ajudadora adequada que é, essa sub-missão é fazer com que ele, o marido, ame com perfeição. Desta forma, ser submissa a quem ama de forma tão completa (e que seria capaz de até mesmo entregar a vida por esse amor), não parece ser, nesta concepção, um “fardo” tão pesado.

Se voltarmos para Gênesis 3.15, nos depararemos com o texto em que Deus dá o castigo ao homem e a mulher por sua desobediência. Gostaria de abrir parênteses a respeito desta parte. Muitos até hoje acreditam que o pecado que o homem e a mulher cometeram foi o sexo, entretanto todos os estudiosos das escrituras (por nós consultados) afirmam com convicção que o sexo foi ordenado por Deus no momento da criação quando declarou: “Multiplicai-vos e enchei a terra” (GÊNESIS 1.28). De tal modo, o pecado original não é o que a maioria dos leigos acredita ser, e sim a *desobediência* uma vez que ao desobedecerem a Deus, tanto o homem quanto a mulher receberam punições.

O castigo da mulher está escrito em Gênesis, “Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o seu desejo será para o teu marido, e ele te governará” (BÍBLIA SAGRADA, Gênesis 3.16). Se analisarmos este versículo⁷, de acordo com o que foi escrito sobre o relato da criação de Gênesis 1.27, o governo do homem sobre a mulher seria então um castigo e não o desejo inicial de Deus, pois quando foram criados havia igualdade de papéis entre eles, isto é, eles foram criados com o mesmo propósito, ou seja, governar a terra e povoá-la.

Kostenberg (2011) não concorda com esta afirmação, pois para ele a submissão da mulher ao homem e a superioridade deste sobre aquela está bem definido em Gênesis 2.21-23, onde se encontra o segundo relato da criação. A mulher foi criada para o homem, e não o homem para a mulher, segundo ele.

Ainda sobre essa temática, distinção de papéis e o castigo aplicado, Grudem (2006) apresenta-nos uma explanação esclarecedora. Vejamos:

Nos castigos que Deus impôs a Adão e Eva, não introduziu ele novos papéis ou funções, mas simplesmente a dor e a distorção nas funções já previamente estabelecidas. Assim, Adão ainda teria que a responsabilidade primária de arar o solo e cultivar as lavouras, mas o solo produziria “cardos e abrolhos” e no suor do seu rosto ele comeria o seu pão (Gn 3.18,19). Do mesmo modo, Eva ainda teria a responsabilidade de gerar filhos, mas isso se tornaria doloroso: “em meio de dores darás à luz filhos” (Gn 3.16). Então Deus também introduziu o conflito e a dor no relacionamento anteriormente harmonioso entre Adão e Eva. Disse Deus a Eva: “o

⁷ A Bíblia é dividida em livros, capítulos e versículos. Versículo é o termo usado para designar as partes de um capítulo.

teu desejo será para o teu marido, e ele te governará” (Gn 3.16). Susan Foh argumentou com eficácia que a palavra traduzida por “desejo” é (heb. *teshúkah*), que significa “desejo de conquistar”, e indica que Eva teria o desejo ilegítimo de usurpar a autoridade do marido. Se essa interpretação da palavra “desejo” estiver correta, como parece estar, então indicaria que Deus introduz um conflito no relacionamento entre Adão e Eva, e o desejo de Eva de rebelar-se contra a autoridade de Adão. (GRUDEM, 1999, p. 381)

Grudem explicita que a partir de então, isto é, depois da queda, Adão passa a abusar da autoridade que Deus deu a ele sobre Eva: “assim, em ambos os casos, a maldição apenas introduziu *distorção* na liderança humilde e ponderada de Adão e na submissão inteligente e voluntária de Eva a essa liderança já existente antes da queda” (GRUDEM, 1999, p. 382).

Retomando a ideia central de nossa discussão, quer seja mulher e profissão na Bíblia, nosso fundamento recai em Provérbios 31.10-30, em que o perfil da mulher *que agrada a Deus* é contado. Esta passagem bíblica é um poema acróstico em que cada versículo se inicia com uma das 22 letras do alfabeto hebraico e é uma das passagens mais citadas quando se trata do valor da mulher e de seu desempenho em sociedade. Sobre este relato Feldman (2007, p. 13) afirma que o trecho dos Provérbios, conhecido como “a mulher virtuosa” (PROVÉRBIOS 31.10-31), se tornou um símbolo do modelo feminino e foi agregado ao ritual familiar da ceia do *Shabat*. Este modelo é de uma mulher ativa, empreendedora e muito produtiva.

Vejamos o que declara o texto bíblico:

- 10- Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de finas joias.
- 11- O coração do seu marido confia nela, e não haverá falta de ganho.
- 12- Ela lhe faz bem e não mal, todos os dias da sua vida.
- 13- **Busca lã e linho e de bom grado trabalha com as mãos.**
- 14- É como o navio mercante: de longe traz o seu pão.
- 15- **É ainda noite, e já se levanta, e dá mantimento à sua casa e a tarefa às suas servas.**
- 16- **Examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com as rendas do seu trabalho.**
- 17- Cinge os lombos de força e fortalece os braços.
- 18- Ela percebe que o seu ganho é bom; a sua lâmpada não se apaga de noite.
- 19- Estende as mãos ao fuso, mãos que pegam na roca.
- 20- Abre a mão ao aflito; e ainda estende a mão ao necessitado.
- 21- No tocante à sua casa, não teme a neve, pois todos andam vestidos dela escarlate.
- 22- Faz para si cobertas, veste-se de linho fino e de púrpura.
- 23- Seu marido é estimado entre os juízes, quando se assenta com os anciãos da terra.
- 24- **Ela faz roupas de linho fino, e vende-as, e dá cinta aos mercadores.**
- 25- A força e a dignidade são os seus vestidos, e, quanto ao dia de amanhã, não tem preocupação.
- 26- Fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua.
- 27- Atende ao bom andamento da sua casa e não come o pão da preguiça.
- 28- Levantam-se seus filhos e lhe chamam ditosa, seu marido a louva dizendo:

29- Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas.

30- Enganosa é a graça, e vã, a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa será louvada.

31- Dai-lhe do fruto das suas mãos, e de público a louvarão as suas obras. (BÍBLIA SAGRADA, Pv. 31:10-30)

O texto inicia louvando o valor da mulher virtuosa, o valor dela “muito excede o de finas joias” (PROVÉRBIOS, 31.10). A partir do versículo 13 se demonstra que esta mulher *trabalha ao lado de seu marido para manter a casa*, pois ela *costura* muito bem o linho, e também *tece* com lã. No versículo 24 declara que estas roupas de linho fino e cinto ela *vende* aos mercadores. Nesse sentido, “cinta”, no texto bíblico, pode se referir tanto à bainha das espadas, quanto às tiras que prendiam as vestes, de acordo com o Dicionário Bíblico Vida Nova (2000).

Verificamos neste texto o perfil de uma *vendedora* por excelência, e se voltarmos para o versículo 16, é afirmado que “ela examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com as rendas de seu trabalho”. Além de *vendedora*, ela também é uma *empreendedora*, pequena empresária, pois apresenta ter talento para vendas, além de saber *comprar e investir* o dinheiro ganho.

Esta mulher cuida bem de sua casa, de seu marido e filhos, como descritos nos versículos 21, 27 e 28, mas também *tem uma profissão* e se sai muito bem no empenho da mesma, como qualquer mulher deste século. Portanto, afirmar que a mulher é (ou deveria ser) proibida de exercer alguma profissão alegando ser esta a ideia do Cristianismo é mostrar desconhecimento do texto bíblico. Aliás, este texto é um dos mais citados do Antigo Testamento para descrever a mulher que o homem deve procurar.

A Bíblia também retrata o cotidiano de várias famílias e por meio dessas histórias é possível identificar como se dava o relacionamento da mulher em sociedade e também com seus familiares. Em Gênesis 21.12, por exemplo, se nos apresenta o relato do patriarca Abraão consultando a Deus sobre o que fazer com sua serva-concubina Hagar (e seu filho Ismael), pois Sara sua esposa, manda que os expulse de casa. Deus dá uma ordem a Abraão um tanto quanto inusitada para os padrões da época: “tudo que te disser Sara, escuta a sua voz”.

Na passagem da saída do povo hebreu do Egito em Êxodo 20.21 lemos que ao findar a travessia do Mar Vermelho, Miriã, irmã de Moisés e Arão, dirige o canto e as danças de celebração pelo livramento. Mais adiante no texto bíblico pode-se perceber a liderança dela entre as mulheres e como seus irmãos se apoiavam em seus conselhos.

Há, também, o exemplo de Débora, juíza e profetiza que ao lado do general Barak comandou o exército que venceu os cananeus. É incontestável o relato de que sua presença foi

decisiva, pois foi a ela que Deus deu a estratégia para saírem vencedores. A história está relatada no livro de Juízes, capítulos 4 e 5.

Outra influente mulher foi a profetiza Hulda. Contemporânea de Jeremias, considerada uma mulher sábia, o rei Josias por três vezes pediu seus conselhos e profecia. Sua história é narrada no livro de II Reis 22:14-26. No Novo Testamento há, também, o relato de mulheres que possuíam profissão (assim como a mulher de Provérbios). Pode-se citar Lídia, vendedora de púrpura, comerciante rica e influente, amiga de Paulo, também conhecida como a primeira pessoa gentia⁸ a se converter ao Cristianismo. Percebemos, portanto, que o texto bíblico como um todo não é segregatório ou machista, mas a tradução e, muitas vezes, o uso que se faz dele (do texto), pode vir a se tornar.

Enfim, em relação à profissão, a concepção de *mulher* tida como exemplo ou ideal pela Bíblia, base da disciplina Educação Cristã, nos mostra que ela é *empreendedora* e *comerciante*; assim a ideia de que a mulher não pode possuir uma profissão por “questões bíblicas” não se sustenta. A mulher retratada em Provérbios 10, assim como Lídia, Miriã, Débora, e tantas outras, foram *líderes* e *profissionais influentes* no seu tempo.

Feitas estas considerações, avançaremos agora para o próximo subtópico, o qual destacará o que a Bíblia postula acerca da mulher e do prazer sexual, tentando desmistificar, desse modo, a ideia, advinda do senso comum⁹, de que o pecado original referir-se-ia ao sexo em si. Em outros termos, a Bíblia, em inúmeros textos, concebe a relação sexual como um ato estabelecido por Deus, tanto para a procriação como para o prazer do casal.

2.2 Mulher cristã e o sexo

Como apontamos anteriormente, diferentemente do que é apregoadado pelo senso comum, a Bíblia não condena o sexo e nem tampouco o prazer. Ao contrário, há um livro que compõe o cânon bíblico intitulado Cantares de Salomão ou Cântico dos Cânticos, o qual trata exclusivamente da relação íntima de um casal. Na Teologia, atribui-se sua autoria a Salomão, embora não haja consenso entre os historiadores se o livro foi realmente escrito por ele ou sobre ele.

⁸ Originalmente significava “nações”, adquiriu, posteriormente, o sentido mais restrito de “não israelistas”. (Dicionário Bíblico Vida Nova, 2000, p. 144).

⁹ Afirmo isso baseado na observação de discursos recorrentes nas mídias (internet, TV, etc.) a respeito da queda do homem ter-se dado em virtude da prática sexual. Em nenhuma passagem das Escrituras há fundamento para tal assertiva.

Para os seguidores do Criacionismo, ao formar o homem e a mulher, Deus também criou o sexo, pois sua ordenança foi de “crescer e multiplicar” (GÊNESIS 1.28). A advertência da Bíblia é sobre o sexo fora do casamento, pois no texto bíblico o sexo é uma “benção” para o casal que se compromete um com o outro e tem a intenção da procriação. Salientamos, nesta pesquisa, que os escritores e principalmente os tradutores da Bíblia sofreram influência externa da cultura e do meio no qual estavam inseridos. A compreensão teológica foi marcada tão profundamente por essas questões que às vezes se torna difícil discernir entre o que é bíblico e o que não é.

Muitas vezes no Ocidente recorremos à “tradição judaico-cristã” para se falar da ética cristã, mas segundo Zilles (2009, p. 338), “poucas vezes se atende criticamente ao fato de que já no Cristianismo primitivo a maneira de avaliar moralmente os comportamentos sexuais e a reflexão sobre a sexualidade tem pouca base bíblica”. Há uma influência cultural muito grande no tocante à sexualidade.

A biologia de Aristóteles cuja influencia vai até o século XIX e a de vários filósofos é muito acentuada: “Até certo ponto, a moral cristã da sexualidade parece decorrer mais de uma matriz pagã e menos de raízes genuinamente cristãs até o Concílio Vaticano II.” (ZILLES, 2009, p. 338).

Aristóteles influenciou tanto filósofos quanto teólogos com sua concepção de que o varão carrega o sêmen e, portanto, o descarte desse sêmen de maneira inconsequente seria um grande pecado. O sêmen deveria ser depositado na sementeira, pois já carregava em si o potencial de gerações, então para ser um ato eximido de culpa, o ato sexual deveria ter por finalidade a procriação. Este pensamento também reforça biologicamente a inferioridade da mulher, pois a mesma, até então, é apenas a “sementeira”, não tendo participação efetiva no ato da concepção.

Outro pensamento que também deixou seu influxo foi o *neoplatonismo*, que acentua o dualismo entre corpo e alma, considerando o corpo como prisão da alma, inimigo do espírito, revelando assim uma visão negativa do corpo, consequentemente da sexualidade. Esse modelo aconselha uma vida mais voltada para a contemplação, mais pura, se abstendo do sexo (ZILLES, 2009, p. 338).

O *estoicismo greco-romano* teve sua participação e para Zilles (2009, p. 338) a interferência da mesma perdura até os dias de hoje.

As paixões e o prazer são fontes perturbadoras da alma porque contrárias à razão. Por isso propõe como ideal de vida a recusa do prazer, a ausência das paixões e a orientação da sexualidade para a procriação. As paixões devem ser dominadas, pois

a perfeição moral consiste na sua ausência (*apathèa*). E isto se consegue através da imperturbabilidade (*ataraxia*), ou seja, dominando os sentimentos pela razão.

Já a influência dualista do *gnosticismo*, relatado também no subitem sobre Ensino Religioso, deu-se por meio do pensamento de que há um deus do bem e um deus do mal. A carne e seus desejos são alimentos para o deus do mal e devem ser rejeitados, portanto, a continência sexual denota controle e deve ser buscada. Na mesma linha de pensamento encontramos o *maniqueísmo*, que também se apoia no conceito de luz e trevas, a matéria sendo fruto do mal, das trevas e a alma devendo se libertar desse mal, pois é luz. Esta também apregoa a necessidade de abstinência sexual (ZILLES, 2009).

O *neoplatonismo* e o *estoicismo* foram pilares para a elaboração da ética cristã, principalmente ao se tratar da sexualidade. O *gnosticismo* e o *maniqueísmo* foram rejeitados de forma contundente e taxados de heresia no plano dogmático, mas sua ação não se apagou do plano moral. Percebemos sua sombra quando a igreja católica instaura o sexo como sendo apenas para a procriação e institui a castidade como regra para os sacerdotes (ZILLES, 2009).

A fé bíblica compreende o sexo como algo criado por Deus, como um dom, ou seja, um presente dado por ele, mas exclui a sexualidade do conceito de Deus: “E isso é importante, do ponto de vista da história das religiões, pois não impede a fé de Israel de usar as relações do amor, o noivado e o casamento como figura para a relação de Deus com seu povo” (ZILLES, 2009, p. 339). Vemos então que apesar de toda a influência pagã, a Bíblia contém uma mensagem cristã, que valoriza e *enaltece* o sexo entre casados.

Em relação ao livro de Cantares, este tem apresentado um grande desafio para os estudiosos das Escrituras durante séculos, tanto para judeus quanto para cristãos. Em relação aos primeiros, pelo fato destes apresentarem uma forte tendência em tratar esse livro *apenas* como representação do amor entre Deus e seu povo (Israel).

Já entre os cristãos, apesar de muitos adotaram uma abordagem como essa, concordando que há uma simbologia entre o amor que Cristo tem por sua igreja e o casamento, não descartam que a interpretação mais coerente e natural de Cantares é que o mesmo traz uma perspectiva importante do plano de Deus para o casamento entre um homem e uma mulher.

O sexo não é visto na Bíblia como algo sujo que deve ser tolerado ou permitido no casamento; ele é uma relação especial, íntima, protegida e abençoada por Deus, e o prazer da mulher é aconselhado e até, de certa forma, ordenado no Novo Testamento, como ocorre em I Coríntios 7.3-4 quando Paulo apresenta conselhos acerca da vida íntima do casal. Ele assim

escreve: “o marido conceda à esposa o que lhe é devido (o prazer), semelhantemente, a esposa, ao seu marido”.

Alguns teólogos afirmam que o homem que não oferece prazer sexual à sua mulher não teria sequer as suas orações ouvidas por Deus, pois ao tratar sobre o relacionamento íntimo do casal, Pedro faz a seguinte advertência: “Igualmente vós maridos, coabitai¹⁰ com elas com entendimento, dando honra à mulher como vaso mais fraco; [...] para que não sejam impedidas vossas orações” (I Pedro 3:7). Assim, a Bíblia deixa explícita, por meio da Carta de Pedro, a necessidade do homem considerar o prazer da mulher na relação sexual.

Encerraremos este tópico com uma citação do Pontifício Conselho para a Família que traduz o que o Cristianismo acredita ser a sexualidade nos padrões bíblicos:

Quando o amor se realiza no matrimônio, o dom de si mesmo exprime, por intermédio do corpo, a complementaridade e a totalidade do dom; o amor conjugal torna-se então, força que enriquece e faz crescer as pessoas, ao mesmo tempo, contribui para alimentar a civilização do amor; quando, pelo contrário, falta o sentido e o significado do dom na sexualidade, acontece uma civilização das *coisas* e não das *peçoas*; uma civilização onde as pessoas se usam como se usam as coisas. No contexto da civilização do desfrutamento, a mulher pode tornar-se para o homem um objeto, os filhos, um obstáculo para os pais. (CONCILIO DO VATICANO II, 1966)

Diante do exposto, no próximo tópico discorro sobre mulher e casamento na Bíblia.

2.3 Mulher cristã e o casamento¹¹

Tratar sobre o papel da mulher dentro do casamento, segundo os padrões bíblicos, é um tema que apresenta diferentes interpretações. De um lado existem os defensores da submissão total da mulher (submissão retratada como subserviência), não permitindo inclusive que a mulher exerça profissão ou tenha liderança na igreja; de outro lado, há aqueles que defendem uma submissão parcial, mais parecida com respeito, com certa liberdade para esta atuar no mercado de trabalho e em alguns espaços da igreja; e, por último, há a corrente da Teologia Feminista que defende uma igualdade total de papéis e nega a ideia de “submissão”, pautando-se no segundo relato da criação quando Deus estabelece a humanidade sem fazer distinção entre homens e mulheres. Todos eles encontram na Bíblia, ou na interpretação que se faz dela, textos que corroboram sua opinião.

¹⁰ *Coabitar* na Bíblia, assim como conhecer, em geral, é usado para falar sobre a relação sexual entre o casal.

¹¹ Há muitas passagens na Bíblia que utilizam a figura do casamento para retratar o amor de Deus para com o seu povo Israel. No Antigo Testamento podemos citar Jeremias 2:1-3, Ezequiel capítulos 16 e 23, Oséias capítulos 1 a 3. No Novo Testamento encontramos essa alegoria em Efésios 2:22-33 e Apocalipse 19:7-8.

Voltaremos, neste ponto, a Grudem (2009, p. 373) quando afirma que a criação do ser humano como homem e mulher revela a imagem de Deus em: (1) relações interpessoais harmoniosas; (2) igualdade em termos de pessoalidade e de importância; e (3) diferença de papéis e autoridade. Apresentaremos a explanação de Grudem, uma vez que ela parece ser mais completa e elucidativa a respeito de tais questionamentos. Assim, faremos uma explicação detalhada de cada tópico.

Quando o teólogo explica que a criação do ser humano como homem e mulher revela a imagem de Deus em relações interpessoais harmoniosas, considera que Deus não criou os seres humanos para viverem isoladamente, mas os criou de tal forma que possam alcançar unidade interpessoal de várias maneiras em todos os âmbitos da sociedade, seja no relacionamento familiar, com amigos ou no casamento. Postula, portanto, que o homem e a mulher alcançam essa unidade total no casamento, pois é uma união não apenas de corpo, mas também emocional e espiritual. Existiria, assim, uma analogia do casamento com o relacionamento de Cristo e sua noiva (a igreja), pois “a união entre marido e mulher não é temporária, mas para a vida toda [...], e não é banal, mas um relacionamento profundo criado por Deus a fim de retratar a relação entre Cristo e sua igreja (Efésios 5.23-32).” (GRUDEM, 2009, p. 374).

Em relação à igualdade em termos de pessoalidade e de importância, o autor argumenta que assim como os membros da Trindade¹² são iguais na sua importância e na sua existência, como pessoas distintas que são, assim também homens e mulheres foram criados iguais na sua importância e pessoalidade, pois quando Deus os criou, “homem e mulher os criou, à sua imagem, conforme a sua semelhança”. Se Deus tivesse criado apenas mulheres ou apenas homens não teríamos oportunidade de ver o completo caráter dEle quanto o temos ao contemplarmos a complementaridade de homem e mulher, conjuntamente refletindo “a beleza e o caráter de Deus” (GRUDEM, 2009, p. 375).

Sobre o terceiro aspecto (3), o qual nos traz grande interesse por tratar da diferença de papéis, embora se acredite na igualdade entre homem e mulher no ato da criação, defende-se neste ponto uma distinção na execução dos mesmos. Grudem volta à comparação dos papéis dentro do casamento com aquele das diferentes pessoas da Trindade, o qual sendo um, age distintamente: “Embora os três membros da Trindade sejam iguais em poder e em todos os outros atributos, o Pai tem a autoridade mais elevada.” (GRUDEM, 2009, p. 378).

¹² Trindade: a palavra não se encontra na Bíblia. Embora tenha sido usada pela primeira vez por Tertuliano no final do século II d.C., encontrou lugar formal na teologia cristã somente no século IV. Entretanto é a doutrina distintiva e todo-abrangente da fé cristã. Faz três afirmações: há apenas um Deus; o Pai, o Filho e o Espírito Santo são todos Deus; e cada um deles é uma pessoa distinta.

O Pai não existe sem o Filho e igualmente os dois não existem sem a atuação do Espírito Santo. Eles são interdependentes, distintos em atuação, mas iguais em importância. Se levarmos este entendimento bíblico para o casamento, teremos uma melhor compreensão acerca do papel da mulher nele, pois, embora a autoridade seja do homem dentro do casamento, ao criar a mulher como “ajudadora adequada”, Deus estava sinalizando a incapacidade do mesmo em realizar tudo sozinho. Em outros termos, se analisado por este ângulo, Deus não estava rebaixando a mulher e sim, de certo modo, exaltando-a.

Embora não se possa negar a submissão feminina da mulher ao seu marido (a Bíblia é clara quanto a isso), a submissão se apresenta *apenas* em relação ao marido.

[..] o teu desejo será para o seu marido, e *ele te governará*. (GÊNESIS, 3.16)

As mulheres sejam submissas aos seus próprios maridos, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido. (EFÉSIOS 5.22-24)

Se Deus procura sempre fazer o melhor por seus filhos, acredita-se que esta seja a maneira mais correta de se viver a vida comum do matrimônio, ou seja, o homem exercendo uma liderança amorosa e a mulher sendo sua companheira em tudo. Mais uma vez reiteramos aqui, este é o *padrão bíblico*, nenhuma pessoa é obrigada a segui-lo, nem mesmo os cristãos. Apenas aqueles que acreditam na veracidade da criação e possuem a Bíblia como regra de fé optam por ele, pois se não há simplicidade ou facilidade em se pesquisar sobre algo tão complexo como submissão, muito menos o é colocar em prática tais arquétipos.

CAPÍTULO 3

A MULHER NA HISTÓRIA

Ao voltarmos na história e analisarmos a posição da mulher ao longo da mesma, poderemos perceber que o lugar ocupado por elas foi sempre secundário, o de coadjuvante, um adendo apenas, em outras palavras, poucas conseguiram o reconhecimento como protagonista. Segundo Luperini (2011, p. 28) “isso pode ter se dado perante as apresentações e concepções machistas de cunho religioso, político ou social vividas e/ou ditadas em diferentes momentos da existência humana”.

Atualmente a mulher tem conquistado certa representatividade social, mas ainda há muito que se alcançar em termos de direitos humanos. Discriminação e preconceito sempre existiram ao longo dos séculos em diferentes momentos e com diferentes motivações e personagens, como judeus, católicos e protestantes, e tantas outras minorias, mas a problemática da condição feminina de inferioridade foi sempre uma constante.

O que mudou foi a oportunidade que algumas mulheres tiveram (e têm) de denunciar sua condição histórica de inferioridade e injustiça social. Sobre isso Del Priore (1999, s.p.) postula que:

A mulher e por extensão seu corpo, podia ser definida como um ser cujas paixões detestáveis condenavam a posição de inferioridade, tanto no plano social quanto moral. A mulher tinha que ser salva dela mesma e somente o conseguia sob condição de viver sob normas imperativas.

Corroborando a essa análise, temos a citação de Gebara que, ao nosso entender, argumenta com clareza sobre a condição do corpo feminino e sua historicidade:

O corpo feminino é um corpo-objeto por excelência e, para que seja efetivamente assim, percebeu-se que é preciso que as próprias mulheres integrem as estruturas segundo as quais o corpo delas é percebido. Elas continuam em grande parte a comportar-se como objetos, porque, no fundo, a maioria acredita em sua inferioridade existencial, inferioridade de uma certa maneira legitimada pela cultura. A dominação se exerce pelo acordo, ou pelo menos com a cumplicidade das estruturas sociais diante desse tipo de comportamento. (GEBARA, 2000, p. 123)

O movimento feminista impulsionou discussões sobre identidade, papéis sexuais e de gênero e iniciou uma crítica ferrenha ao modelo assimétrico da sociedade e permitiu uma ampliação no estudo sobre as mulheres ao incluir o masculino na discussão.

Historicamente as relações de poder e gênero são entremeados de valores que colocam a mulher sempre em um plano inferior, fruto de construções simbólicas que dão relevância à supremacia masculina. Quando levadas ao entendimento de uma visão teológica, as construções de identidade de gênero e suas consecutivas relações de poder apoiam-se no tradicionalismo cultural existente nas religiões monoteístas, como o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo, para manter tal supremacia. (ARAGÃO FILHO, 2011, p. 12)

Este estudo como categoria analítica vem tomando grande proporção e abrangendo diversas áreas, entre elas destaque para a Antropologia, a Sociologia e a História. Essa perspectiva de estudo foi introduzida no campo científico por Scott (1995) e possibilitou grandes avanços na área de estudos feministas, principalmente na área de Ciências da Religião, pois impulsionou grandes discussões sobre identidade e papéis sexuais.

A mulher, aquela que é a perfeita para ser a parceira do homem, a ajudadora, a companheira, a esposa, a mãe. O ser meigo, delicado, dotado de todos os requisitos inerentes para amar e cuidar, aquela que possui sentimentos femininos como carinho, afeto, ternura. Relegadas pelo sistema patriarcal a serem reprodutoras apenas, na modernidade tiveram essa missão acentuada, pois se tornaram os ventres da mão de obra barata.

Parece-nos sinônimo do significado da palavra mulher os termos citados acima, pois retratam com clareza os papéis que esta representa na sociedade. Luperini (2011, p. 32) traz uma analogia interessante referente a estes papéis e afirma que, “se mulher fosse um verbo este seria um verbo transitivo direto ou indireto, ou seja, mulher é alguma coisa para alguém. E a mulher verbo intransitivo? Mulher que é e ponto? Mulher indivíduo, sem suas adjetivações, por si própria, na existência dos seres existentes, ela não o é?”.

A resposta a esses questionamentos ainda não se faz possível, pois dependem de um conjunto de valores sociais, políticos e religiosos, pois a questão de ser mulher vai além apenas de um conceito sexual, abrange a questão da constituição de gênero que sustenta a organização humana.

A percepção do sexo anatômico de uma criança, logo após o seu nascimento, não necessariamente corresponderá ao seu gênero. As matrizes de gênero desenhadas nas culturas e processos históricos têm a força de imprimir aos corpos algo que transcende sua anatomia. (SAMPAIO, 2002, p. 92)

Essa autora nos esclarece que segundo o sexo do nascimento, a criança será levada a se socializar com elementos masculinos ou femininos disponíveis na cultura na qual estiver inserida, ou seja, profissões, vestuários, conduta, etc. Poderíamos destacar aqui algumas profissões que são claramente voltadas para o público feminino, tais como a Pedagogia, o

Secretariado, etc., pois evocam um cuidado quase maternal, e outras que são ocupadas em sua maioria por homens, tais como cargos políticos e as Engenharias, por exemplo, que exigem maior poder de decisão.

Temos notado um crescente no tocante à ocupação feminina nesses espaços. Em estudo realizado entre os anos de 1990 a 2002 essa realidade foi comprovada, hoje é comum mulheres advogadas, engenheiras, médicas, ocupando cargos públicos, mas ainda assim o salário e o contingente feminino não é compatível com o dos homens que ocupam cargos semelhantes.

Costa (2005) afirma que mesmo as mulheres tendo acesso maior à titulação em ensinos superiores e capacitação comprovada, isso não tem se revertido em ganhos semelhantes ao de seus colegas do sexo masculino. Apesar de estar alcançando graus privilegiados na escala trabalhista e receber certa regulamentação pela legislação, a mão de obra feminina se encontra aquém em termos de valoração, quando comparada com seus correlacionados masculinos.

Essa disparidade também acontece entre as mulheres. Seria ingênuo acreditar na homogeneidade feminina, esse embate acontece tanto entre sujeitos do mesmo sexo quanto de sexos diferentes, pois está condicionada à natureza humana. Entre as mulheres existem aquelas que ambicionam poder e autoridade, anseiam por sucesso em detrimento de serem mães ou esposas; em uma sociedade patriarcal e androcêntrica isto soa como antinatural, até mesmo para (muitas) outras mulheres.

Meninas ao nascerem são presenteadas com bonecas, panelinhas, ursinhos de pelúcia, casinhas em miniaturas, e seguem por esse viés em sua criação. Já os meninos ganham bolas, carrinhos, farda de times, exércitos em miniaturas, denotando o que se espera que cada um adquira como habilidade em suas funções futuras. A esse respeito, me apoio em Luperini (2011) quando a mesma discorre que:

As diferenças entre homens e mulheres em relação às habilidades motoras existem, mas não dizem respeito apenas a sua composição biológica, nem somente se constituem pelo fato de ser homem ou mulher, porque ser hábil depende, além de outros aspectos, da individualidade do ser humano e, para alguns, de uma somatória de ritos praticados inicialmente por aqueles que ficam com sua guarda (os pais). Como diz Daólio (1995, p. 102), “Sobre um menino, mesmo antes de nascer já recai toda uma expectativa de segurança e altivez de um macho que vai dar sequência à linhagem (...) Pouco tempo depois lhe dão uma bola e estimulam-no aos primeiros chutes.

O mesmo autor completa afirmando que “em torno de uma menina paira toda uma névoa de delicadeza e cuidados. As meninas ganham de presente bonecas e utensílios de casa

em miniatura. Isso estimula sua destreza e competência, quase incomparável, no cuidar de um lar e de filhos”.

Para Simões (1998), a brincadeira com carrinho, revólver e afins para o corpo/menino, resultará em ações mais agressivas, e o brincar com bonecas para o corpo/menina traduz alguns estereótipos sociais como corpo/mãe, ou seja, serenidade, proteção, aconchego. Não deveria causar estranhamento, portanto, que esse menino tenha muito mais controle e objetividade de suas ações e emoções no tocante ao que ambiciona, nem tampouco que essa menina se sinta frágil e pouco agressiva para competir, se conformando em ser o segundo sexo, não somente diferente, mas também de menor valor (GEBARA, 2000).

Esses estereótipos se perpetuaram ao longo da história, traduzidos por uma cultura patriarcal onde tomaram forma no inconsciente coletivo. São frutos de mitos, de desconhecimento e até mesmo de uma “cientificidade” doentia, que afirma ser o corpo feminino inferior e menos inteligente que o masculino. A respeito disto, Capra postula:

Darwin mostrou que suas ideias acerca dos traços humanos estavam impregnadas do preconceito patriarcal de seu tempo, apesar da natureza revolucionária de sua teoria. Ele viu o macho típico como forte, bravo e inteligente e a fêmea típica como passiva, frágil de corpo e deficiente de cérebro. (CAPRA, 1982, p. 106)

Corroborando a estas ideias científicas, teremos mais adiante alguns estudos médicos que interpretariam que o *estudo* seria definitivamente prejudicial para as mulheres, pois as tornariam menos férteis. Assim, segundo eles, o trabalho intelectual diminuiria a saúde do útero, tornando-o lento e inoperante.

A produção científica do século XIX é profundamente marcada por estas discussões em torno da diferença entre os sexos. Segundo Rohden (2003), a figura do padre e do médico, como agentes de Deus, um que cura a alma e outro que cura o corpo, é profundamente reverenciada e seu acesso é livre ao corpo feminino, tornando-o dócil e dominado.

A este respeito, encontramos a seguinte afirmação em Del Priori (1999):

Os elementos para a história do imaginário sobre o corpo e das formas de sua descrição encontram-se tanto na filosofia cristã quanto no saber médico, que começa a se constituir a partir do século XVII em Portugal. Nesta época e em toda a Europa Ocidental, a medicina e a Igreja uniam forças na luta para a constituição de um Estado Centralizado, baseado na privação do eu e na apropriação privada dos meios de produção. Nesse Estado, tanto o médico que cuidava dos corpos quanto o padre que cuidava das almas, tinham acesso ao corpo feminino. (DEL PRIORI, 1999. s.p.)

Fica então patenteada a condição de inferioridade e submissão feminina. Validada por uma sociedade patriarcal e pela teologia vigente, sua participação em cargos de poder é quase nula ao longo da história e sua visibilidade foi sendo apagada, deteriorada pela “superioridade” masculina. Ainda assim, de acordo com Luperini (2011, p. 44), “ela parece não ter alcançado *status* de igualdade com o homem; não pregou sermões e quando “curava” corpos era condenada à fogueira, pois taxavam-na de bruxa. Parece, portanto, uma história de vencedores e vencida”.

A questão da bruxaria acompanha a trajetória feminina; todo conhecimento adquirido por mulheres a respeito da cura de doenças, dos ciclos de nascimento ou morte, ou até mesmo sobre os ciclos lunares era taxado de bruxaria. Qualquer mulher que detivesse algum poder, conquistado muitas vezes por meio do conhecimento e da leitura, ou até mesmo da observação silenciosa e criteriosa, seria denominada bruxa.

Nessa vertente e à guisa de ilustração, assistindo ao seriado de TV *The Bórgias* (o qual retrata o ano de 1.492 d.C.), algo me chamou bastante a atenção: Uma das principais personagens, Lucrecia Bórgia, uma moça letrada e amante dos livros, consegue salvar seu pai, o Papa, do envenenamento por Cantarella com o uso da ingestão de carvão diluído em água – um experimento que havia sido comprovado algumas vezes, o qual constava em livros que poucos tinham lido por serem de difícil acesso. Imediatamente ao perceber que o Papa respondeu ao tratamento, o padre que estava ao seu lado a acusa de ser uma “menina bruxa, detentora de conhecimentos sombrios”, com uma voz de assombro e acusação. Se um homem tomasse essa atitude, ela seria perfeitamente aceitável, mas uma mulher *não tinha o direito* de possuir tais conhecimentos.

De fato, a mulher pagaria com a própria vida toda conquista de poder ou conhecimento que de alguma forma a projetasse para a sociedade e a ela concedesse voz como figura de liderança. Temos o maior exemplo disto na Inquisição Católica, quando milhares de mulheres foram condenadas e queimadas vivas por serem “bruxas”. Primeiro que o critério para a bruxaria era o mais ínfimo e injusto possível, pois bastava um chá que curasse uma doença, uma palavra que desagradasse, um gesto mais ousado, uma roupa mais colorida, qualquer suspeita e a morte seria certa. Esse período, segundo Luperini (2011, p. 46), no qual havia um tribunal eclesiástico para investigar e punir qualquer crime contra a fé católica retrata “um genocídio contra as mulheres, talvez jamais visto com tanta profundidade em outra época da história”.

A partir do século XVII, no período histórico melhor conhecido como de “caça às bruxas”, milhares e milhares de mulheres foram queimadas vivas. Não ficavam de fora nem

mesmo as crianças, meninas também eram acusadas de tais práticas. Consta que a maioria eram mulheres mendigas, solteiras ou idosas, que não possuíam nem um homem para defendê-las das acusações; outras faziam parte de seitas que aceitavam mulheres, segundo Muraro (1992). Ao que nos parece, e a história confirma, toda espécie de poder demonstrada por parte da mulher recebe punição severas.

Vejamos o seguinte trecho que descreve um pouco sobre como foi o holocausto feminino e qual a dimensão deste no final da Idade Média e na Renascença:

As execuções tiveram início na Áustria. O sudoeste da Alemanha e da Baviera foram responsáveis por mais de três mil e quinhentas execuções cada. Na Polônia, a segunda área mais afligida por este flagelo, grande número de “feiticeiras” foi queimado entre 1675 e 1720, muito tempo depois que a “caça às bruxas” havia terminado no resto da Europa. Em algumas cidades alemãs, seiscentas bruxas eram executadas em apenas um ano; na área de Wurtburg, novecentas num único ano; em Como (Itália), mil, Tolouse (França), quatrocentas foram queimadas num único dia (...). Mesmo crianças eram acusadas e queimadas na fogueira. Estimativa de pessoas mortas na fogueira vai de pouco mais de cem mil a nove milhões. (MURARO, 1992, p. 111)

Séculos depois, a história de absurdos e injustiça se repete. Na data de 8 de Março de 1908, cento e cinquenta mulheres que reivindicavam uma jornada de trabalho menor aliada a melhores salários foram queimadas vivas, trancadas em um porão de fábrica por seus próprios patrões. Hoje o dia Internacional da Mulher é comemorado em memória a essas guerreiras que se tornaram mártires da causa feminina (BLAY, 2006).

Tanto o passado quanto o presente nos desvela uma dura realidade de violência e injustiça contra a mulher. Atualmente, apesar de estar sendo de certa forma controlada através de leis e delegacias especializadas, pelo menos em nosso país, a violência nos parece mais cruel e fria, posto que velada, subjetiva, sutil muitas vezes. Quando se conhece o inimigo é mais fácil lutar, mas quando não se sabe exatamente de onde ou como o ataque se dará, é mais complicado. Muito mais cruel é quando essa violência vem através de um que se diz seu amigo, seu parente, seu amante, parte da família, ou alguém que deveria em tese, te oferecer amor.

A violência não precisa ser necessariamente física, como dito acima, a violência velada, sutil, que sofremos quando nosso salário é menor do que o de um homem que trabalha no mesmo setor e que tem menor grau de instrução; a violência da moda, com a ditadura da beleza inalcançável para muitas, pois temos uma variedade de biótipos e que tem levado muitas mulheres a extremos para atingirem o corpo ideal; a violência de ser considerada menos capaz intelectualmente; a violência de não termos acesso a cargos eclesiásticos para o qual somos vocacionadas, preparadas; a violência de sermos consideradas o “sexo frágil”,

mas este “frágil” sempre se apresentando com sentido pejorativo, depreciativo, correspondente a sem poder, a fraco e despreparado. Assim, como a injustiça é uma forma de violência, o preconceito e o desrespeito também o são.

As diversas formas de ataque e crueldade se renovam e perpetuam. Del Priore discorre a respeito deste tema e nos traz a seguinte assertiva:

Sabemos que a violência contra mulheres é histórica. Nos bairros ricos ou pobres elas sempre foram alvo de maridos alcoólatras, drogados ou ciumentos, de vinganças e suspeitas regadas à insegurança e à força bruta. Mas se a covardia explícita do homem voltava-se há algum tempo contra alguém do seu círculo íntimo, hoje essa covardia atinge qualquer uma. A mais protegida talvez... A lógica é a de escolher a presa fácil. A covardia de homens que agridem mulheres sozinhas é uma barbárie inegável. (DEL PRIORE, 2001, p. 90)

Outra forma de violência velada é a que se relaciona à sexualidade feminina, pois no passado era simplesmente ignorada. A mulher era um ser “assexuado” e se demonstrasse o mínimo interesse por sexo seria taxada de vagabunda e prostituta. Apenas ao homem era dado o privilégio de ser o sexo desvelado.

Nas sociedades agrárias a sexualidade das mulheres era controlada, o marido as procurava com o intuito da procriação apenas, surgiram então duas classificações sexuais para a mulher. Uma casta, pura, fria, para a qual o sexo era impuro e pecado, outra detentora especializada das artes da sedução, advindas das classes mais pobres. Sob a égide do patriarcado então nascem as mulheres públicas e as privadas (MURARO, 1992).

Ao nos debruçarmos sobre a história, a impressão que temos é que somente as mulheres foram vitimadas em sua sexualidade; entretanto, ao analisarmos mais atentamente, houve períodos em que o direito ao sexo foi negado até mesmo aos homens, claro que em proporções e em períodos menores. Se no período romano aceitava-se que os meninos mais abastados vivessem intensamente sua sexualidade com as prostitutas na época da puberdade, ao final do século II uma nova onda de moralidade começa a se difundir na antiga Roma considerando o prazer do sexo tão prejudicial quanto o álcool, então a abstinência a ele foi considerada questão de saúde e mais ainda, de higiene (VEYNE, 1990).

Segundo Veyne (1990), os médicos prescreviam a ginástica e os incentivava (os meninos) aos estudos filosóficos para desviarem a atenção dos arroubos carnais da juventude, pois a masturbação também era considerada prejudicial, visto que os fazia amadurecer muito cedo, entrando em uma puberdade precoce e que resultaria em homens imperfeitos. Sobre as possíveis implicações do sexo, os médicos prescreviam *apenas* para o homem, visto que para

a mulher essas observações não seriam necessárias, pois eram tidas, em certa medida, como “assexuadas” e acima de qualquer desejo sexual.

Ao tratar acerca da condição sexual feminina, Simões (1998) afirma o seguinte:

Para a mulher era inadmissível qualquer prática sexual longe do homem, tanto que no século XIX os médicos demonstravam hostilidade frente ao clitóris considerado como simples instrumento do prazer e inútil na procriação. A mulher deveria ser assexuada, porque este aspecto reforçava a submissão. As mulheres ignoravam, até então, que o prazer era independente da gravidez, tanto que aquelas que não provavam o orgasmo não se admitiam grávidas. (Simões, 1998, p. 84)

Se hoje existe certa liberdade sexual para a mulher, sendo esta livre para falar e viver sua sexualidade como lhe convier, ainda há resquícios deste passado discriminatório, pois mesmo com toda aparente concessão, os homens ainda possuem certos padrões para a mulher com a qual desejam se casar, a mulher pública e a privada por vezes ressuscita em nossos tempos, principalmente quando ouvimos a expressão “essa é pra casar”, ou seja, algumas não o são, e com essas eles podem viver uma aventura sensual intensa e descompromissada.

O desejo e o amor parecem não poder caminhar juntos na mentalidade masculina, uma seria a amante e outra seria a esposa: as duas não podendo habitar o mesmo corpo e espaço. Ao nosso entender, feliz é o homem que enxerga fora deste paradigma e consegue viver sua sexualidade com a mulher que escolhe para compartilhar a vida.

Remontando à ideia sobre a qual a medicina ditava quais comportamentos eram aceitáveis ou não para as mulheres debaixo de um manto de cientificidade, nos deparamos com o estudo de um médico do século XIX o qual prescreveu a respeito da adolescência feminina e o início do fluxo menstrual. Segundo Rohden (2003), sua orientação se dava da seguinte maneira:

Tristes exemplos atestam todos os dias a inutilidade, e até o perigo de obrigar as meninas à cultura da ciência, e demonstram de uma aplicação muito sustentada, e a pernicioso influência que ela exerce sobre a saúde. A excitação prolongada do cérebro não se limita só a fazer dele o centro exclusivo de ações e movimentos, enfraquecendo a energia dos outros órgãos; mas o força também a se tornar a sede de uma suscetibilidade, que ocasiona cefalgias, doenças nervosas, e muitas outras afecções que envenenam os mais belos dias da existência das mulheres. A espécie de império que exercem na sociedade, exige que elas não sejam ignorantes, porém não lhes é devido o mesmo grau de instrução dos homens cujos destinos partilham e embelezam. O estudo moderado das artes e recreação é o único que lhes convém; porém somente como meio de adoçar as tristezas, suavizar o aborrecimento da solidão, lançar sobre o curso de sua vida doces e agradáveis distrações. (ROHDEN, 2003, p. 210)

Debaixo de prerrogativas tão meticulosas, consideramos que a educação feminina formal sofreu um baque muito forte, ficando delegado a elas apenas as funções domésticas ou aquelas sem implicações relevantes. Aspirações como crescimento profissional e intelectual não entrariam no pacote do papel social da mulher. Mulher, sob este ponto de vista, não pode se expor a emoções fortes, não pode ser e nem tampouco ter características de líder, pois tais mulheres, que fogem aos padrões pré-estabelecidos, não são, de modo algum, bem vistas, são tidas como muito “independentes” ou “machonas”.

Já a condição masculina difere da mulher no tocante a comportamentos e atitudes esperados. Se de um lado espera-se que a mulher seja meiga, delicada, primorosa nos cuidados do lar, maternal, frágil, fiel e doce, por outro se espera do homem que seja brusco, forte, prepotente, fale alto e grosso, tenha muitas mulheres e não demonstre emoções, sejam de alegria, afeto ou tristeza. Se o trabalho doméstico é reduto feminino, o homem precisa ficar fora dele, pois isso afetaria sobremodo sua masculinidade. Homem que é homem não chora, não se entrega, não ajuda, não compartilha sentimentos!

Adotar a opressão dos seres humanos, mulheres e homens, como algo natural, pode ser cruel para ambos os sexos, pois muitas vezes, reduzem-se as oportunidades dos indivíduos e enclausura-se a vivência do corpo. O corpo homem e o corpo mulher que quer eclodir sua corporeidade, para ser, de fato, o que sente, o que pensa e o que deseja mascarar com suas ações sem se mascarar, encontra na sociedade, com seus valores construídos, uma espécie de bloqueio de ser. Desfaz-se, com isso, identidades e emergem-se, cada vez mais personagens, rótulos, máscaras... um não ser do ser humano. (LUPERINI, 2011, p. 52)

Mulheres que de alguma forma contrariaram a ordem social ao longo da história, apresentando características de liderança ou qualquer outra não associada ao comportamento padrão feminino, sofreram sanções rigorosas em seu tempo e a biografia da maioria delas ficou manchada com adjetivos como adúltera, prostituta, bruxa e tantos outros desse calão.

Poderíamos citar como exemplo Cleópatra, rainha do Egito, que poderia ser lembrada como heroína por ter se sacrificado dando a própria vida por seu reino. No entanto, somente são citados seus muitos amantes; Helena de Tróia, que contrariando todas as regras abandonou o marido violento para viver um verdadeiro amor sempre será acusada pela morte de milhares de homens na guerra entre os países do marido e do amante; Messalina, por sua vez, tem seu nome associado ao de prostituta (ou devassa). Nenhum de seus feitos nobres é lembrado hoje em dia, apenas seu ímpeto sexual, considerada a mulher de vida sexual mais corrompida da história.

Outra mulher cuja luta e nome foram manchados pela história foi Joana D'arc que, não podendo se alistar no exército para lutar por seu país pelo simples fato de ser mulher, se vestiu de rapaz para ir à guerra, e demonstrando bravura e liderança incontestável conduziu a França na vitória contra os Ingleses. No entanto, foi queimada na fogueira, pois seu pecado era “imperdoável”, uma bruxa contumaz, segundo a história.

Maria Madalena, muito citada nesse trabalho, uma líder do movimento cristão, foi uma das consolidadoras dos ensinamentos de Jesus em seu tempo, seguidora e amiga, sua casa se tornou uma igreja onde os novos cristãos se reuniam. No entanto, nada disso se encontra nos evangelhos, ao contrário, seu nome, Maria Madalena, também se tornou substantivo de pecadora e adúltera. Toda nobreza, carisma e talento de seu caráter foi apagado, apenas seu pecado ficou escrito para a posteridade, sua mudança de conduta após o encontro com seu futuro mestre não foram considerados como relevantes para os historiadores.

Em nossos dias temos presenciado certa mudança de paradigmas em que mulheres, cada vez mais, vêm assumindo lugares de destaque e liderança. Um exemplo é que pela primeira vez na história em nosso país uma mulher chegou à presidência da República (inclusive por duas vezes).

Nessa vertente, e na esteira de Capra (1982), observa-se que a sociedade patriarcal está em declínio. Segundo o autor, a ideia da supremacia masculina cairá no esquecimento e as mulheres ocuparão seu lugar de direito na história. Uma postura diferente por parte da sociedade vem ocorrendo, apesar de estarmos contemplando essas conquistas e avanços ainda a passos lentos. Mulheres vêm ocupando profissões antes consideradas apenas masculinas, tais como altos cargos de liderança política. De igual modo, algumas denominações eclesásticas já consideram a liderança religiosa de mulheres.

Por fim, segundo Gebara (1997, p. 11), diferentes grupos de mulheres vêm reivindicando o respeito à integralidade de seu corpo. Recusam-se a serem apenas “ventre e seios” ou “sexo genital”, recusam-se a serem apenas “adendos” ou “complementos” na construção da história.

Identidade de gênero

Retornando aos estudos sobre a identidade de gênero, é preciso destacar que aquilo que é aprendido torna-se “natural” e esse discurso da “natureza” vem de tempos antigos e segue

perpetuando a superioridade masculina e a subordinação feminina: O homem é forte, a mulher é frágil, o homem é inteligente, a mulher intuitiva... Estas são algumas assertivas que permeiam os discursos sociais e de tanto serem repetidos tonam-se naturais. Enfim, são nessas construções sociais que acontece a lógica de gênero. A este respeito Aragão Filho declara:

A historicidade das identidades de gênero, nos discursos presentes nas construções sociais, está imbricada ao mito da superioridade masculina sobre a feminina, sendo esta estigmatizada, além de propiciar um estereótipo que normatiza a socialização de homens e mulheres. Essas relações tornam-se assimétricas, ou seja, desiguais. Aos homens coube o domínio e às mulheres a subordinação. O gênero assim como em todas as representações, entre elas, a identidade, é social, cultural e discursivamente (re)produzido. *Ele vai se constituindo na linguagem por meio de signos, representações e expressões simbólicas. Logo, os papéis das representações discursivas de gênero constroem os lugares a partir dos quais a pessoa assume sua posição de sujeito.* (ARAGÃO FILHO, 2011, p. 22, grifo nosso)

Esta palavra, gênero, é utilizada para designar indivíduos de sexos diferentes, no entanto seu significado vai muito além, abarcando também o significado social das distinções baseadas no sexo, negando terminantemente o determinismo biológico implícito em expressões como sexo e diferença sexual.

O termo gênero enquanto categoria analítica da história tem o sexo como tema e busca analisar as relações sociais que são estabelecidas em determinadas culturas entre homens e mulheres. Scott (1992, p. 14) afirma que a definição de gênero “repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

No entender de Joan Scott para se compreender mais profundamente o gênero é preciso antes entender a inter-relação de quatro elementos fundamentais, são eles os *símbolos culturais, os conceitos normativos, as organizações e instituições sociais* e a *identidade subjetiva*. Para cada um a autora traz uma explanação.

Segundo ela *os símbolos culturais* disponíveis são aqueles que evocam múltiplas representações, em alguns momentos até mesmo contraditórias, tal como a imagem da mulher como sendo santa ou pecadora, por exemplo, apesar de se contradizerem não são mutuamente excludentes. O segundo se refere aos *conceitos normativos* que interpretam esses símbolos – encontrados normalmente nas doutrinas religiosas, educacionais, científicas, políticas e jurídicas, e que se apresentam de maneira dualista categorizando o feminino e o masculino. O terceiro elemento que compõe as relações de gênero são as *organizações e instituições sociais* as quais não se restringem apenas ao sistema de parentesco, pois ele (o gênero) também é

construído na economia e na organização política. Sobre a *Identidade subjetiva* é preciso destacar que ela não pode ser restringida apenas às teorias psicanalíticas, pois corre-se o risco de negar a historicidade do gênero. A este respeito Sousa (1994) declara:

A relação de poder, de hierarquia de gêneros, fundamenta-se na diferença entre o masculino e o feminino construídos historicamente. Como a ideia de gênero está fundada nas diferenças entre os sexos, ela aponta para o caráter implicitamente relacional do feminino e do masculino. Gênero é uma categoria relacional porque leva em conta o outro sexo. Quero dizer, um gênero se constitui culturalmente na sua relação com o outro, em presença ou ausência. Além disso, gênero é uma categoria relacional porque se relaciona com outras categorias e exige a relação entre outras categorias e conseqüentemente dimensões do real. Real, aliás, que é relacionado, pois, de saída, não somos vistos ou vistas de acordo apenas com o nosso sexo ou o que a cultura fez dele, mas, de uma maneira muito mais ampla, somos sempre “classificados” de acordo com nossa idade, classe social e raça. (SOUSA, 1994, p. 14)

De acordo com essa definição, para se compreender o gênero feminino é necessário então que se conheça o masculino, bem como o que se entende por feminilidade e masculinidade em cada cultura ou sociedade. Este termo foi proposto por feministas que acreditavam que a pesquisa sobre as mulheres trariam mudanças aos paradigmas disciplinares.

O termo gênero vem sendo utilizado de maneira errônea em muitos momentos, sendo usado como substituto para o vocábulo mulher e também sexo. Segundo Neuenfeldt (2003) esse erro traz sérias conseqüências para o processo de visibilização e libertação das mulheres e homens, pois agregam as mulheres às estruturas patriarcais e tradicionais e aos conceitos masculinos da cultura ocidental.

Aragão Filho (2011, p. 23) pontua que a substituição da palavra sexo pelo conceito gênero faz com que as características biológicas sejam “determinantes na construção das identidades femininas e masculinas. E, assim, as desigualdades entre homens e mulheres são entendidas como fruto de situações pessoais e não estruturais”.

Pautando-nos em Louro (1992), ao afirmar que gênero é uma construção social e histórica entre masculino e feminino, é preciso compreender que em uma mesma sociedade há diferentes construções de gênero, pois elas dependem dos modelos e ideias que se tem de homem e mulher às quais as diferentes classes, religiões, raças e idades veneram. Há, também, diferentes construções de gênero em uma mesma sociedade em contextos históricos diferentes, o que sinaliza que o gênero tem história e que masculino e feminino estão em constante construção social e cultural.

Além de ser uma categoria social e histórica, o fator *biológico* também traduz o gênero. Entretanto, a despeito de em uma primeira instância essa categoria ter surgido com a

preocupação de ressaltar o aspecto social em contraponto aos que assinalavam apenas os componentes biológicos como a causa da hierarquia social entre homens e mulheres, o biológico não pode ser descartado.

A história das mulheres é algo recente, pois esta foi escrita por homens, para os homens, e desde que a História galgou posições de disciplina científica, segundo Colling (2004), o lugar delas dependeu da posição que eles concediam, pois por muitos anos os homens foram os únicos historiadores. Ao longo dos tempos as mulheres foram apagadas enquanto sujeitos, o masculino sempre ganhando em superioridade sobre o feminino e essa universalização hierarquizou a diferença entre os sexos, constituindo o padrão masculino como o natural, mascarando esse privilégio sob a pretensa neutralidade dos sexos.

Sobre essas relações de poder, Scott (1995), uma das idealizadoras da categoria de gênero, assinala que este conceito é um elemento constitutivo das relações sociais fundamentadas nas diferenças percebidas entre os sexos e, também, dá significação às relações de poder: “é um campo primário no qual, ou dentro do qual, o poder é articulado”.

Por gênero me refiro ao discurso da diferença dos sexos. Ele não se relaciona simplesmente às ideias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas cotidianas como aos rituais e tudo que constitui as relações sociais. O discurso é o instrumento de entrada na ordem do mundo, mesmo não sendo anterior à organização social, é dela inseparável. Segue-se, então, que o gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a diferença biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar; ela é antes uma estrutura social móvel que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos. (SCOTT, 1995, p. 9)

O conceito de gênero surge na busca de aprofundar discussões e, de modo mais rigoroso, analisar como acontece e como se reproduz a invisibilidade das mulheres no processo de produção do conhecimento histórico.

A luta por uma igualdade sempre permeou o universo feminino, mas a luta delas por um reconhecimento enquanto cidadãs marcou o movimento conhecido como sufragista em 1897, pois para as feministas o direito de igualdade de cidadania começaria pelo direito de votar. É óbvio que as feministas pretendiam com essa primeira conquista mudar o comportamento das mulheres frente à comunidade a qual estavam inseridas, pois o voto traz responsabilidade pelo futuro da sociedade, ou seja, a partir de então a mulher estaria galgando os primeiros degraus para uma nova história, a história da mulher na sociedade moderna.

O feminino, também caracterizado como natureza, emoção, amor, intuição, é destinado ao espaço privado; já o masculino, caracterizado como cultura, justiça, política, razão, poder público, deve ocupar os espaços públicos. Esse movimento dicotômico e desigual entre homens e mulheres, subjugou essas àqueles, em uma ordem aparentemente universal e natural.

Esta separação entre o público e o privado precisa deixar de estabelecer seus domínios, conferindo grau de importância social quando se trata de gêneros. Sem mudança nos espaços privados, ou seja, na vida pessoal e doméstica, não será possível haver mudança nos espaços públicos, pois os problemas privados das mulheres são também problemas políticos.

Para Beauvoir (1990), os papéis femininos são socialmente construídos, ou seja, não são inatos ou naturais. De maneira singular a autora se destaca por sua postura contrária às teorias de neutralidade, universalidade e unidade que estavam em voga na década de 1940, década esta em que seu livro *O Segundo Sexo* foi lançado. Sua célebre frase se tornou ícone para feministas em todo o mundo.

Ninguém nasce mulher: Torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino. (BEAUVOIR, 1990, p. 13)

Encerramos esse capítulo com essa citação histórica, pois entendemos que é nas construções sociais que a identidade se forma, à medida que o indivíduo interage com uma sociedade produtora de sentidos, seja a família, a comunidade escolar, a igreja, ou, até mesmo, por meio das relações pessoais de amizade. Sendo assim, os papéis das representações discursivas de gênero constroem os lugares de onde a pessoa assume seu lugar de sujeito.

CAPÍTULO 4

EDUCAÇÃO CRISTÃ NO ENSINO FUNDAMENTAL

A noção de Educação Cristã traz em si certa complexidade, pois não é raro que esta seja restringida ao ensino da Escola Dominical ou de Educação Religiosa. Tal complexidade semântica tem gerado confusão.

Primeiramente, Escola Bíblica Dominical ou EBD é uma reunião que acontece aos domingos pela manhã em igrejas evangélicas tradicionais¹³ com o intuito de ensinar a Bíblia. As classes têm o formato de uma sala de aula regular, com um professor, alunos, cadernos, revistas com material específico, Bíblia, quadro, giz, etc. É o ensino pedagógico da Bíblia, uma educação não formal.

Ao classificar o processo educativo de um modo geral, Pazmiño (2008) define-o como formal, não formal e informal. A educação formal é aquela diretamente ligada à escola; a educação não formal é aquela que acontece em diferentes grupos sociais nos quais o indivíduo está inserido. Já a educação informal faz parte da vivência diária do indivíduo, possuindo tanto aspectos positivos quanto negativos.

Para Santos (2009), Educação Cristã é uma forma particular de educação, podendo ser simplesmente definida como a instrução formal feita sob a perspectiva do Cristianismo. Lopes (2003) a conceitua como a tentativa de organizar sistematicamente o pensamento quanto à educação conforme os ensinamentos bíblicos que compõem a fé cristã ortodoxa. Sobre esse prisma, poderia se afirmar que qualquer disciplina pode ser ensinada a partir de uma perspectiva cristã se a análise parte das pressuposições bíblicas sobre o Criador, o homem e a natureza.

A educação formal ou a busca por conhecimento vem permeando o cristianismo há séculos e foi considerada fundamental para a conversão ao mesmo nos primórdios da Igreja do século V, pois acreditava-se que todo novo cristão deveria ser capaz de ler e interpretar o texto bíblico para que sua conversão fosse genuína e consistente. Agostinho, considerado o principal teórico cristão do Ocidente até o final do século XII e início do século XIII, ocupa um lugar de destaque entre os que defendiam essa posição. Baseado em suas convicções, Agostinho apresentou um projeto de educação para sua época, pois para ele não bastava

¹³ Igrejas evangélicas: neste trabalho utilizaremos a nomenclatura “evangélica” para nos referirmos a todas as denominações cristãs que surgiram após o movimento da reforma protestante oriundas da Igreja Católica apostólica Romana, tais como Luterana, Presbiteriana, Metodista, Episcopais, Batistas, conhecidas como igrejas históricas, bem como aquelas que surgiram posteriormente a partir das históricas, conhecidas como pentecostais ou neopentecostais.

somente se “converter” ao Cristianismo, era necessário, antes de tudo, que se compreendesse a essência dos escritos bíblicos. Logo, defendia uma fé da razão, uma fé alicerçada no conhecimento e não apenas no credo. O bom cristão seria aquele que sabia defender com clareza a razão de sua fé. Vejamos o que ele afirma sobre a importância do conhecimento para se entender a fé cristã:

A primeira observação a ser feita quanto a essa busca e empresa é, como já dissemos, tomar conhecimento dos Livros santos. Se, a princípio, não se conseguir apreender o sentido todo, pelo menos fazer a leitura e confiar à memória as santas palavras. De toda forma, nunca ignorar por completo os Livros sagrados. Encontram-se tão mais abundantemente, quanto maior for a abertura do entendimento de quem busca, visto que nas passagens que a escritura oferece com clareza, encontram-se todos os preceitos referentes à fé e aos costumes, à esperança e à caridade. (AGOSTINHO Liv. II cap.9)

De acordo com Oliveira (2008), para Agostinho a conversão nada mais era que um processo de aprendizagem, visto que em seu tempo não se nascia cristão, tornava-se um. Ele também apresenta um roteiro de como tornar-se um cristão, um verdadeiro programa de estudos que poderia ser usado em qualquer época para qualquer aprendizagem que se fizesse necessária.

Agostinho destaca a importância da língua, da música, da matemática, das artes, e apresenta um cuidado especial ao falar sobre traduções, pois naquele tempo havia muitas traduções da Bíblia sendo feitas para o latim, e ele acreditava que uma leitura na língua original evitaria que se perdesse a essência do que foi escrito pelo autor. Em outros termos, a leitura de uma tradução se restringia à interpretação do tradutor e não àquilo que de fato o autor tinha escrito. A educação e a busca por um conhecimento sólido permeou o Cristianismo e isto se torna mais claro à medida que estudamos a história da educação cristã e como ela chegou ao Brasil.

A Educação Cristã mostra sua relevância por acreditar em uma educação integral do ser humano. Segundo Aranha (1989, p. 49) a educação pode ser definida como “um conceito genérico, mais amplo, que supõe o desenvolvimento integral do ser humano, quer seja sua capacidade física, intelectual e moral, visando não só a formação de habilidades, mas também do caráter e personalidade social”.

Este conceito abrange a educação do ser humano não apenas em seu aspecto formal, mas também sua preocupação com o caráter, com os valores que pretendem ser repassados para uma vida em sociedade. O educador, dessa forma, é visto como aquele que contribui para a formação integral do ser humano, não apenas um mero transmissor de conteúdo. Nesta

definição, a preocupação com a vida extracurricular do aluno fica evidente. A escola, a educação não é entendida apenas como um lugar de transmissão de saberes, mas um lugar também de formação de caráter, preparando para uma vivência em um contexto social específico.

A Educação Cristã tem como foco uma formação holística do educando, uma formação que ultrapassa a dimensão normativa e se compromete com os objetivos educacionais por meio de um currículo integrado às várias áreas de conhecimento e os transmite aliados a uma cosmovisão cristã.

Para facilitar o entendimento poderíamos colocar duas diferentes conceituações: a Educação Secular e a Educação Cristã. Chamaremos Educação Secular aquela cuja perspectiva acontece dentro de uma visão horizontal do presente século, baseado nos pressupostos de causa e efeito, de normas fixas, em que a teoria evolucionista traz as explicações sobre surgimento e funcionamento do universo. Em seus fundamentos, esta educação exclui a criação de seus ensinamentos, e conseqüentemente o transcendente do ser humano. O centro dessa educação é o humano, o material (PORTELA, 2000).

A Educação Cristã, como dita anteriormente, defende uma abordagem educacional holística do educando, que considera não apenas o material, mas o espiritual do aluno. Essa educação defende o ser humano como criado por Deus e não apenas um animal biológico. E por ser criado, a Educação Cristã tem como pressuposto levar o educando a adorar seu Criador, conhecer seus ensinamentos e a viver baseado neles (LOPES, 2003).

A Educação Cristã não oculta sua cosmovisão bíblica, sua ideologia, e talvez por isso seja alvo de muitas críticas por parte daqueles que defendem uma neutralidade ideológica na educação. Como educadores baseados no que nos afirma Souza (2006, p. 9), sabemos que “a educação sempre expressa uma doutrina pedagógica a qual implícita ou explicitamente se baseia em uma filosofia de vida, concepção de homem e sociedade”. Levando-se em consideração que o processo educativo é uma transmissão de valores, falar de neutralidade ideológica aqui denota ingenuidade, pois realmente esta neutralidade não acontece. A sociedade, os seres sociais estão embebidos em ideologias, em valores, e a escola, o educador não está imune a isso. O currículo, o método de uma instituição de ensino, está imbuído dos valores daquela instituição, mas estes valores nem sempre estão declarados no programa de ensino.

Concluídas essas definições a respeito de Educação Cristã e Educação Secular, nos deparamos com um tema que pode ser o mais contraditório até aqui: distinguir Educação Cristã de seu termo correlato, Educação Religiosa. As tentativas de se diferenciar um do outro

tem sido a principal dificuldade dos defensores de uma filosofia da Educação Cristã. Nesse sentido, Santos (2008, p. 161) declara que:

O ensino religioso pode ser definido como a transmissão de conceitos e valores religiosos sobre o universo, o indivíduo, a família e a vida diária. Na escola, essa instrução pode ser realizada por meio de um currículo que contemple temas relacionados à fé ou à discussão de questões éticas por pessoas religiosas. O problema com esta forma de ensinar religião é que ela parece não apresentar qualquer esforço no sentido de integrar as demais áreas de conhecimento a uma cosmovisão que seja bíblica. Além do mais, o ensino religioso pode contemplar qualquer religião e não necessariamente o Cristianismo.

Assim, Educação Cristã é o processo de abordar todas as áreas de conhecimento dentro de uma perspectiva bíblica da realidade, enquanto que Educação Religiosa é um processo desenvolvido para perpetuar e propagar as doutrinas de um sistema religioso qualquer (SANTOS, 2008).

É notório que a construção do pensamento ocidental e seus valores socioculturais estão assentados sobre pressupostos da religião judaico-cristã. É preciso reconhecer que antes mesmo de falar sobre a influência da religião na educação e no comportamento social, a dominação de muitos povos passou pela cultura religiosa.

A relevância da Educação Religiosa se encontra na necessidade do transcendente, os estudiosos do fenômeno religioso apontam para a importância de se compreender a busca pelo espiritual que tomou conta da sociedade pós-moderna, ao contrário do que aconteceu após a Idade Moderna, pois a discussão que tomou conta naquela época do discurso dos intelectuais iluministas com relação à religião foi uma visão distorcida, caricaturada, colocando-a como contrária da razão e muleta dos menos privilegiados e faltos de conhecimento (OLIVEIRA, 2009). Acreditava-se que a religião chegaria ao fim e que na pós-modernidade o homem não mais precisaria da “ideia de Deus”, todavia, o que temos visto na atualidade é o homem cada vez mais voltado para o transcendente.

A relevância social das religiões não se encontra apenas em países do dito Terceiro Mundo ou em sociedades em desenvolvimento, mas também em sociedades modernas e desenvolvidas do leste-europeu, por exemplo. Os valores religiosos contribuem para a identidade dos povos, a religião está presente até mesmo nas sociedades industriais, como por exemplo, no neofundamentalismo evangélico dos Estados Unidos.

4.1 Breve histórico do Ensino Religioso e da chegada das Escolas Confessionais Evangélicas ao Brasil

As escolas confessionais estiveram presentes desde a colonização do Brasil na figura dos padres jesuítas. Estas escolas eram espaços de doutrinação da fé cristã, mais direcionada a condicionamento de valores cristãos e catequização do que produção de conhecimento propriamente dito. A partir do século XIX o estado toma o ensino e o torna laico, logo o ensino religioso se torna uma bandeira de luta. É importante conhecer como o ensino religioso surgiu, como a mulher, nosso objeto de estudo, é retratada por ele ao longo da história e como chegou ao Brasil.

Os estudos nos mostram que a Teologia da Idade Média foi permeada pela escolástica, a qual se refere, grosso modo, ao estudo da gramática, à utilização do método dialético e à autoridade dos livros antigos. A base para a escolástica foi a crença na autoridade dos antigos textos religiosos, sendo eles a Bíblia, os escritos de Platão, Aristóteles e outros textos árabes. Era por meio deles que os escolásticos compreendiam a fé: “Esta opção foi decisiva para o desenvolvimento, no século XIII, de uma teologia que apela para a razão e se torna uma ciência” (LE GOFF, 2003, p. 118).

Apesar dessa dita cientificidade, o discurso teológico sobre a sexualidade e papéis sociais não mudou. A título de exemplificação, Alberto Magno, reconhecido teólogo alemão do século XIII, ao descrever as mulheres, expunha toda sua depreciação, não demonstrando respeito algum por elas. Aliás, chegou a dizer que mulheres são menos qualificadas para o comportamento moral do que os homens. Neste mesmo tempo, a disputa entre a teologia agostiniana e os defensores da teologia aristotélica também não produziram mudanças significativas no posicionamento em relação às mulheres (cf. OLIVEIRA, 2009).

De acordo com Cambi (apud OLIVEIRA, 2009, p. 60), o amor cortês se torna o amor aceitável, vivido à distância, intocável. A Eva pecadora perde sua força na exaltação da mulher santa consagradas ao mundo religioso, e a esta se pode amar de forma pura, porque intocada: “A idealização da mulher torna-se um elemento de aprisionamento de sua sexualidade, devido à exaltação da beleza, candura e virgindade”.

Percebe-se que havia aí uma negação do corpo, do sexual, que tem no discurso de alguns teólogos e padres seu embasamento. Podemos citar entre eles, Tertuliano no século II, Agostinho no século IV, e Tomás de Aquino no século XII. Todos eles possuíam um posicionamento bem definido a respeito do corpo, isto é, colocavam-no sempre como inferior

a alma, e em seus escritos havia sempre prescrições precisas sobre como manter a sexualidade sobre controle.

Apesar de negarem o movimento gnóstico, combatido pelos primeiros apóstolos, percebe-se em seus discursos uma sua influência, pois os gnósticos acreditavam que toda a criação, incluindo o mundo era má. Sua visão de Deus era a do Deus punitivo do Antigo Testamento¹⁴, portanto tudo o que se relacionava com o corpo deveria ser abominado. Essa concepção dualista de corpo e alma também se faz presente em todo o pensamento cartesiano. Heinemann (1996, p. 60) declara que é dessa conjectura que advém a visão “anti-sexual e anticonjugal, propagada como elevada para a época, estabelecendo uma interpretação bíblica para a conformação do seu meio”.

A partir dos séculos XIV e XV a influência da escolástica diminui. Com o advento das grandes navegações, de acordo com Tomazi (1997), a visão de mundo começa a ampliar-se, pois o incremento do mercado internacional provocou mudanças sociais, ações político-organizacionais, jurídicas, morais, como o crescimento das cidades e a mudança dos feudos para longe dos grandes centros. Toda essa movimentação mercantil fomentou mudanças também no pensamento, produzindo uma concepção mais racional de mundo, sem, no entanto se afastar do sagrado.

O profundo descontentamento da sociedade com a religião se torna evidente por dois movimentos culturais que marcaram a Europa e o novo mundo: o humanismo e a Reforma Protestante. O primeiro proporcionou à humanidade a possibilidade de se libertar dos limites mentais aos quais viviam aprisionados até então. A Reforma Protestante, por sua vez, resultado do humanismo, quebrou a unidade do Cristianismo.

Este último movimento, iniciado por Martinho Lutero em 1517, afetou a hegemonia da igreja católica, além de, como dito anteriormente, romper a unidade do Cristianismo no Ocidente. Lutero encontrou apoio na nobreza feudal e nos principados, entre eles o da Saxônia. Seu profundo anseio pela salvação e completa insatisfação com os rumos que a Igreja estava tomando foram o que o impulsionaram. A Reforma afetou todos os aspectos culturais, a arte, o trabalho, a economia, a literatura, a música (LINDBERG 2001).

Em um mundo onde apenas os religiosos eram considerados sagrados e os trabalhadores braçais tidos como inferiores, a doutrina da justificação somente pela graça e fé trouxe uma nova esperança. Os reformadores minaram o dualismo entre o trabalho religioso e o secular,

¹⁴ Antigo Testamento compreende os livros que foram escritos antes do nascimento de Cristo. Novo Testamento os que foram compilados após o seu nascimento.

pois enfatizavam que tudo que uma pessoa fizesse que ajudasse ao seu próximo ou a construir uma sociedade melhor, Deus se agradaria (LINDBERG 2001).

Os reformadores acreditavam na propagação do ensino porque através da leitura bíblica as pessoas poderiam conhecer verdadeiramente a Deus e por meio desse conhecimento alcançariam a salvação, sem intermediação sacerdotal. Ao chegarem aos Estados Unidos, os reformadores se aliançaram aos ideais liberais, ao estilo de vida, a postura ética e também aos hábitos de trabalho da sociedade norte-americana. Concomitantemente aos ideais protestantes, nasce o ensino protestante, com o intuito de propagar a instrução das Escrituras (ALMEIDA, 2007).

Esse modelo de educação chegou ao Brasil em meados do Século XIX. Nessas escolas as meninas eram educadas para se tornarem “boas moças”, e o ensino pautado em rígidos padrões morais tinham como objetivo a formação disciplinadora. Com a chegada das escolas confessionais protestantes esse quadro não mudou, posto que o modelo feminino era o mesmo, ressaltando o cuidado familiar e os padrões de conduta feminina.

Sobre essa chegada ao Brasil, Marcondes e Seehaber (2004, p. 18) destacam:

Em meados do Séc. XIX, com a intensificação das imigrações, um fato novo surge na história brasileira, o protestantismo. Os primeiros imigrantes instalam-se inicialmente no estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina trazendo consigo os princípios defendidos por Martim Lutero. Criam escolas evangélicas para propiciar alfabetização geral, no intuito de que seus filhos pudessem exercer adequadamente a fé e tivessem acesso às Escrituras. De acordo com sua cultura, o analfabetismo era empecilho ao aprendizado de sua doutrina. Também neste período, missionários norte-americanos instalaram-se no Oeste paulista fundando escola para os filhos dos imigrantes protestantes. Outras denominações evangélicas (metodista, presbiteriana, batista), também chegaram ao Brasil nesse período, instalando-se em outros Estados com o intuito de desenvolver a evangelização, criando igrejas e escolas para atender as necessidades locais.

No século XX o Brasil passou de um país essencialmente católico para um país que tolera diferentes práticas religiosas. Esse crescente movimento religioso trouxe em sua aba uma gama de diferentes denominações evangélicas, e uma parcela da população, desapontada com o catolicismo, adere com simpatia aos cultos evangélicos, entre outros. É importante denotar que no Brasil o termo evangélico é sinônimo de protestante, e serve para todas as diferentes denominações.

Segundo Marcondes (2005, p. 7), o protestantismo chegou aqui por duas formas distintas: protestantismo de imigração e protestantismo de missão. É preciso que se compreenda bem essa diferença para que se entenda o processo de escolarização evangélica no país.

Como dito acima, os protestantes que aqui chegaram consideravam imprescindível que se alfabetizasse a população para que conhecessem sua doutrina, a Bíblia, e para que os próprios filhos tivessem acesso a uma educação dentro dos padrões cristãos. Aqueles que aportaram no Rio Grande do Sul e Santa Catarina em 1824 trouxeram o Luteranismo na bagagem, e aqui se instalaram definitivamente. Preocupavam-se muito em manter as tradições e a fé, as crianças eram alfabetizadas por meio da Bíblia em sua língua original.

Ainda segundo Marcondes (2005, p. 9) os anglicanos chegaram ao Brasil vindo da América do Norte e aportaram no interior do Estado de São Paulo e na capital da província, na época o Rio de Janeiro. Semelhante aos luteranos, os anglicanos também se preocupavam em manter suas tradições, e em passar sua fé aos filhos. Construíram capelas e os menores eram educados dentro da tradição religiosa.

Assim se consolidou o protestantismo imigrante por meio de pessoas que desembarcaram no Brasil para reconstruírem suas vidas, mas que não quiseram romper com sua fé e seus costumes. Portanto, construíram escolas denominacionais para atender aos próprios filhos e propagar sua doutrina na comunidade.

O protestantismo missionário se constitui em propagar o evangelho àqueles que não pertencem à sua denominação ou fé. Os primeiros missionários protestantes chegaram ao Brasil também em meados do Século XIX, vindos de diversas vertentes: luteranas, anglicanas, presbiterianas, metodistas, batistas, entre outras.

Um país que havia firmado aliança com o Catolicismo através da Coroa Portuguesa se vê agora obrigado a abrir suas fronteiras para os missionários protestantes por razões econômicas e diplomáticas. O Brasil começa, então, a ver surgir uma grande quantidade de igrejas evangélicas em todos os estados.

4.2 Escolarização da Mulher

Juntamente com essa mudança no quadro religioso brasileiro, acontece também uma mudança nos hábitos educacionais e sociais do país. A mulher brasileira que até então era apenas a dona de casa, a esposa e a mãe e, portanto, não alfabetizada de maneira formal, com a chegada de missionárias como Martha Watts, nos idos de 1881, contempla a abertura de escolas para moças, iniciando-se um novo ciclo, que terminaria por estremecer o legado patriarcal da educação (MARCONDES, 2005).

A educação, iniciando-se com a educação cristã, contribuiu para que a mulher no Brasil expandisse os horizontes para além do quintal e jardim. Por meio da educação, a mulher

poderia escolher entre voltar para o lar ou seguir uma carreira no Magistério, mesmo que isso significasse, muitas vezes, abrir mão do casamento. Martha Watts e outras tantas optaram apenas por ensinar, pois casamento e profissão, nos moldes como acontecia naquele tempo, eram irreconciliáveis. Oliveira (2009) assim afirma:

Desde menina era ensinada a ser mãe e esposa, sua educação limitava-se a aprender a cozinhar, bordar, costurar, tarefas estritamente domésticas, que restringia a mulher apenas ao espaço privado como sendo o único lugar, e sem contestar, pois seu espaço estava determinado. Carregava o estigma da fragilidade, da pouca inteligência, afirmações do patriarcado que construiu estereótipos ao longo do processo histórico, onde foram sendo reproduzidos como natural, definindo assim o papel social da mulher, como propriedade e produto do homem, devendo obediência ao “seu senhor”. A restrição de outros espaços além da casa/quintal as afastava também da educação formal, lhe sendo negado o acesso à escola. (OLIVEIRA, 2009, p.1)

Fica patente, então, que a educação feminina é algo recente na História da Educação. Philippe Ariès (1989), ao tratar sobre a educação feminina no Brasil, afirma que “além da aprendizagem doméstica, as meninas não recebiam por assim dizer nenhuma educação”.

Com a abertura das escolas para moças, as mulheres começam então a ganhar espaço público, pois a educação protestante acompanhava os pressupostos da modernidade e tinha na educação o caminho para a modernização através das mulheres, pois acreditavam serem elas naturalmente educadoras, possuidoras que são do dom da maternidade. Era nisso que Martha Watts acreditava e se empenhava: na naturalidade do ensino que aconteceria através da mulher.

Neste aspecto Louro (1997, p. 348) reitera que “a educação da mulher seria, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos e formadora de futuros cidadãos”. Através da religião, a mulher consegue acesso à educação e aos espaços públicos, ainda que com restrições. As mulheres estrangeiras e protestantes trazem uma nova lógica que contraria a tradição patriarcal tão fortemente preservada até então, e juntamente com elas as mulheres brasileiras começam a se apropriar do seu espaço historicamente negado.

Inicia-se, então, a feminização do magistério. Um espaço que antes era predominantemente masculino se torna pouco a pouco dominado por mulheres. Este é um fato importante para fomentar as discussões em torno do papel social da mulher na história.

A saída de casa para a escola pode ser interpretado como um movimento de resistência dessas mulheres, pois através da profissionalização, se tornam capazes de prover o próprio sustento, um passo a mais na direção da emancipação feminina, conseqüentemente um ato de

rebelia à ordem vigente de submissão e dependência masculina. Mulheres como Martha Watts, portanto, contribuíram para promover um mover histórico e dismantelar hábitos arraigados na consciência coletiva à medida que os modifica e os afrouxa.

Não se deve acreditar, todavia, que essa mudança de padrões foi rápida e simples. Houve muita resistência, pois como escreve Louro (1997, p. 450): “parecia uma completa insensatez entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebros pouco desenvolvidos pelo seu desuso a educação de crianças”.

A história da educação entrelaça-se com a história das mulheres no Brasil, pois é no espaço educacional que elas encontram ressonância para seus anseios de emancipação e liberdade. A educação e a religião protestante percorrem juntas o caminho de modernização da sociedade brasileira postulada por líderes republicanos da época. O projeto civilizador possibilitou que as mulheres saíssem das sombras e tivessem voz pela primeira vez. Nos corredores das escolas era possível sonhar, era possível falar sobre mudanças e propósitos, na sala de aula era razoável pensar em uma sociedade mais igualitária.

Com o advento da educação feminina, no final do século XIX, inicia-se um longo processo: o da emancipação feminina através da educação. Alguns historiadores acreditam que esse processo trouxe em seu bojo a complexidade dialética entre conformismo e resistência. *Conformismo* porque a escola reforçava a vida doméstica, a educação era mantenedora da ordem do lar, a mulher sendo preparada para ser boa esposa, boa mãe, educadora dos próprios filhos. *Resistência* porque não foi um processo simples, isto é, sair do espaço doméstico para a escola não aconteceu sem conflitos e pressões (OLIVEIRA, 2009, p.4).

Encerramos este tópico concluindo, então, que a educação protestante contribuiu para que a mulher conseguisse espaço dentro do processo educacional. Como nosso trabalho tem como foco o ensino fundamental de escolas confessionais evangélicas, conhecer os fundamentos do mesmo é imprescindível, portanto, no próximo tópico, trataremos sobre os pressupostos do ensino fundamental, o que determina a lei e quais são as habilidades esperadas para os alunos neste ciclo de ensino.

4.3 Pressupostos do Ensino Fundamental

Em virtude dos professores a serem entrevistados trabalharem nesse nível de ensino, trataremos, neste tópico, dos pressupostos do Ensino Fundamental no Brasil segundo a legislação em vigor.

Nos últimos anos tem havido inúmeras mudanças (ou, ao menos, tentativas de) na educação brasileira. Particularmente no ano de 2004 começou a ser discutida a implantação do ensino fundamental de nove anos, com as crianças ingressando aos seis anos na escola e terminando o ensino médio com 14 anos. De acordo com o PNE a determinação legal proposta pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC (Lei no 10.172/2001), era assegurar mais tempo da criança na escola, maiores oportunidades de aprendizagem, qualidade de ensino, além de, também, tentar se adequar ao movimento mundial de implantação desse modelo.

De acordo com Cury (2008, s.p.), “a expressão ‘educação básica’ no texto de uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN – é um conceito, é um conceito novo, é um direito e, também, uma forma de organização da educação nacional”. O mesmo autor explica que como conceito a educação básica traz em seu bojo o esclarecimento e “a forma de administrar um conjunto de realidade nova trazida pela busca de um espaço público novo”. Assim, ela surge para organizar as estruturas existentes em novas bases e administrá-la de forma prática e competente.

Se voltarmos na história verificaremos que o Brasil tem negado a seus cidadãos o direito ao conhecimento por séculos e isso ocorre pela má organização do sistema escolar. Esse novo conceito divide a educação nos seguintes pilares: educação infantil, como a raiz da educação, ensino fundamental, como o tronco, e ensino médio como o acabamento: “É dessa visão holística de ‘base’, ‘básica’, que se pode ter uma visão conseqüente das partes” (CURY, 2008). O artigo 205 da Constituição Federal de 1988 declara o seguinte: “A educação, direito de todos, dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”. Esta declaração tão forte é reforçada pelo artigo 6º da mesma Constituição Federal, como um dos principais direitos sociais.

O Brasil tem hoje 97% das crianças na escola¹⁵ e, sem desmerecer todos os avanços já alcançados, ainda assim percebemos que se fazem necessárias muitas mudanças (como, por

¹⁵ Conforme Cury (2008).

exemplo, melhoria na qualidade de vida dos indivíduos e menor desigualdade social). Outrossim, ainda são necessárias mudanças que venham impactar diretamente no comportamento dos aprendizes, futuros cidadãos, com vias a construir uma sociedade mais solidária, mais politizada, e mais preocupada com o futuro do Brasil enquanto nação.

Existem alguns questionamentos sendo levantados em torno da estrutura escolar, seja ela espacial, dos currículos, dos programas, do tempo de permanência na mesma, mas raramente se discute o sentido que tudo isso de fato tem para a criança e o adolescente. Não é suficiente apenas o ensino ser um direito, ele precisa ser um direito que contribua para uma sociedade mais justa e uma cidadania mais atuante.

O Brasil é uma República Federativa e, como tal, formado pela união indissociável entre Estados, Municípios e Distrito Federal. Sendo assim, um país estruturado sobre o princípio de cooperação, de acordo com a Constituição Federal de 1988, ou seja, Estados, Municípios e União Federal devem trabalhar juntos por uma educação que transforme não apenas o aluno em leitor (ou qual seja a habilidade que se espere dele), mas também o torne um sujeito atuante, politizado, consciente de seus direitos e deveres – a importância dessa unidade fica clara no artigo 23 da LDB.

O art. 23 faz referência às competências comuns, e elas são de tal modo listadas que sem a participação de todos não é possível realizá-las. Uma dessas competências é a de *proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação e à ciência*. A lei também assegura que é obrigação comum assegurar o acesso à *educação, cultura, ensino e desporto* (CURY, 2008). Isso vem assegurar que a partir de então a responsabilidade pela educação é de todos, Estados, Municípios e Distrito Federal.

O artigo 23 da LDB também define a organização da educação básica (a qual engloba o Ensino Fundamental e o Ensino Médio) e põe como objetivos a formação do cidadão mediante:

- I- o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II- a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III- o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV- o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Como se verifica, a preocupação dos que estão engajados nessa mudança da Educação Básica é que não aconteça apenas uma transferência dos conteúdos e atividades da tradicional Primeira Série para os alunos de seis anos. A proposta é conceber uma nova estrutura dos conteúdos e organizá-los, considerando o perfil dos alunos. O objetivo de um tempo obrigatório maior de permanência do aluno nos bancos escolares seria assegurar a todas as crianças uma maior oportunidade de aprender, mas é evidente que apenas o alongamento do tempo não garantirá isso, o que se espera é que seu aproveitamento seja melhor, isto é, que o tempo seja melhor distribuído.

O ser humano está em contínua aprendizagem, assim também e mais ainda a criança. As concepções sobre infância vêm se modificando ao longo do tempo, bem como as lutas sociais pelas conquistas dos direitos que elas possuem. A criança do Ensino Fundamental possui características inerentes dessa faixa etária, como a imaginação, a curiosidade, a movimentação e o desejo de aprender, juntamente com sua maneira peculiar de conhecer o mundo através da brincadeira, questões que a tornam (a criança) singular.

É um momento crucial de construção da identidade e autonomia. Também nessa fase ela já é capaz de compreender o mundo através de símbolos, estruturando seu pensamento, fazendo uso de várias linguagens. Já são capazes de participar de jogos com regras e se apropriarem de conhecimentos sobre valores e conhecimentos atinentes à cultura na qual estão inseridas, inclusive em se tratando de valores, se há uma intencionalidade que essa criança conheça, por exemplo, o padrão bíblico para a mulher, essa é a melhor fase.

Explicam o mundo de forma mágica, se envolvem afetivamente com os colegas de mesma idade e também com os adultos, e com estes constroem seus conhecimentos. Aquelas que vivem em ambiente letrado nessa fase apresentam uma forte vontade por aprender a linguagem escrita e frequentar a escola.

Dependendo da família, da escola e dos professores, esse desenvolvimento se mostrará maior ou menor. Daí o papel decisivo de cada um como mediadores culturais no processo de aquisição de conhecimento pela criança. É importante que a escola esteja atenta às formas pelas quais essa criança ingressa no ensino fundamental, seja ela oriunda da família ou da educação infantil, para que os laços afetivos e sociais sejam continuados e ampliados. A ruptura ou negação dos mesmos causa profundos transtornos e prejudica a continuidade do processo.

No tocante à linguagem, a escola não tem papel decisivo nas múltiplas linguagens da criança, ela já chega ao ensino fundamental usando muito bem a linguagem plástica, oral, musical, gestual, a linguagem do faz de conta, mas para que a aprendizagem da linguagem

escrita se consolide, a participação da escola é fundamental, principalmente se esta criança for oriunda de famílias com baixa escolaridade, ou seja, aquelas que, em especial, têm pouco contato com a linguagem escrita.

Pedagogicamente falando, essa faixa etária é a adequada para que se processe a alfabetização. Não deve haver, no entanto, uma ruptura com a ludicidade e o encantamento das brincadeiras e fluidez da educação infantil, mas sim, o processo de continuidade das experiências anteriores, para que de forma gradativa elas assimilem a linguagem escrita.

A alfabetização deve ser trabalhada de forma contextualizada nos seus diversos sentidos, a escola deve considerar a curiosidade, o interesse e o desejo da criança. Mas apenas assegurar isto não garantirá a alfabetização. É preciso um trabalho sistemático centrado tanto nos aspectos funcionais e textuais quanto nos aspectos gráficos da escrita.

É importante ressaltar, no entanto, que a alfabetização não pode ser o aspecto único nem tampouco isolado desse momento escolar. É a interação com crianças da mesma idade e até mesmo de outras faixas etárias, propiciando novas experiências que será o diferencial desse novo modelo.

Considerar as especificidades de cada nível de desenvolvimento da criança é reconhecê-las como cidadãs, possuidoras de direitos e entre eles, o de uma educação pública de qualidade, a qual deve ser assegurada pelo poder público.

As escolas confessionais onde o ensino fundamental é presente possuem seu próprio regimento interno, pois o Brasil é um país laico onde a liberdade religiosa é instituída por lei. Sendo assim, o ensino confessional não possui uma lei própria, mas se enquadra no Artigo 33 da LDB 9.394/96 que versa sobre o ensino religioso e que possui a seguinte redação:

Art. 33: O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das Escolas Públicas de ensino fundamental, sendo oferecido, sem ônus para os cofres públicos, de acordo com as preferências manifestadas pelos alunos ou por seus responsáveis, em caráter:

I - Confessional, de acordo com opção religiosa do aluno ou de seu responsável, ministrada por professores ou orientadores religiosos preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou entidades religiosas; ou

II - Interconfessional, resultante de acordo entre as diversas entidades religiosas que responsabilizar-se-ão pela elaboração do respectivo programa.

Percebemos aqui que a lei trata da disciplina Ensino Religioso ministrada nas escolas laicas não confessionais e não da Educação Cristã de escolas confessionais, portanto, as mesmas se encontram respaldadas por essa brecha da lei e da laicidade do Estado.

A disciplina Educação Cristã ministrada nas escolas confessionais evangélicas possui, em sua maioria, mulheres cristãs evangélicas como regentes da mesma, e isto é relevante para esta pesquisa uma vez que trata de averiguar a concepção de mulher que essas professoras possuem. Aliás, é natural termos mulheres atuantes no ensino fundamental no Brasil, pois, conforme explicitado anteriormente, mulheres na profissão docente faz parte de um processo histórico de busca por emancipação feminina.

Esta disciplina traz em seu escopo princípios básicos de como se viver segundo a Bíblia, ou seja, um modelo bíblico de caráter e atitudes. Dentro das definições dos pressupostos do que se espera do ensino fundamental percebemos que a idade em que essas crianças se encontram é um período em que precisam de modelos, de exemplos, é um tempo em que buscam heróis, homens e mulheres que sirvam de inspiração, é quando escolhem aqueles referenciais que, na maioria das vezes, os seguem por toda a vida.

Tendo como modelo a Bíblia, as escolas confessionais acreditam que o ensino de atitudes e valores bíblicos devem permear o crescimento e o entendimento da criança. Assim, os exemplos dos homens que viveram na terra de forma digna – mesmo com dificuldades e problemas, mas que foram vencedores –, devem ser repassados a essas crianças para que sirvam de inspiração para que os referenciais sejam de pessoas reais, não de super-heróis imaginários. (LOPES, 2003)

Em seus fundamentos, essa disciplina acredita no valor supremo e absoluto da *Bíblia* como ferramenta de estudo e regra de fé. Isto quer dizer que todos os conteúdos podem ser ensinados dentro de uma cosmovisão bíblica, partindo da concepção do criacionismo e da intencionalidade de todas as coisas. Para estes, a Bíblia não possui valores relativos, mas verdades absolutas que podem ser vividas e aceitas em todas as situações. (SANTOS, 2008)

Em segundo lugar, a disciplina Educação Cristã almeja levar os educandos a aplicarem os princípios bíblicos em sua *vida prática* (namoro, casamento, relações pessoais, etc.). Isto implica viver sob os padrões bíblicos e ter o caráter e a atitude moldados por eles. A Bíblia possui um padrão comportamental que deve ser observado e seguido e, portanto, deve ser aprendido. É esse, em suma, o objetivo da disciplina Educação Cristã: ensinar os princípios bíblicos e como viver pautando-se neles.

CAPÍTULO 5

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Em primeiro lugar, utilizamos como técnica para coleta de dados e composição do *corpus* de análise a *entrevista*, a qual foi realizada individualmente com cada professora. As respostas foram gravadas e transcritas. Foram entrevistadas professoras de três escolas confessionais evangélicas das cidades de Uberaba e Uberlândia que atuam no Ensino Fundamental I e que lecionam a disciplina Educação Cristã.

Optamos por realizar a pesquisa nas cidades de Uberaba e Uberlândia uma vez que assim tivemos acesso a três escolas, número mínimo que estabelecemos para realização das entrevistas, as quais foram realizadas com todas as professoras que lecionam a disciplina, perfazendo um total de dez entrevistas.

Entramos em contato com as instituições selecionadas para pedir permissão para a pesquisa e todas se mostraram solícitas. Duas instituições, vinculadas a sistemas de ensino externo, nos pediram prazo para aceitação, pois precisavam consultar a matriz, mas *a posteriori*, também responderam favoravelmente.

A entrevista com as professoras da disciplina Educação Cristã se deu no ambiente da instituição em horário pré-estabelecido por elas, em horário de módulo. Para a realização das mesmas, contamos com a liberação do diretor e com a aquiescência das professoras em responder às referidas perguntas. Todas as participantes preencheram e assinaram o documento exigido pelo Comitê de Ética.

Sobre as instituições escolhidas, a Escola 1 (E1) situa-se na cidade de Uberaba, está em funcionamento há 22 anos no ramo do ensino de crianças e atende do maternal até o 5º ano do ensino fundamental, também com ensino em tempo integral (ou seja, com as aulas acontecendo nos períodos matutino e vespertino). A escola possui 15 professores, e cerca de cem alunos. A instituição mantenedora é a própria igreja à qual se vincula. A ideologia da escola é propor “uma visão moral e cívica intelectualmente correta e de um caráter genuinamente cristão”.

A Escola 2 (E2) localiza-se na cidade de Uberlândia, atua no setor de educação desde o ano de 1978 e atende os alunos do Maternal até Ensino Médio nos turnos Matutino e Vespertino. A escola conta com 486 alunos matriculados, e possui 30 professores na sua grade curricular. A missão da escola é: “promover, através da Educação Cristã, o

desenvolvimento harmônico dos educandos, nos aspectos físicos, intelectuais, sociais e espirituais, formando cidadãos pensantes e úteis à comunidade, à pátria e a Deus”.

A Escola 3 (E3), localizada na cidade de Uberlândia, está no mercado há 17 anos, atende do berçário ao ensino médio nos turnos matutino, vespertino e noturno. Possuem 9 mil alunos e conta com 600 professores atuantes¹⁶. A missão ou visão da escola é: “ser referência em educação integral pautando-se na ética e caráter cristão”.

Feitas estas considerações sobre as escolas onde as professoras informantes desta pesquisa lecionam, é preciso destacar que como forma de organização dos fragmentos para análise, utilizaremos as abreviações E1, E2 e E3 correspondentes às três escolas analisadas (Escola 1, Escola 2, e Escola 3 respectivamente).

Ademais, lançaremos mão, também, dos termos E1P1, E1P2, E1P3, e assim sucessivamente, os quais corresponderão aos fragmentos de falas das respectivas professoras, sendo que E1, E2 e E3 correspondem à escola e P1, P2, etc. correspondendo ao número do professor participante. Portanto, E1P1, referir-se-á ao professor entrevistado 1 da Escola 1, E2P1 tratar-se-á do professor entrevistado 1 da Escola 2, e assim sucessivamente.

Para a análise dos dados utilizamos a Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado desenvolvida por Moreira, Simões e Porto (2005). A técnica proposta pelos autores possui os seguintes aspectos: *Relato Ingênuo*, *Identificação de atitudes e Interpretação*. O *Relato ingênuo* é o momento em que o pesquisador foca na compreensão do discurso dos sujeitos, o qual, no nosso caso, será obtido através de entrevista gravada e transcrita. Transcrevemos as respostas da maneira como nos foram dada, sem nenhuma mudança ou alteração, buscando manter o sentido sem preocupação em polimento ou troca de palavras por termos equivalentes (linguisticamente mais adequados, por exemplo).

Ficamos atentos também ao comportamento do entrevistado, sua postura, modo de fala, se demonstrou emoção ao tratar do fenômeno, etc., pois estas questões, dentro desta técnica, foram consideradas relevantes no momento da análise.

Para clareza do sentido das palavras aqui empregadas denominamos relato ingênuo os dizeres dos sujeitos em sua forma original, sem alterar a grafia ou substituir termos por outros equivalentes. É o discurso em sua vertente “pura”, não sofrendo neste momento nenhuma espécie de polimento ou modificação. (MOREIRA, SIMÕES, PORTO, 2005)

¹⁶ Este quantitativo, repassado a nós, parece referir-se à rede do Estado de Minas Gerais e não apenas à unidade localizada na cidade de Uberlândia. Os dados da unidade em Uberlândia não nos foi apresentado.

O segundo passo na análise dos dados coletados consistiu na *Identificação de Atitudes*, ou seja, não perder de vista o sentido do que foi relatado no discurso do sujeito entrevistado, voltando a ele sempre que preciso para captar a essência e o sentido do todo, selecionando as unidades mais significativas, subtraindo-as do relato ingênuo e criando categorias para, mais tarde, servirem como referencial para a interpretação. Consistiu, portanto, em constantes idas e vindas à leitura do que foi coletado, buscando aqueles fragmentos de fala que mais mereceram a nossa atenção, que mais revelaram acerca do pensamento da professora a respeito do nosso objeto de pesquisa. Outrossim, pautados nesta técnica, é preciso destacar que a pesquisa em fenomenologia não acredita em *neutralidade*, pois o mundo do pesquisador é parte inerente da pesquisa.

O último passo da análise foi a *Interpretação*. Montamos e caracterizamos um quadro com as ideias gerais das entrevistadas pelas unidades de significado, analisando as convergências e divergências entre as mesmas, dando início então à análise(s) do fenômeno e sua(s) interpretação(ões) com vias a “compreendê-lo em sua essência [...], esta entendida como possibilidade de se manifestar após o desvelamento das ideologias que permeiam o discurso do sujeito” (MOREIRA, SIMÕES e PORTO, 2005). Neste momento retomamos os pressupostos teóricos sobre o fenômeno, ou seja, o que a Bíblia traz como concepção de mulher cristã, e confrontamos esse ponto de vista bíblico, colocados em “epoché” ou suspensão anteriormente, com o ponto de vista das professoras entrevistadas.

Sem a preocupação da busca de generalizações, que seria a antítese deste caminhar metodológico, o que se pretende neste momento é encontrar *insights* gerais, ou seja, a estrutura do pensamento individual dos sujeitos que pode, como um todo, pertencer a vários outros indivíduos. Aqui, o pesquisador precisa determinar que aspectos das estruturas individuais manifestam uma verdade geral e quais não o fazem. Por isso ele relê as estruturas dos relatos individuais e considera essas afirmações como referentes a todos os casos. Assim agindo, o pesquisador pode identificar que algumas proposições podem ser consideradas como verdadeiras no contexto geral e outras não. (MOREIRA, SIMÕES, PORTO, 2005)

Sendo assim, ao adotarmos esta base metodológica para análise e interpretação dos dados, acreditamos que ela nos serviu como apoio, uma vez que o nosso objeto é deveras complexo, e o pesquisador, sem dúvidas, *participa* de todo o procedimento de seleção, coleta, organização, análise e interpretação dos dados. Em outros termos, esta perspectiva teórico-metodológica nos possibilitou uma análise dos dados levantados de forma aprofundada, humana e pessoal.

Durante o percurso da coleta de dados vários percalços surgiram. No início do ano corrente, entrei em contato com todas as escolas com as quais pretendia trabalhar e recebi a aceitação de todas as cinco. Ficou combinado que após Agosto, entraria novamente em contato para realizar as entrevistas com as professoras em questão, mas quando o tempo de coleta chegou, algumas surpresas aguardavam.

Uma das escolas em Uberaba, descobri *a posteriori*, não poderia participar da pesquisa, pois não abriram para o Fundamental no ano vigente, apenas para a Educação Infantil. Outra escola, da cidade de Uberlândia, com a qual mantive contato frequente com a supervisora, no início do segundo semestre letivo mudou a direção, e a supervisora antiga infelizmente não repassou as informações a respeito da pesquisa, então quando liguei para agendar a entrevista fui recebida com frieza e, posteriormente, alegaram que não participariam da entrevista porque o Pastor responsável pela mesma não poderia estar presente para assisti-la. Sendo assim, ele não autorizou nossa investigação no local.

Fiquei sem compreender, pois passei por e-mail o roteiro para evitar qualquer mal entendido e também para esclarecimento da pesquisa, e as perguntas, como podem constatar no Apêndice, são perguntas pessoais, não necessitando de supervisão, até porque o sigilo é absoluto, e isto ficou também garantido pelo termo de consentimento.

Entre em contato com professores da cidade de Araxá, pois poderia acrescentá-los ao meu campo de pesquisa, já que aqui em Uberaba e Uberlândia as possibilidades diminuíram bastante. Todavia, fui informada de que a única escola que havia na cidade fechou no ano de 2014.

Sendo assim, do total previamente estipulado de cinco escolas, houve a redução para três. Duas das escolas possuem cinco professoras da disciplina Educação Cristã, pois cada professora regente é a responsável (por ela) em sua sala de aula; e uma escola possui apenas uma professora que leciona para todas as turmas em sistema de módulo, perfazendo assim o total de 11 professoras entrevistadas. No momento da assinatura do termo de consentimento para a transcrição e análise das respostas, uma das professoras decidiu não mais participar da pesquisa; sem maiores explicações pediu para me entregarem o termo em branco alegando apenas que pensou melhor e decidiu se retirar. Como é um direito do pesquisado, acatei a decisão e prossegui com as análises tendo, assim, um total final de 10 professoras entrevistadas.

CAPÍTULO 6

ANÁLISE DOS DADOS

Antes de efetuarmos as análises dos dados, é preciso pontuar algumas informações relevantes a respeito das participantes desta pesquisa. Para serem sujeitos da mesma, o pré-requisito seria ser do sexo feminino, lecionar em uma escola confessional evangélica e trabalhar com a disciplina Educação Cristã.

Apesar de preencherem os requisitos iniciais e todas serem casadas, as entrevistadas se diferem na formação, na idade, na cidade onde residem, no segmento religioso ao qual frequentam e na maneira de pensar e ensinar. E são essas divergências que enriquecem este trabalho, pois cada uma trouxe uma contribuição única.

O trabalho em fenomenologia não exclui o pesquisador, não acredita em neutralidade, pois como assinalamos anteriormente, *o mundo do pesquisador é parte inerente da pesquisa*, sendo assim, a pesquisa se torna parte do pesquisador e o pesquisador se imerge em sua pesquisa.

Tivemos o prazer, nessa coleta de dados, de conversar com mulheres reais, profissionais por excelência que se desdobram em cumprir tantos papéis quanto forem necessários, mas sem perder a ternura, a alegria, e o prazer em servir. Abriram mão do horário de módulo, que é aquele em que a professora tem o tempo de respirar, preparar o material, corrigir provas e trabalhos, para estarem neste momento de interlocução.

Não poderíamos ter escolhido uma metodologia melhor, pois o olhar nos olhos, observar a mudança nos semblantes, a emoção na voz ao responder cada pergunta, os gestos, tudo isso seria impossível de outra maneira.

O pesquisador sai a campo, muitas vezes, com a ilusão de estar levando algum conhecimento ou de possuir algo a mais que aquele a quem vai pesquisar, mas é surpreendido com a simplicidade, com a sabedoria daqueles que sem pretensão alguma, dividem todo conhecimento no qual estão embebidos.

C) Área de formação

Todas as professoras possuem formação em educação, sendo que nove concluíram o Ensino Superior e dentre essas nove, três possuem dois cursos superiores; uma está cursando Pedagogia e duas possuem Especialização. O curso mais realizado foi o de Pedagogia, são cinco pedagogas, uma estudante de Pedagogia, três possuem formação em Letras, duas em Teologia, uma em História, uma em Normal Superior; uma informante possui Especialização em Psicopedagogia e outra em Pedagogia Especial.

Para melhor entendimento, as professoras que possuem dois cursos superiores se dividem da seguinte maneira: a primeira tem formação em Letras e Teologia; a segunda em Ensino Religioso (especialização) e Teologia; e, por fim, a terceira em Pedagogia e História.

As que possuem Especialização têm como formação inicial Pedagogia e Letras, sendo que a que cursou Letras se especializou em Pedagogia Especial.

| Área de formação | E1P1 | E1P2 | E1P3 | E1P4 | E1P5 | E2P1 | E2P2 | E2P3 | E2P4 | E3P1 |
|--------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Pedagogia | | X | X | | X | X | | X | | |
| Letras | X | | | X | | | | | X | |
| Teologia | X | | | | | | | | | X |
| História | | | | | | | | X | | |
| Ens. Religioso | | | | | | | | | | X |
| Normal Superior | | | | | | | X | | | |
| Psicopedagogia | | | | | | X | | | | |
| Pedagogia Especial | | | | | | | | | X | |
| Total | 2 | 1 | 1 | 1 | 1 | 2 | 1 | 2 | 2 | 2 |

E) Igreja evangélica que frequenta

As escolas confessionais evangélicas, em sua maioria, adotaram como regra comporem o quadro de funcionários apenas com professores evangélicos, pois como trabalham dentro de parâmetros bíblicos muito específicos, o conhecimento prévio das professoras facilita, principalmente relacionado à disciplina em questão, a qual trata fundamentalmente sobre tais princípios, como constatamos nas análise dos dados.

Sobre a Igreja Evangélica que frequentam, as participantes se dividem em quatro diferentes denominações, sendo que nove são membros¹⁷, e apenas uma não-membro (embora frequente os cultos juntamente com o esposo).

O membro de uma Igreja Evangélica, salvo raras exceções, pode visitar outras denominações. Todavia, alguns segmentos não permitem que pessoas de sua comunidade visitem outras igrejas evangélicas, apenas igrejas com o mesmo nome e costume uma vez que existem diferenças entre elas: em aspectos doutrinários de interpretação bíblica, nos usos e costumes, ou seja, na vestimenta das mulheres, nos rituais cristãos, tais como o batismo, a ceia, e até mesmo na própria liturgia do culto.

Mesmo que as semelhanças sejam maiores, as pequenas diferenças muitas vezes quebram a unidade que deveria haver entre as igrejas, dificultando assim o bom relacionamento entre frequentadores de espaços evangélicos distintos. O pobre e velho orgulho que os seres humanos carregam os faz acreditar que sua verdade é melhor, ou mais “verdadeira”, a vontade que possuem em se achar de algum modo superior.

Das dez professoras, cinco frequentam a Igreja Adventista do Sétimo Dia, quatro na cidade de Uberlândia e uma na cidade de Uberaba, três frequentam a Igreja Batista, duas em Uberaba e uma em Uberlândia, uma frequenta a Assembleia de Deus e uma a Igreja Congregação Cristã. Apenas a professora que frequenta a Congregação Cristã não é membro ainda, pois veio de outra denominação, passando a frequentar a referida igreja após o casamento.

No quadro explicitaremos melhor:

¹⁷ Membresia em Igrejas Evangélicas pressupõe um vínculo, ou seja, a pessoa passou pelo ritual do batismo e foi aceita pela comunidade passando assim a fazer parte da mesma, tendo poder de decisão, mas também sinalizando que concorda com todas as regras e costumes da igreja, entre as quais a entrega do dízimo, por exemplo.

| Igreja a qual pertencem | E1P1 | E1P2 | E1P3 | E1P4 | E1P5 | E2P1 | E2P2 | E2P3 | E2P4 | E3P1 | Nº |
|-------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|----|
| Adventista do 7º Dia | | | X | | | X | X | X | X | | 5 |
| Batista | X | X | | | | | | | | X | 3 |
| Assembleia de Deus | | | | X | | | | | | | 1 |
| Congregação Cristã | | | | | X | | | | | | 1 |
| Total | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 10 |

Analizando o significado dos discursos

Iniciaremos aqui análise dos significados dos discursos de cada professora entrevistada, buscando assim a apresentação e a interpretação das unidades de significados que identificamos. A análise se dará a partir das respostas das entrevistadas em seu relato original, bem como minha percepção como pesquisadora, nos apoiando sempre no referencial teórico levantado. Procuraremos as particularidades das falas, os pensamentos convergentes ou divergentes entre elas, com o intuito de, ao final, esclarecermos os questionamentos e os objetivos traçados para essa pesquisa. Os indicadores de respostas (Vide Apêndice 2) foram o passo inicial para esse enredo.

6.1 Unidades de significados e análise relativas à pergunta geradora 1

Pergunta Geradora1: Quais são os objetivos da disciplina Educação cristã?

Para a pergunta geradora 1, foram elaboradas 3 unidades de significado que são: **princípios bíblicos**, que envolve 8 entrevistadas, **valores humanos**, com 8 respostas e **valores morais**, inserido por 3 professoras.

Vejamos estes resultados no quadro a seguir:

| Unidades de Significados | E1P1 | E1P2 | E1P3 | E1P4 | E1P5 | E2P1 | E2P2 | E2P3 | E2P4 | E3P1 | N° |
|--------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|----|
| Princípios cristãos | X | X | X | X | X | X | X | | | X | 8 |
| Valores Humanos | X | X | X | X | | X | | X | X | X | 8 |
| Valores Morais | | | X | | | X | X | | | | 3 |
| Total | 2 | 2 | 3 | 2 | 1 | 3 | 2 | 1 | 1 | 2 | 19 |

As respostas para essa pergunta demonstraram coerência e unidade por parte das professoras das instituições, pois as mesmas foram convergentes; as palavras usadas, mesmo que diferentes, possuíam o mesmo sentido.

Para essas professoras, o objetivo principal da disciplina Educação Cristã é o repasse de princípios bíblicos, que conferem valores humanos e morais ao educando, trabalhando o caráter, o respeito, o bem viver com o próximo em sociedade. (Isto vem depois do Quadro relativo à pergunta 1)

Princípios Bíblicos

Sobre a unidade de significado **PRINCÍPIOS BÍBLICOS**, como bem pontuou Santos (2009), a Educação Cristã é a instrução formal ensinada do ponto de vista do Cristianismo, visando o desenvolvimento integral do ser humano e de seus dons naturais sob a perspectiva cristã de vida, da realidade e do mundo.

As Escolas Confessionais Evangélicas, como já foi explicitado anteriormente, acreditam que a Bíblia pode ser usada para o ensino de valores, comportamentos e também para moldar o caráter. O ensino nessas escolas possui a cosmovisão cristã, ou seja, todas as disciplinas do currículo que integram as várias áreas do conhecimento são perpassadas pela epistemologia bíblica principalmente a disciplina em questão, pois dentro dela são trabalhados os

personagens bíblicos como exemplo de vida a serem seguidos. Outrossim, a Bíblia, como um todo, é trabalhada em diferentes momentos.

Valores humanos e Valores Morais

Analisando as unidades de significado **VALORES HUMANOS E VALORES MORAIS** percebemos que os dois são valores equivalentes, relacionados com o respeito ao próximo, o respeito com o meio ambiente, com o próprio corpo, caráter ilibado e bom comportamento em geral.

As professoras em questão demonstraram preocupação em serem exemplos de virtudes morais e humanas a serem seguidos, pois, segundo a fala de algumas, o discurso pode até ser belo, mas as atitudes são o que realmente ensinarão.

A Educação Cristã se preocupa com a formação holística do ser humano, o que não implica que a educação secular não o faça. Mas, como princípio, a Educação Cristã não se engolfa exclusivamente no repasse de conteúdos, muito, além disso, almeja que o aprendiz seja embebido por valores que vão além do conhecimento científico.

Quando discorremos sobre objetivos educacionais, referimo-nos ao respeito do desempenho que esperamos nossos alunos alcançar ao final do conteúdo ensinado, ou seja, o que queremos que fique como habilidade para o nosso aluno no final daquela aprendizagem. A Educação Cristã, segundo Santos (2009), se preocupa em ir além do cognitivo apenas, pretende ensinar essa criança a viver de forma prática os princípios aprendidos.

Poderíamos afirmar, então, que Educação Cristã é um processo que visa o ensinar aprender a viver, como bem afirmou Goethe (2003 apud Dimenstein): “detesto qualquer informação que é dada que aumenta minha instrução, mas não muda minha atividade”.

6.2 Unidades de significados e análise relativas à pergunta geradora 2

Pergunta geradora 2: Quando pensamos no ensino bíblico para o menino e a menina, em se tratando de papéis sociais, eles são ensinados da mesma maneira ou há alguma distinção? Em outros termos, há alguma diferenciação no ensino quando se trata de gênero?

Só para retomar, dentro da perspectiva de gênero, pautamo-nos em Aragão Filho que assim define o termo:

O termo gênero introduziu o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade e foi proposto pelas feministas que acreditavam que a pesquisa sobre as

mulheres transformariam os paradigmas disciplinares. Além disso o termo gênero é uma categoria relacional. Para entender o gênero feminino é preciso conhecer o masculino, assim como o que se entende por feminilidade e masculinidade em cada cultura ou sociedade. Essas definições são aprendidas no processo de socialização. (Aragão Filho, 2011, p. 25)

Dentro dessa perspectiva distinguimos duas unidades de significado: **DIFERENÇA DE PAPÉIS**, que acometeu a resposta de 7 professoras e **VIDA PIEDOSA**, sendo a interpretação de 3 respostas, pois as respostas das entrevistadas se mostraram convergentes. Apenas duas professoras afirmaram não trabalhar a questão da mulher.

Vejamos:

| Unidade de Significados | E1P1 | E1P2 | E1P3 | E1P4 | E1P5 | E2P1 | E2P2 | E2P3 | E2P4 | E3P1 | N° |
|-------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|----|
| Diferenciação de papéis | X | X | X | | | | X | X | X | X | 7 |
| Não trabalha | | | | | X | X | | | | | 2 |
| Vida piedosa | | X | X | | | | | | | X | 3 |
| Total | 1 | 2 | 2 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 2 | 13 |

Diferença de papéis

Ao serem questionadas se trabalhavam a questão da mulher, ou seja, *gênero* dentro da disciplina Educação Cristã, constatamos oito professoras que afirmaram sim, ou seja, que esta questão é trabalhada; apenas duas professoras afirmaram não trabalhar com gênero. Quando respondiam afirmativamente, a pergunta seguinte era sobre como isso de fato acontecia.

Como já explicitado anteriormente, a Educação Cristã é uma disciplina de Escolas Confessionais Evangélicas que possuem os parâmetros bíblicos como regra de fé e comportamento, é ministrada por professoras cristãs e uma de nossas perguntas de pesquisa se

refere a como a questão mulher é trabalhada dentro dela (caso fosse trabalhada), interessando-nos também conhecer a concepção de mulher que a professora da referida disciplina possui, isto é, se uma visão totalmente bíblica ou se permeada por discursos feministas.

A maioria das entrevistadas afirmou que trabalham a questão de gênero assinalando a diferença de papéis entre homem e mulher, utilizando para isso exemplos de personagens bíblicos, assinalando os comportamentos entendidos como femininos e masculinos.

Para a mulher que vive sobre parâmetros cristãos, o homem é o provedor do lar, e essa afirmação permeou a fala de algumas professoras ao longo de toda a entrevista. A mulher, nesse ponto de vista, é a ajudadora, a companheira que cuida da casa e dos filhos e também de todas as necessidades desse homem, sejam elas físicas, emocionais ou sexuais.

O papel da mulher, como mãe, foi citado muitas vezes, sendo a criação dos filhos considerada como a maior responsabilidade. Del Priore (2001, p. 81), afirma que no Brasil a maternidade é um assunto sagrado há muitos séculos, e que ela envolve muito mais que assuntos biológicos. Segundo a autora a “maternidade possui um intenso conteúdo sociológico, antropológico e uma visível presença da nossa cultura”.

Segundo uma informante (E2P2) ao discorrer sobre as aulas em que o assunto mulher é frisado, declara: “*a mulher ela cuidava das crianças, até mesmo a própria Maria mãe de Jesus... Jesus ajudava o Pai na marcenaria enquanto Maria o ensinava as coisas de Deus*”. Parece-nos que o imaginário de todas as mulheres cristãs é permeado pela mulher perfeita, como foi Maria, mãe de Jesus. Percebe-se, então, a figura da mãe sendo exaltada, até mesmo suplantando o próprio Jesus que, segundo a Bíblia, viria a ser o salvador da humanidade.

A associação entre mulher e maternidade acometeu a fala de todas as professoras, inclusive quando indagadas sobre o significado de ser mulher, a resposta foi rápida: “*ser mulher é ser mãe*”, “*companheira*”, “*exemplo*”.

Os vocábulos *mulher* e *mãe* caminham juntos, como sinônimos. Esse poder que foi dado somente à mulher é motivo de orgulho para muitas e tristeza para tantas outras, pois nem todas terão esta experiência, algumas por escolherem assim, outras por incapacidade natural.

Segundo a história, a mulher que não pudesse gerar filhos era considerada amaldiçoada; na própria Bíblia temos o relato de várias mulheres que sofreram rejeição e amargura por sua esterilidade.

As professoras alegaram que trabalham as diferenças básicas entre homem e mulher, mas sem deixar de salientar que todos “*são iguais perante Deus, [e que] socialmente exercem papéis diferentes*” (E1P1), ainda segundo a mesma professora: “*a questão dos valores, do caráter é ensinado igualmente para meninos e meninas*”. Outra professora (E2P4) também

trabalha a igualdade perante Deus, mesmo exercendo diferentes papéis: *“ensinando que apesar de eles ter as diferenças e dentro dessas diferenças eles ter as coisas que eles gostam, há muitas coisas em comum e que eles são iguais pra Deus”*.

Observamos durante as análises que apesar da maioria das respostas convergirem a respeito da diferenciação dos papéis, sendo o homem considerado o provedor, e a mulher a mãe, esposa, companheira, a responsável pelo lar, todas elas, enquanto profissionais assalariadas se colocaram também como provedora, ou seja, dividem com os maridos a responsabilidade de levar o sustento ao lar.

Ao longo de toda a coleta de dados, percebemos esse distanciamento entre discurso e prática, ou seja, apesar de todas afirmarem essa distinção de funções, na realidade vivem um compartilhamento de papéis, pois são profissionais, donas de casa, mãe e esposa.

Em uma sociedade androcêntrica, os papéis ditos da mulher estão sempre relacionados ao cuidado do outro. Isto ocorre por algumas razões, como bem lembra Pletsch (2004, p. 221), ao afirmar que *“Definidas como seres-para-outros as mulheres são apropriadas como seres de outros e subordinadas a outros. Este esquema tem por consequência que a vida das mulheres ganham sentido somente quando elas possuem vínculos com outros e quando conseguem trabalhar e pensar para os outros”*.

Esta realidade se reflete em toda a sociedade, pois quando se trata do âmbito da tomada de decisões, ou qualquer outro em que haja responsabilidade maior envolvida, a mulher não se faz *“visível”*. E a sociedade cristã contribui muito para esse empoderamento masculino em detrimento da mulher, através dos discursos e práticas de uma visão claramente influenciada pela cultura patriarcal.

Vida Piedosa

Três professoras afirmaram que ao trabalhar a formação da mulher dentro da disciplina Educação Cristã, uma das preocupações é com a parte espiritual, religiosa propriamente dita, que interpretamos dentro da unidade de significados como **Vida Piedosa**.

Ao explicarem a metodologia, as professoras citaram várias vezes o exemplo de mulheres da Bíblia como alvo a ser seguido, mulheres piedosas, obedientes que ao cumprirem seu papel, contribuíram de forma significativa para os grandes feitos da humanidade relatados pelos textos bíblicos.

Ser obediente, ter uma vida de penitência e orações é muito valorizado no meio cristão evangélico, principalmente pelas mulheres, pois é um meio de se alcançar visibilidade. O

significado de obediência encontrado nas palavras dessas mulheres é obedecer ao que a Bíblia ensina e viver pautado nestes ensinamentos, não apenas no casamento, mas em todas as áreas da vida. Isso é um ponto muito importante para todo cristão que frequenta os templos evangélicos, é inclusive uma condicional para ser aceito como membro, aliado ao compromisso de respeitar as normas internas de cada instituição.

Uma curiosidade a respeito da cultura evangélica é que as pessoas que possuem maior prestígio dentro da comunidade não são aquelas com maior poder aquisitivo ou com mais atributos físicos, as pessoas mais respeitadas são aquelas que possuem maior conhecimento a respeito da Bíblia e de Deus e levam uma vida de obediência, oração intensa, seja homem ou mulher, não havendo nisso distinção de gênero. Essas pessoas são procuradas por aqueles que querem obter alguma resposta transcendental, do “sobrenatural”, uma vez que estes não se sentem tão especiais ou espiritualmente avançadas como aquelas que são consideradas “pessoas ungidas”.

As mulheres evangélicas exploram esse fato muito bem, pois dentro desse ambiente são respeitadas, ouvidas, mesmo que não seja do alto de uma plataforma, mas ainda assim é uma posição de *status*, uma maneira de ser vista e até mesmo admirada: “assim percebe-se que a mulher não está isenta de resistência no contexto sociocultural e religioso. Como sujeitos elas reservam em sua individualidade os mesmos anseios que os fiéis que frequentam as suas igrejas” (ARAGÃO FILHO, 2011, p. 15).

6.3 Unidades de significados e análise relativas à pergunta geradora 3

Pergunta Geradora 3: A Bíblia, dentro do que você acredita, possui uma concepção de mulher? E como essa mulher seria?

Todas as professoras afirmaram que sim, a Bíblia possui uma concepção de mulher e, portanto, esta mulher teria um perfil. Destacamos algumas dessas unidades de significado como **OBEDIENTE A DEUS**, identificado na fala de seis professoras, **MULHER SÁBIA e VIRTUOSA**, seis professoras utilizaram esse argumento, **REALIZADA SEXUALMENTE**, interpretação da fala de duas informantes, **MULHER PLENA**, três professoras assim a descreveram e **VISÃO MACHISTA e ANDROCÊNTRICA**, que apareceu na fala de apenas uma professora.

| Unidade de significados | E1P1 | E1P2 | E1P3 | E1P4 | E1P5 | E2P1 | E2P2 | E2P3 | E2P4 | E3P1 | N° |
|--------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|----|
| Obediente a Deus | | X | X | X | X | | | | X | X | 6 |
| Mulher sábia e Virtuosa | | | X | X | | X | X | | X | X | 6 |
| Visão machista e androcêntrica | X | | | | | | | | | | 1 |
| Realizada sexualmente | X | | | | | X | | | | | 2 |
| Mulher plena | X | | X | | | | | X | | | 3 |
| Total | 3 | 1 | 2 | 2 | 1 | 2 | 1 | 1 | 2 | 2 | 17 |

Obediente a Deus

A descrição dessa mulher bíblica, segundo o retrato pintado pelas professoras, se difere em poucos aspectos, as respostas apesar de analisarem pontos de vista diferentes, como o perfil emocional, espiritual e até mesmo físico, algumas focando mais um ou outro ponto, na interpretação geral, as respostas são muito convergentes.

Percebemos que as professoras foram coerentes, pois de acordo com as respostas da pergunta geradora 2, elas trabalham dentro da disciplina o perfil de mulher que acreditam ser o padrão bíblico.

A maioria respondeu que essa mulher seria *obediente a Deus*, acometendo a fala de seis professoras. Como dito anteriormente, a obediência é uma característica muito valorizada por essas mulheres, e mais uma vez elas demonstraram isso em seus discursos; segundo elas uma boa mulher cristã possui esse pré-requisito.

Mulher Sábia e Virtuosa

Outra interpretação destacada foi a mulher sábia e também virtuosa, fazendo alusão aos versículos que se encontram em Provérbios 14:1: “A mulher sábia edifica sua casa, mas a insensata a derruba com as próprias mãos”, e também Provérbios 31:10: “Mulher virtuosa, quem a encontrará? O seu valor muito excede o de finas joias”, dois textos muito utilizados ao descrever a mulher segundo os padrões bíblicos.

Entendemos a Bíblia também como um documento histórico e sob essa perspectiva perde-se a visão dogmática e positivista, assumindo assim um conceito dialético. Alguns estudiosos utilizam o método histórico crítico, uma metodologia rica que procura resistir à subjetividade, mas que cai no engano de afirmar uma objetividade absoluta – postura esta que vem sendo muito criticada pelas hermeneutas feministas: “os estudos bíblicos contemporâneos estão muito mais autoconscientes ideologicamente falando do que nas gerações passadas. Em particular adquiriram uma aguda consciência do fator subjetivo, do impacto que a posição do leitor tem sobre a experiência e a compreensão do texto bíblico.” (O’BRIEN, 2001, p. 69).

É sob essa perspectiva que realizamos as análises, consciente do fator subjetivo que advém da experiência como leitora do texto bíblico, como também da interpretação que as entrevistadas possuem a respeito do mesmo e sem esquecer da subjetividade das pessoas que editaram estes textos ao longo de toda a história. Portanto, se elas acreditam encontrar na leitura bíblica um perfil de mulher, nossa responsabilidade é apenas analisar como se deu o processo através dos discursos externados.

Um dos perfis mais lembrados por essas professoras são o da mulher sábia que se encontra registrado no livro de Provérbios. Lopes (2007) em sua tese dedicada à sabedoria da mulher, traz um estudo minucioso sobre este livro bíblico, a autora assim justifica seus estudos:

Minha decisão de acolher a sedução que os poemas sabedoria mulher em Pv 1.9 exercem sobre mim tem duas principais motivações: 1. desvelar o discurso religioso elaborado a partir do símbolo da sabedoria mulher; 2. buscar a mulher israelita sábia que se reflete neste símbolo. Acredito que este procedimento poderá proporcionar um material que possibilite novos discursos sobre a divindade, extraindo da rica tradição bíblica uma imagem com nome, função e representação femininas... Estas perguntas dirigem minha atenção tanto para o símbolo da sabedoria mulher como para a mulher da vida real, com a intenção bem definida de investigar a relação entre ambas. (LOPES, 2007, p. 8)

As informantes E2P2 e E1P3 ao tentarem descrever uma concepção bíblica de mulher citam o verso de Pv. 14:1, pois para elas sabedoria está relacionada a cuidar bem da própria

casa – casa significando família; ser ética na profissão; e nas relações sociais. Nas palavras de E1P3: *“eu sempre busco a sabedoria que vem de Deus... para ser uma boa mãe, ser uma boa mulher... é agir com ética na minha vida função profissional, como filha, como amiga, como irmã, então eu acho que a mulher tem que ser sábia, ela tem que buscar a sabedoria que vem de Deus”*.

Sabedoria também aparece em destaque nas palavras de E2P2 ao concluir que: *“a mulher tem que ter sabedoria em todos os aspectos da vida dela, tanto como mulher, como mãe, como profissional, com o meio em que ela vive então assim é ter sabedoria. Eu acredito que a palavra mais certa a ser falada seja uma mulher sábia”*.

Para elas sabedoria também é viver com equilíbrio, ponderação, buscando pesar o que é mais importante dentro das relações humanas, obedecendo sempre aos princípios já pré-estabelecidos nos quais pautam suas vidas. A professora E1P2 fez uma colocação relevante a este respeito: *“ela passa por muitos problemas como todas as outras mulheres...por mais que ela venha passar por dificuldades e tudo ela não vai buscar prazeres aleatórios, ela não vai se desviar nem pra esquerda nem pra direita, mas vai se fixar no Senhor e ela será realmente feliz”*.

Os discursos exteriorizam uma mulher focada, determinada, cuja fé lhe dá forças para se manter sempre na mesma direção. Esta interpretação que se faz dos textos de Provérbios tem procedência, pois, segundo Lopes (2007), este texto foi escrito em um contexto de rompimento de paradigmas:

A queda da monarquia e a destruição do templo de Jerusalém sacudiram maciçamente a ordem patriarcal estabelecida e, neste sentido, as mulheres tiveram novas chances, porque os padrões tradicionais de funções sociais e os sistemas da fé já não tiveram autoridade automática. De repente, a religiosidade de Israel estava ligada fortemente à sociedade e ao clã, como na época pré-estatal. (SILVIA SCRHOER, apud LOPES, 2007, p. 25)

Ainda segundo a mesma autora, a casa e a família era lugar importante, onde eram transmitidos valores, normas de conduta e também onde se aprendia sobre a religiosidade, os mitos, as lendas, enfim, a cultura da comunidade. Essa visão ainda hoje permeia o imaginário e a prática cristã.

Outra característica citada, também pautada em Provérbios, cita a mulher virtuosa, que seria a busca, o desejo de todo homem encontrar. Uma das professoras (E1P4) definiu a virtude da mulher como um bom comportamento e seguiu dizendo que ela também é a mulher sábia, que coloca Deus em primeiro lugar: *“uma mulher virtuosa, essa virtude eu acho que*

tem ver com seu comportamento, uma mulher cristã e se dá ao respeito...ela é a mulher sábia que edifica a sua casa, então segundo a Bíblia a mulher é aquela que ora pela família, que busca a Deus acima de todas as coisas, mas também cuida da casa, que ama o marido, ama os filhos, que sabe seu papel na sociedade, na sua casa e faz cada um deles muito bem”.

Outra entrevistada também citou a mulher virtuosa, definindo-a assim: “*a Bíblia diz essas palavras, que a mulher tem que ser virtuosa, o que que é ser virtuosa? É você não se deixar levar por coisas vãs, é você ser amável*”.

Lopes (2007), baseando-se nos estudos dos textos originais, descreve a mulher virtuosa como “mulher de força” ou “mulher de guerra”, tanto a Septuaginta como a Vulgata traduziram assim o vocábulo. A versão mais utilizada pelos cristãos evangélicos, que é a versão de João Ferreira de Almeida, traduziu como virtuosa, não se distanciando tanto da raiz original, pois etimologicamente a palavra virtude é proveniente de *virtus*, força, vigor; mas a interpretação que se faz da palavra tem mais conotação com os atributos morais do que físicos dessa mulher.

Este texto é um poema acróstico, como já explicitado anteriormente, cada estrofe iniciando-se com uma das 22 letras do alfabeto hebraico. O poeta denota uma intenção didática ao utilizar a opção acróstico, pois é um recurso mnemotécnico. O poema foi escrito como um conselho de uma mãe para seu filho, o Rei Lemuel, (entendido como um personagem hipotético por alguns estudiosos) e o texto se inicia com uma indagação seguida por uma comparação, a mulher que deve ser encontrada é como uma joia rara. O texto segue salientando o bem estar que essa mulher proporciona ao seu marido e a todos de sua casa, sua alma caridosa, a competência dela nos negócios, indicando com isso que essa mulher não vive apenas para resolver os problemas da família, mas também se abre para uma realidade do entorno, quando se solidariza com as injustiças dos que a rodeiam do lado de fora.

É essa mulher que a maioria das professoras que entrevistamos tem como parâmetro, uma mulher inteligente, competente, engajada, entre outros atributos, e segundo elas, essa seria a mulher que a Bíblia considera como ideal.

Realizada Sexualmente

Duas professoras acreditam que uma mulher, segundo uma concepção bíblica, é realizada sexualmente dentro do casamento, pois tomam por base a sabedoria do bem viver e o livro de Cantares de Salomão, ou Cântico dos Cânticos, como em algumas versões.

Esse livro é considerado erótico por alguns teólogos, pois descreve com a linguagem da época o relacionamento íntimo entre os protagonistas, identificados por alguns historiadores como Salomão e a Sulamita, que para alguns era a mesma Rainha de Sabá.

De acordo com as palavras de E2P1 a mulher deve procurar o próprio prazer: *“é você ser amável até na sexualidade, não é você fazer as coisas que você tem que fazer pra o seu marido, você tem que fazer e fazer pra sentir o seu prazer junto com o seu marido”*. Interpretando os fragmentos de fala da informante, entende-se, a este respeito, que a mulher não é obrigada a fazer sexo só porque o homem quer, mas a mulher deve fazer sexo por ela também, ou seja, pelo seu prazer.

A informante E1P1 cita Cantares: *“baseado na Bíblia ter prazer sexual é um direito do casal, um direito do casal que se ama, do casal que vive em harmonia, que procuram andar juntos. A Bíblia nos mostra em diversos exemplos no livro de Cantares principalmente, que fala sobre o amor no casamento, do sexo da realização plena”*. Aqui, podemos perceber que algumas dessas mulheres demonstram conhecimento a respeito do seu direito ao prazer.

Dentro das questões colocadas, indagamos se o sexo na Bíblia seria liberado apenas para a procriação e se o prazer estaria relacionado ao pecado e todas foram enfáticas em afirmar que não. De acordo com E1P1: *“Deus criou algumas partes no nosso corpo destinados apenas ao prazer, sem nenhuma outra função. Ele não faria isso se fosse para ser pecado”*.

Não se pode ser inocente em supor que tudo mudou e atualmente todas as mulheres são como estas da entrevista desta pesquisa, conscientes do seu direito ao prazer, pois foram muitos séculos de uma ideologia machista, de uma “santidade” etérea que coibia qualquer demonstração de sexualidade por parte da mulher em que o sexo era entendido como o pecado original e Eva como a realizadora dele. Tudo isso traz consequências e, em geral, observamos que muitos cristãos, seja de qual vertente for, de maneira mais branda ou de forma contundente, são atravessados por esses discursos.

Mulher plena

A partir dos fragmentos de fala das informantes, interpretei como mulher plena algumas colocações das entrevistadas que se encaixavam nessa definição: uma mulher realizada, bem resolvida, com sua identidade restaurada.

A respeito da identidade feminina, uma das professoras (E2P3) fez a seguinte colocação: *“Eu acredito que Jesus nos trouxe exatamente isso, a nossa identidade de volta.*

Ele andava com as mulheres, ele se preocupava com elas e ele nunca as discriminou. Então Ele mostrou como seria sábio que nós parássemos e gastássemos um tempo para encontrar a maneira como Jesus tratou essas mulheres, porque isso foi extremamente bom e gratificante.”.

A respeito desse resgate de identidade por meio da pessoa de Jesus, temos um tópico que faz um levantamento a respeito disto intitulado *A Mulher no Novo Testamento*, em que é relatada a importância do ministério de Jesus e do advento do cristianismo para as mulheres. Mesmo que ao longo da história estes relatos tenham sido intencionalmente apagados e/ou esquecidos, a Bíblia ainda guarda resquícios dessa passagem nos Evangelhos.

Uma das professoras (E1P1), ao explicitar sobre uma concepção bíblica de mulher, fez a seguinte colocação: *“Eu vejo que a mulher, pela concepção bíblica, ela no contexto em que o Velho Testamento foi escrito, eu vejo que, as pessoas que o escreveram elas tinham uma visão diferente em relação às mulheres, uma visão de que as mulheres elas não tinham uma mesma importância que os homens, e eu vejo isso como algo cultural, pela época que foi escrita, pela cultura em que as pessoas que escreveram a Bíblia estavam inseridas”.* Interpretamos essa fala como uma unidade de significado, ou seja, uma concepção bíblica também é perpassada por uma **Visão machista e androcêntrica.**

Baseando-nos em Candiotti (2010) voltamos a ressaltar que a Bíblia é um livro cultural e histórico, portanto não é neutro, e apesar de a Bíblia conter textos machistas e que em alguns momentos desprivilegiam a mulher, a mensagem de salvação e igualdade que extraímos dela “como um todo”, não o é. Remontando à figura de Jesus, é necessário enfatizar que ele andava com as mulheres, e apesar de a Bíblia só citar discípulos, sabemos que essas seguidoras foram fundamentais para o disseminamento e consolidação do cristianismo.

Sobre essa plenitude no ser mulher, as professoras citaram a realização pessoal, profissional e sexual como a concretização da mesma. Falaram sobre a importância de buscar sempre a vontade de Deus, como afirma E3P1: *“A mulher plena é aquela que busca a vontade de Deus em tudo pra vida dela”.* Outra professora (E1P1) também concorda que a mulher deve buscar essa realização: *“Porque eu acredito que a mulher pode ter uma realização plena em todos os sentidos, ela deve buscar isso, é direito dela e a Bíblia nos assegura isso. Homens e mulheres, iguais em importância, mas com papéis diferentes, e um papel complementa o outro papel”.*

É relevante salientar essa última colocação, pois denota uma lucidez quanto à interpretação do texto bíblico. Falar de mulher, gênero, feminismo e Bíblia em um mesmo texto em um primeiro momento soaria como algo incoerente para quem olhasse de fora, mas

como um livro histórico a Bíblia tem um conteúdo riquíssimo, e para aqueles que se debruçam sobre ele para extrair algo a mais, algo sobre o transcendente, tem muito a contribuir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos e das análises empreendidas verificamos que alguns questionamentos foram respondidos, outros, no entanto, surgiram. Isso nos demonstra, em primeiro lugar, que a pesquisa de mestrado foi apenas um passo inicial para uma caminhada mais longa.

No início desta trajetória alguns questionamentos foram levantados, e o objetivo principal era analisar qual concepção as professoras da disciplina Educação Cristã das Escolas Confessionais Evangélicas possuíam a respeito de mulher. Após a análise dos dados, chegamos à conclusão de que a concepção de mulher que essas professoras possuem é atravessada por vários discursos, entre eles, o discurso bíblico e, também, o discurso feminista.

Segundo elas, a Bíblia possui uma concepção de mulher, e esta mulher seria muito parecida com aquela descrita em Provérbios 31:10-31, ou seja, uma mulher que além de *excelente dona de casa, mãe e esposa*, também é uma *profissional de sucesso*.

Interpretamos que os discursos se contrapõem e se justapõem nas falas, ora se contradizendo, ora se justificando. Algumas afirmaram que a mulher ter alcançado o direito à profissão foi muito bom, mas foi também prejudicial pelo excesso de responsabilidade que trouxe na bagagem. Em seguida ao serem indagadas sobre o que achavam a respeito das mulheres que eram apenas “do lar”, afirmavam não concordar, pois acham que muitas mulheres se anulam em função da família.

O que percebemos foi que a mulher cristã-evangélica, assim como qualquer outra mulher, ainda não consegue equilibrar vida profissional com doméstica sem se culpar. Ela quer se realizar profissionalmente, quer ter seus talentos reconhecidos, mas a preocupação com o sucesso do casamento, com os filhos, com a casa, mais do que qualquer outra, a tem perturbado. A concepção que possuem a respeito do que é ser bem sucedida não lhes permite ser algo menos que feliz e realizada em todas as áreas. O fardo que elas carregam é um pouco mais pesado.

O questionário aplicado às professoras possuía inicialmente dezesseis perguntas, indo desde o sentido de ser mulher, passando pela vida profissional e pessoal, visão de casamento até chegar a algo mais íntimo, como sexualidade e prazer. Após a qualificação, e sobre a orientação do Professor Dr. Wagner Wey Moreira, que me esclareceu as dificuldades que eu

teria para trabalhar uma quantidade maior de perguntas dentro da metodologia escolhida para análise de dados, foram escolhidas então três perguntas geradoras.

Uma das perguntas do questionário antigo (antes da qualificação), como relatado acima, indagava como as entrevistadas viam as últimas conquistas da mulher em relação à profissão, ou seja, qual a opinião delas a respeito da mulher possuir o direito de ocupar os mesmos lugares profissionais que o homem, e ainda na mesma esteira, como elas viam mulheres que optam por cuidar apenas do marido e filhos sem sair para o mercado do trabalho. A resposta da maioria foi bastante reveladora: sete professoras responderam que é muito válido, é muito bom para a mulher ter alcançado esse espaço, mas, e isso foi o intrigante, as mulheres entrevistadas se encontram em uma incógnita, pois se de um lado se sentem *felizes e aptas para ocuparem o mercado profissional*, por outro se sentem *sufocadas e esmagadas*, pois o que alegaram foi que ao invés de conquistarem um direito, conquistaram *mais responsabilidades*, pois agora além do cuidado com a casa, com o marido e com os filhos, também precisam cuidar da vida profissional.

Todas as entrevistadas são evangélicas e assalariadas, possuem, portanto uma visão de mulher cristã, ou seja, aquela que é responsável pelo bom andamento do lar, pela felicidade do marido e dos filhos. Sendo assim, acumularam funções, como todas as outras mulheres, mas diferentemente daquelas que não vivem sobre o mesmo paradigma, se sentem totalmente responsáveis pelo sucesso dos filhos e do casamento, e quando alguma coisa não está dando certo, se há alguma insatisfação, são corroídas pela culpa.

A maioria dessas mulheres não têm condições de contratar uma ajudante, sendo assim, o trabalho não termina quando as aulas se encerram, pelo contrário, ao retornarem para seus lares o cuidado com os afazeres domésticos, com a tarefa escolar dos filhos, com a atenção ao marido, tudo isso ainda está por começar. Somando-se a isso vem a correção e elaboração das provas, o plano de aula e as metas educacionais que são necessárias cumprir.

Levando em consideração que essas mulheres vivem sobre esse conceito, provavelmente os companheiros também, então provavelmente esses maridos se sentem responsáveis por prover o sustento financeiro da casa, mas não sentem o mesmo a respeito dos trabalhos manuais, deixando essa parte para a ajudadora, a companheira, a esposa submissa. Esse é um comportamento típico do casal cristão evangélico: a sobrecarga feminina. Se esse marido deseja mesmo viver sobre a égide bíblica em tudo, então deveria ser o único provedor do lar, livrando a esposa de ser complemento de renda, aí então ela poderia viver plenamente sua função doméstica, mas já que não é isso que acontece, urge que esse homem vença esses pré-conceitos tradicionais e que ao chegar em casa seja o companheiro

que ela necessita, pois se ela está exercendo um papel que culturalmente seria dele, a recíproca seria mais que justa.

O que percebemos é que a mulher que não vive sob os parâmetros cristãos-bíblicos lida melhor com a questão de conciliar trabalho, filhos, casa, pois ela não se sente infringindo nenhuma lei ao dividir com o marido os afazeres domésticos, pelo contrário, é uma condicional para que ela assuma compromissos “*extraturno-lar*”, pois ela compreende que igualdade é um direito e sabe cobrar por isso.

Ao fazer uma diferenciação entre o homem e a mulher, a professora E2P4 fez uma colocação interessante, ela disse a respeito das mulheres: “*ela trabalha fora, ela trabalha em casa, ela tem o marido e ela tem os filhos. O homem não, ele trabalha fora e ele chega em casa.*”. Salvo raras exceções, é assim que acontece na maioria dos lares e estas mulheres se mostram insatisfeitas com essa divisão injusta de papéis, com a sobrecarga. Em outros termos, observamos, pelo discurso da informante, uma insatisfação no modo como se concebe as responsabilidades do lar.

Outro exemplo que corrobora esse pensamento sobre a mulher se sentir culpada por estar dando pouca atenção ao lar é o da professora E2P2, que contou-nos que quando os filhos nasceram teve que se dedicar apenas à criação deles até que atingissem certa idade e pudesse voltar novamente a trabalhar fora, mas que está encerrando a vida profissional no final do ano letivo e retornará a se dedicar apenas ao lar, pois segundo a mesma, “*é muito triste ficar longe da família, é algo que dinheiro algum paga*”. Afirmou, também, que sentia frustrada quando estava em casa, se sentia muito inútil, mas descobriu que também se frustra por estar ausente, então segundo ela, “*o que vale mais a pena*” é o sucesso da sua casa, do seu casamento e dos filhos.

A segunda parte da pergunta trouxe também constatações interessantes, pois apesar de admitirem que a mulher tenha o direito de escolher ficar em casa (algumas inclusive sinalizam a vontade que têm de voltar a serem apenas do lar), por sua vez não concordam que a mulher não deva se realizar profissionalmente, ou seja, o lado profissional para elas é muito valorizado também, pois muitas mulheres, de acordo com seus discursos, se anulam em função do lar.

Antes essa mulher era a filha, a esposa, a mãe, a dona de casa, hoje ela continua sendo tudo isso, mas é também professora, pedagoga, entre outras (gerente, arquiteta, médica, comerciante, pai, provedora, sustentadora), e em meio a tantas responsabilidades, se encontra atualmente em um conflito de papéis. O que percebi pelas análises é que as professoras cristãs analisadas estão com a sua identidade pluralizada, duplicada. Elas não sabem muito bem

quem são ou o que devem realmente fazer, ou melhor, demonstram o *conflito*, uma *crise de identidade* que vivem ao optarem por dedicarem mais tempo à profissão em detrimento do lar (ou vice versa).

Mais uma tarefa coube à mulher contemporânea, a de contribuir no sustento da casa, o problema é que as outras obrigações se mantiveram acumuladas, muitas vezes uma dupla ou tripla jornada de trabalho para essas. O feminismo, que lhe prometeu um sentido mais intenso de identidade, pouco mais lhe deu que uma crise de identidade. (GRANT, 1989, p. 20)

Quanto peso nós mulheres podemos suportar? Quanta responsabilidade recai sobre nossos ombros! Todas nós podemos ser consideradas como *super-mulheres*, visto que realizamos com maestria tudo aquilo a que nos propomos executar. Mesmo que às vezes sejamos esmagadas pela culpa da ausência que deixamos em nossos lares, não temos escolha. Hoje o papel social da mulher ampliou, rompeu os limites do quintal, abarcou a rua, o bairro, a cidade, o país. Ela é imprescindível do lado de fora assim como o é do lado de dentro. E esse se tornou o maior desafio para elas. Lidar com papéis tão distintos, mas que se tornaram entrelaçados, entremeados, uma unidade.

Saindo do âmbito da culpabilidade e passando para a realidade diária, se perguntarmos aos filhos e aos maridos dessas mesmas mulheres a respeito da sua atuação, talvez não reclamarão a ausência, pelo contrário, tecerão elogios para a presença de qualidade, os momentos que mesmo não sendo tantos quanto gostariam, são preciosos, pois entendem e admiram essa mulher que sem deixar de ser mãe, esposa, companheira, dona de casa, também é uma profissional realizada, bem sucedida e muito capaz.

Eis um paradigma do nosso tempo a ser vencido e a história nos mostra que os paradigmas científicos estão em constante mutação (CAPRA, 2003; CAPRA, 2005). Não há paradigma permanente, pois a evolução da humanidade é dinâmica e contínua. Assim quando se modificam os valores, os conceitos, as crenças, as ideias acerca da realidade, modificam-se os paradigmas, pois estes são intrinsecamente ligados ao olhar e à vivência do observador.

A origem do termo paradigma é grega, *paradéima*, que significa modelo ou padrão. Um paradigma é, portanto, um referencial, uma forma organizacional de determinada sociedade, em especial da(s) comunidade(s) científica(s) que propõe(m) modelos para entendê-la, mas que podem limitar a visão de mundo quando homens e mulheres resistem à mudança e insistem em se manterem conservadores. De tal sorte, os paradigmas servem tanto para construir o mundo, bem como enxergá-lo. Em outros termos, funcionam como óculos que

permitem efetuar determinada leitura da realidade, discernindo entre “certo” e “errado”, entre o que é aceito ou rejeitado pela população ou pela comunidade científica.

A mudança de um paradigma é um processo lento, difícil e a adesão a um novo modelo não pode ser forçada, pois implica ruptura de ideias, conceitos, mudança de valores. Tudo isso é muito complexo, uma vez que os indivíduos conhecem, pensam e agem segundo paradigmas culturalmente, socialmente e historicamente inscritos neles mesmos. Tal mudança ocorre de tempos em tempos e acompanha a história da humanidade.

O paradigma de mulher que vive sua vida profissional sem culpa, que divide os afazeres domésticos com o companheiro, que sai para trabalhar todos os dias, mas que volta pra casa e tem tempo de qualidade com a família, ou mesmo a obrigação de ser profissional que é imposta não deixando margem para escolha, são os dilemas do presente século.

Por outro lado, o paradigma do homem machão, provedor, que não sabe cozinhar, lavar ou passar, que não se “intromete” nos assuntos da casa, pois é coisa de mulher, também não se sustenta mais, pois quando essa mulher assume funções culturalmente instituídas como masculinas, quando ela sai para o campo de trabalho para trazer sustento para casa como ele, pra que essa balança se equilibre o homem também deverá tomar para si atividades antes consideradas apenas como femininas.

Quando indagamos sobre como elas se sentem habitando um corpo mulher, como é a experiência de “ser mulher”, algumas responderam que gostam muito de ser mulher, se sentem realizadas como mãe, esposa, profissional, outras lamentaram a questão da discriminação e desvalorização, uma discriminação atemporal, cultural e religiosa, e uma desvalorização que se manifesta desde salários inferiores que recebem, mesmo realizando as mesmas funções que os homens, até cargos eclesiásticos que são negados àquelas que possuem vocação e desejo por alçá-los.

A luta feminina por igualdade e reconhecimento ainda está longe de acabar, mas cabe a cada um de nós, enquanto sujeitos históricos, darmos a nossa contribuição. Acredito que a denúncia seja uma delas, e a que faço neste trabalho vai ao encontro de tradições milenares, arraigadas, mas não impossíveis de se desfazerem. Acredito como diz a canção, que dias melhores virão, mas para que eles se apressem algo urge ser feito.

Ao final desta pesquisa acredito que muitos paradigmas foram denunciados, quebrá-los somente o tempo dirá, mas pesquisa tem esse poder sobre o pesquisador, confere a ele um novo olhar. Apesar de continuar vendo a mesma imagem, os significados que retira são diferentes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?** São Paulo: Autores Associados, 2007.

ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação.** São Paulo: Ática, 1994.

ARAGÃO FILHO, I. L. **Religião e Gênero: O imaginário sobre o lugar da mulher na Igreja Neopentecostal.** Dissertação (Mestrado). Ciências da Religião. PUC- Pontífice Universidade Católica. Goiânia, 2011.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação.** São Paulo: Editora Moderna, 1989.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** 2ª Edição. Rio de Janeiro: LTC Editora. 1981.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada:** antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BLAY, E. A. **8 de Março: conquistas e controvérsias.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.9, n. 2, 2001.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a Sociologia de Pierre Bordieu.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro; BINGEMER, Maria Clara L. **Mulher e relações de gênero.** São Paulo. Edições Loyola, 1994.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia.** São Paulo: UNESP, 1999.

CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. A teologia da criação na perspectiva das relações de gênero. **Estudos da Religião**, v.24, n. 39, 21-234, jul./dez. 2010.

CAPRA, F. **A teia da vida.** São Paulo: Cultrix, 2001.

CAPRA, F. **O ponto de mutação.** São Paulo: Cultrix, 1982.

CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** 4ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CONCÍLIO VATICANO II. **Documentos do Vaticano II.** Petrópolis: Vozes, 1966.

COSTA, E.C.I. As novas formas de discriminação sexista: uma perspectiva da psicologia social. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

CUNHA, Elenira Aparecida. **Por causa do reino dos céus**. 2003. Tese (Doutorado) - UMESP – Universidade Metodista de São Paulo, 2003.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **A educação básica como direito**. Cadernos de pesquisa, v.38, n. 134, p. 293-303, maio/ago, 2008.

D'ANGELO, Mary Rose. As mulheres em torno de Jesus. In. BURSTEIN, Dan e KEIJZER, Anne J. de. (Orgs). **A verdadeira história de Maria Madalena**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

DEL PRIORE, M. **Histórias do cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.

DEL PRIORE, M. **Viagem pelo imaginário do interior feminino**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 19, n.37, 1999.

DEL PRIORE, M. **Magia e medicina na colônia: o corpo feminino**. In: História das mulheres no Brasil. DEL PRIORE, M. (org.). São Paulo: Contexto, 1997.

DARCY DE OLIVEIRA, Rosiska. **Elogio da diferença**. O feminismo emergente. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FELDMAN, Sérgio Alberto. **A mulher na religião judaica** (período bíblico: primeiro e segundo templos) METIS: história e cultura, v. 5, n. 10. jul./dez. 2006.

FERNANDES, Leni Soares Vieira. **Imagens da mulher no evangelho de Mateus: A construção de personagens femininas**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

FIORINZA, Elisabeth S. **As origens cristãs a partir da mulher - uma nova hermenêutica**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. **Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia**. Interface – Comunicação, Saúde e Educação, v. 1, n. 1, 1997.

GEBARA, I. **Rompendo o silêncio; uma fenomenologia feminista do mal**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

GEBARA, I. **Teologia Ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião**. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

GROLLI, Dorilda. **Alteridade e feminismo: Uma abordagem filosófica de alteridade e feminismo na obra de Enrique Dussel e seus desdobramentos históricos-sociais no contexto latino-americano**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática atual e exaustiva**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HEINEMANN, Uta Ranke. **Eunucos pelo reino de Deus: Mulheres, Sexualidade e a Igreja Católica**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.

JEREMIAS, Joaquim. **Jerusalém no tempo de Jesus**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

KOSTENBERG, Andreas J. **Deus, casamento e família: reconstruindo o fundamento bíblico**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública. In. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. (Org.). **Filosofia da Educação**. São Paulo: Editora Moderna, 1989.

LINDBERG, Carter. **As reformas na Europa**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

LOPES, Augustus Nicodemos. **O que é uma escola cristã?** Revista Mackenzie, ano IV, n.24, 2003, p. 51.

LOPES, Mercedes. **A mulher sábia e a sabedoria da mulher- símbolos de co-inspiração**. Um estudo sobre a mulher de provérbios. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. In: PRIORE, Mary Del (Org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Paulinas, 2006.

LUPERINI, K. **Corporeidade Gestante: O discurso de corpo mulheres em idade adulta e madura e dos pais da criança**. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação Física. UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba, 2008.

MASINI, Elsie F. S. **O enfoque fenomenológico de pesquisa em educação**. In. FAZENDA, Ivani (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 1989.

MARCONDES, Léa Rocha Lima. **A formação de professores em Educação Cristã: Uma leitura a partir da Abordagem Relacional**. 2005. Dissertação (Mestrado)- Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Paraná, 2005.

MARCONDES, Lea Rocha Lima e SEEHABER, Liliana C. A identidade do ensino religioso, do rito cristão na história da educação brasileira. **Revista Educação em Movimento**, Curitiba, v. 3, n. 9, set./dez., 2004.

MATOS, Terezinha Ferreira Leite, CUNHA, Lúcia Alves da. Da constituição de um campo: Gênero, feminismo e religião. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11**, 2013, Florianópolis, 2013.

MOREIRA, Wagner Wey. **A ação do professor de educação física na escola: Uma abordagem fenomenológica**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 1990.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina; PORTO, Eline. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**. 2005; 13(4): 107 – 114.

MURARO, R. M. **A mulher no terceiro milênio**. 2ª edição, São Paulo: Rosa dos tempos, 1992.

O'BRIEN, M. **A natureza do monoteísmo bíblico**. Experiência e Ideologia. In: Concilium, v. 289, Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Elizabete da Conceição Paiva de. **Estudo de Gênero na disciplina ensino religioso em escolas confessionais de Salvador**. 2009. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2009.

OLIVEIRA, Lilian Sarat de. **Educadoras e Religiosas no Brasil do século XIX nos caminhos da civilização**. In: XII SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR. 11, 2009, Recife.

OLIVEIRA, Terezinha. Agostinho e a Educação Cristã. **Notandum 17**. Universidade do Porto, jul./dez., 2008.

PAZMIÑO, Robert W. **Temas fundamentais da Educação Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

PONTES, Miqueias Machado. **Mulheres e o exercício da liderança nas ADB: Uma questão ética**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2014.

PORTELA, F. Solano. **O que estão ensinando aos nossos filhos?** Uma avaliação preliminar de Jean Piaget e do Construtivismo. Fides Reformata 5/1 (Jan. Jun. 2000).

REZENDE, Antonio M. **Concepção fenomenológica em educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

ROHDEN, F. **A construção da diferença sexual na medicina**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.9, 2003.

ROSADO, Maria José Nunes. **O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões**. Cad. Pagu, n. 16, Campinas, 2001.

RUDIO, Franz Vitor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

RUSSEL, L. M. Introducción: liberando la palabra. In: RUSSEL, L. M. (Org.) **Interpretación Feminista de la Bíblia**. Bilbao: Desclée Brower, 1995.

SANDERS, Patrícia. **Phenomenology: a new way of viewing organizational research**. Academy of Management: Review, vol. 7, n. 3, 1982.

SAMPAIO, T. M. Avançar possibilidades: horizontes de uma reflexão ecoepistêmica para redimensionar o debate sobre o esporte. In: MOREIRA W.W& SIMÕES, R. (org.), **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: Unimep, 2002.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Horizontes en discusion em el arte de hacer teologia. **Revista Alternativas**, Manágua: Lascasiana, Ano 10, n. 26, jul./dez., 2003.

SANTISO, Maria Teresa P. **Mulher espaço de salvação**. São Paulo: Paulinas, 1993.

SANTOS, Valdeci da Silva. Educação Cristã: Conceituação Teórica e Implicações Práticas. **Fides Reformata XIII**, São Paulo, n. 2, 155–174, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Francisca Rosa da. **Maria Madalena e as mulheres no cristianismo primitivo**. 2008. Dissertação (Mestrado). Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2008.

SIMÕES, R. **Do corpo no tempo ao tempo do corpo: a ciência e a formação profissional em Educação Física**. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação. UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas, 1998.

SIMÕES, R. e MOREIRA, W.W. **Evas ou Marias: o corpo mulher na antiguidade e Idade Média**. In: Congresso Latino Americano de Educação Motora e Congresso Brasileiro de Educação Motora, Foz do Iguaçu. Anais. Campinas: DEM – FEF- Unicamp, 1998.

SOARES, Vera. O feminismo e o machismo na percepção das mulheres brasileiras. In. VENTURI, Gustavo et al. **A mulher brasileira no espaço público e privado**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SOUZA, Marcos Vinícios. **Educação e Construtivismo: a construção da autonomia do sujeito no pensamento pedagógico cristão**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Centro Presbiteriano de Pós Graduação Andrew Jumper, São Paulo, 2006.

STARK, Rodney. **O crescimento do cristianismo**. São Paulo: Paulinas, 2006.

TAMEZ, Elsa. **As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo**. 1ª Edição, São Leopoldo: Sinodal, 2004.

TEPEDINO, Ana M. **As discípulas de Jesus**. Petrópolis. Vozes, 1990.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Atual, 1997.

TOMITA, Luiza Etsuko. A teologia feminista libertadora: Deslocamentos epistemológicos. **Fazendo Gênero 9**. Diásporas, diversidades, deslocamentos, 23-26 Agosto, 2010.

VEYNE, P. Do ventre materno ao testamento. I: ARIÈS, P. e DUBY, G. **História da vida privada 1 do Império Romano ao ano Mil**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

WILLIAMS, Derek. **Dicionário bíblico vida nova**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

ZAIMMANN, Louise Bruit. As filhas de Pandora: mulheres e rituais nas cidades. In: DUBY, Georges; PERROT, Michele (Org.). **História das mulheres no ocidente**. V. 1. Porto/São Paulo: Apontamento/Ebradil, 1993.

ZILLES, Urbano. **Telecomunicação**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, jul./dez., 2006.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica**: meios de descobrir as verdades da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2000.

APÊNDICE

APÊNDICE 1

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação

Projeto de Dissertação: “Concepção de Mulher em professoras da disciplina Educação Cristã em Escolas Confessionais Evangélicas”

Orientador: Dr. Wagner Wey Moreira

Discente: Doris Day Rodrigues Marques

Questionário Final:

Este questionário faz parte da pesquisa intitulada “Concepção de Mulher em professoras da disciplina Educação Cristã em Escolas Confessionais Evangélicas”, desenvolvida pela aluna Doris Day Rodrigues Marques, Mestranda em Educação pela UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, sob a orientação do Prof. Dr. Wagner Wey Moreira.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a você que aceitou contribuir para a realização dessa pesquisa respondendo a estas perguntas. Lembrando ainda que suas informações pessoais serão guardadas no mais absoluto sigilo, não figurando na dissertação nem o nome da instituição, nem tampouco dos participantes da pesquisa.

- 1- Qual sua idade e área de formação?
- 2- Que religião você professa?
- 3- Você leciona a disciplina educação cristã? Há quanto tempo? Poderia falar um pouco mais sobre os *objetivos* dessa disciplina?
- 4- Qual é a carga horária semanal?
- 5- Para qual (quais) turma(s) você leciona?
- 6- Quando pensamos no ensino bíblico para a menina e o menino, em se tratando de papéis sociais, eles são ensinados da mesma forma ou há alguma distinção? Em outros termos, há alguma diferenciação no ensino quando se trata de gênero?
- 7- A Bíblia, dentro daquilo que você acredita, possui uma concepção de *mulher*? E como essa mulher seria?
- 8- Para concluirmos, após esta discussão, você acredita que poderia explorar mais este tema na disciplina “Educação Cristã”?

APÊNDICE 2

Indicadores de respostas – pergunta geradora 1

E2 P1

- 1)- Valorizar princípios bíblicos
- 2)- Princípios familiares
- 3)- Bons costumes sociais

E2 P2

- 1)- Respeito ao próximo
- 2)- Viver melhor
- 3)- Bom caráter

E2 P3

- 1)- Criar valores

E2 P4

- 1)- Respeito ao próximo
- 2)- Bondade

E3 P1

- 1)- Formação integral
- 2)- Princípios cristãos
- 3)- Formar caráter

E1 P1

- 1)- Valores humanos
- 2)- Princípios bíblicos

E1 P2

- 1)- Princípios bíblicos

E1 P3

- 1)- Interdisciplinaridade

2)- Princípios bíblicos

E1 P4

1)- Princípios bíblicos

2)- Respeito ao próximo

E1 P5

1)- Princípios bíblicos

Indicadores de respostas - pergunta geradora 2

E2 P1

1)- Não trabalha

E2 P2

1)- Maria mãe de Jesus

2)- Diferença de papéis

3)- Trabalho mais gostoso

4)- Personagens bíblicos

E2 P3

1)- Diferenças básicas

2)- Papéis sociais

E2 P4

1)- Iguais perante Deus

2)- Diferenças básicas

E3 P1

1)- Provedor

2)- Maria mãe de Jesus

3)- Formação integral

4)- Obediente a Deus

E1 P1

1)- Princípios básicos

2)- Caráter

3)- Diferenças de papéis

4)- Importância social

5)- Mãe

6)- Esposa

E1P2

1)- Princípios bíblicos

2)- Segurança no cuidado de Deus

E1P3

1)- Obediência a Deus

2)- Personagens bíblicos

3)- Valores morais

E1P4

1)- Princípios bíblicos

E1 P5

1)- Não trabalha

Indicadores de resposta – pergunta geradora 3

E2 P1

1)- Mulher virtuosa

2)- Amável

3)- Sexualmente realizada

4)- Decidida

E2 P2

1)- Mulher sábia

2)- Sabedoria pra viver

E2 P3

1)- Identidade retomada

2)- Jesus restaurou a identidade feminina

E2 P4

1)- Personagens bíblicos

2)- Rainha Ester

3)- Débora Juíza

E3 P1

1)- Buscar a vontade de Deus

2)- Mulher virtuosa

3)- Maria Mãe de Jesus

E1 P1

1)- Cultura que desmerecia o valor da mulher

2)- Mesma importância que o homem na criação

3)- Profissional por excelência

4)- Dona do lar

5)- Buscar fazer do lar um lugar feliz

6)- Ser feliz

7)- Diferença de papéis

E1 P2

1)- Passa por problemas mas tem fé

2)- Firme no seu propósito

3)- Feliz em servir

4)- Dona do lar

E1 P3

1)- Sabedoria que vem de Deus

2)- Mulher sábia

3)- Boa mãe e esposa

4)- Age com ética na profissão

E1 P4

1)- Mulher virtuosa

2)- Respeitosa

3)- Veste com decoro

4)- Mulher sábia

5)- Deus em primeiro lugar

E1 P5

1)- Faz tudo certinho.

ANEXOS

Anexo 1 – Transcrição Final

E1P1

01-45 anos e minha área de formação é Letras e, no momento, estou cursando Teologia.

02-Eu sou cristã evangélica, frequento a Igreja Batista, sou cristã desde o nascimento.

03-Sim, aproximadamente três anos. Sim, a Educação Cristã, a finalidade principal né, a ministração desta disciplina é trabalhar valores humanos, valores esses pautados nos princípios bíblicos e nós acreditamos que esses valores fazem a diferença na vida do indivíduo.

04-Um horário semanal, cinquenta minutos

05-4º ano do Ensino Fundamental.

06-Alguns princípios são básicos né, tanto para meninos quanto para meninas, né. A questão da honestidade, a questão do caráter a questão de valores essa questão tanto para menino quanto para menina são praticamente iguais, em alguns momentos nós trabalhamos sim a questão comportamental, falamos de... de... falamos sobre a importância da menina saber como que ela deve se conduzir, a questão de diferenciação, como ela deve se portar, como não se portar, o que é adequado, o que não é tão adequado, e também pra que elas entendam que elas sendo meninas elas podem realizar coisas que meninos fazem também, porém assim, com uma certa diferenciação, né? Elas podem praticar esporte, jogar bola se é assim que elas querem, trabalhar, estudar, se aperfeiçoarem como profissionais, mas há papéis diferentes a serem exercidos de acordo com a Bíblia. A mulher na visão bíblica além dela ser mãe, esposa ela também hoje em dia, né, agora é necessário, ela também vai ter um papel importante para a sociedade, enquanto profissional, enquanto estudante, é.. é.. enquanto indivíduo, né? Ela vai exercer além do papel social ela também tem um papel muito importante dentro da sua casa como esposa, como mãe, influenciadora, como formadora de opinião de seus filhos, porque a gente sabe que a mulher tem um contato maior com os filhos e isso também precisa ser trabalhado dentro do ensino.

7-Eu vejo que a mulher, pela concepção bíblica ela no contexto em que o Velho Testamento foi escrito, eu vejo que, as pessoas que o escreveram elas tinham uma visão diferente em relação às mulheres, uma visão de que as mulheres elas não tinham uma mesma importância que os homens, e eu vejo isso como algo cultural, pela época que foi escrita, pela cultura em que, em que as pessoas que escreveram a Bíblia, elas estavam inseridas. Porém nós sabemos, nós cristãos sabemos que a mulher foi criada com a mesma importância que o homem. Eu acredito que, é, a mulher tem a mesma sensibilidade, a mesma inteligência, a mesma capacidade em relação a tudo que ela for fazer, se for pensar em relação a homem e mulher, ela não tem a mínima diferença em relação ao homem, porque Deus nos deu, inclusive, capacidade além que Ele deu aos homens. E visando o nosso papel enquanto mãe, enquanto educadora, eu creio que essas peculiaridades nos ajudam a exercer nossa função, né? E, e, eu creio assim que, a mulher, tem um espaço no mercado de trabalho, tem espaço nas igrejas e tem um espaço todo especial dentro do casamento, sim, um espaço em que ela deve se sentir feliz, ela precisa buscar essa felicidade, buscar a construção de um lar de paz, um lar onde ela venha se sentir realizada, um lar em que ela venha ter é, todo, todo, é... a palavra fugiu.. um lar que... baseado na Bíblia ter o prazer sexual, é um direito do casal, um direito do casal que se ama, do casal que vive em harmonia, que procuram andar juntos. A Bíblia nos mostra em diversos exemplos no livro de Cantares principalmente, que fala sobre o amor no casamento, do sexo da realização plena, porque eu acredito que a mulher pode ter uma realização plena em todos os sentidos, ela deve buscar isso, é direito dela e a Bíblia nos assegura isso. Homens e mulheres, iguais em importância, mas com papéis diferentes. E que um papel complementa um outro papel.

8-Da importância da mulher? Sim (o sim foi para a possibilidade de explorar mais esse tema na disciplina). Quando eu tenho isso em mente, quando eu tenho essa concepção da minha importância, eu posso ensinar aos meus alunos, eu posso trabalhar essa consciência de que as meninas elas tem esse espaço, elas tem essa importância para Deus, na palavra de Deus, e que os meninos nunca deveriam ver as meninas, mais futuramente as mulheres, como, uma, uma, não deveria ver como se nós estivéssemos para competir com eles, ao contrário, ao contrário, os papéis somam, os papéis se, se complementam, né? É importante que a criança já cresça com essa, já cresça com esse pensamento de que não há necessidade de competição e sim em trabalho contínuo, em conjunto, melhor dizendo, uma interação perfeita entre os gêneros, né? Nós podemos viver em harmonia mesmo sendo diferentes.

E1 P2

1-34 anos, Estudante de Pedagogia.

2-Evangélica.

3- Há três anos. O objetivo central é estar levando a palavra de Deus para as crianças, porque na verdade esse é o foco mesmo, porque a gente encontra ali tanto crianças que são cristãs, como as que não são, então você precisa estar mostrando pra eles a palavra de Deus, a Bíblia em si, aquilo que Deus deixou registrado pra que nós venhamos a seguir e com isso para que as crianças possam então ter esse sentimento de um Deus poderoso que está cuidando delas desde pequena.

4-Quinto ano.

5-Sim, sim porque ainda mais nos dias de hoje que a gente está vendo o que as pessoas estão querendo colocar na mente das crianças, então isto é trabalhado sim. Você mostra o exemplo de um homem assim como o exemplo de uma mulher, por exemplo nós podemos citar, eu estou trabalhando com eles agora, a vida de José, então ali está sendo trabalhado toda a vida de José, enquanto que podemos colocar aqui outras pessoas, como a vida de Ester que também era uma mulher de oração e assim como José perdoava e a Ester também era uma mulher mas independente ela estava do lado do senhor, então a gente trabalha sim, mostrando pra eles a diferença que Deus criou o homem assim como Deus criou a mulher.

7-Essa mulher ela seria uma mulher que está conectada diariamente com o Senhor, ela passa por muitos problemas como todas as outras mulheres mas o seu foco é o Senhor. Então por mais que ela venha passar por dificuldades e tudo ela não vai buscar prazeres aleatórios, ela não vai se desviar nem pra esquerda nem pra direita mas vai se fixar no senhor, e ali ela pode constituir uma família, ter seus filhos e ela realmente será feliz se ela for uma mulher de oração, e estar educando também outras crianças, porque muitas vezes ela vai estar em outros ambientes, ela pode estar ali também dando ajuda, e também auxiliando outras mulheres também, semeando a palavra de Deus, abrindo os olhos de outras mulheres também. Eu vejo uma mulher dependente de Deus, e que vai fazer a sua parte, e a ação dela é de acordo com a palavra de Deus.

8-Sim, com certeza, diariamente, gostei muito de participar dessa entrevista porque isso nos mostra o nosso papel que além de profissional, nós temos que mostrar essa realidade pras crianças, que Deus criou o homem, Deus criou a mulher e cada um com seu papel, e faz aí a sua parte.

E1 P3

1-Pedagogia, 39 anos

2-Evangélica, desde o berço.

3-Há cinco anos, trabalhando no ensino fundamental. Na nossa escola um dos nossos objetivos é trabalhar com todas as outras disciplinas de forma interdisciplinar e levar o conteúdo sempre baseado na palavra de Deus, na formação da criança como cidadã baseada na palavra de Deus.

4-Ela faz parte e na serie que eu leciono eles tem uma aula semanal que é toda quarta-feira.

5-Eu leciono para o Primeiro Ano.

6-Trabalhamos sim, e inclusive no terceiro bimestre eu estava trabalhando sobre a vida de Samuel né o quanto ele buscava e ele era um menino muito obediente né ele era conforme o coração de Deus então assim nos trabalhos histórias de homens da bíblia né Samuel, Davi, Sansão né como eles eram tementes a Deus né então assim agente trabalha muito com eles historias bíblicas de personagens bíblicos mesmo né é e agente mostra isso para vários meninos para varias meninas né trabalhando os personagens separados.

7-Olha na bíblia tem um versículo que eu gosto muito né que fala que a mulher sabia edifica a casa e a tola a destrói com as suas próprias mãos então eu sempre busco de Deus a sabedoria porque vem dele pra poder estar em todos os sentidos da minha vida agindo segundo o coração de Deus né, ser uma boa mãe ser uma boa mulher, é agir com ética né na minha função profissional né, como filha, como amiga, como irmã então eu acho que a mulher é, segundo o coração tem que ser uma mulher sabia, ela tem que buscar a sabedoria que veem de Deus.

8-É contribui sim né, é assim nos dias atuais agente vê tanto situações difíceis né tantos fatos que nos entristecem bastante e nos aqui como professora que trabalhamos com a Educação Crista acho que é responsabilidade nossa trabalhar ainda mais de como deve ser o homem segundo o coração de Deus como deve ser a mulher segundo o coração de Deus e isso nos devemos começar desde cedo né, com as nossas crianças nas escolas que trabalham na Educação Cristã porque hoje nos estamos plantando né a sementinha para que os frutos possam ser colhidos mais tarde né e colher é frutos bons saudáveis né então nos temos que fazer nosso papel sim então cada uma de nós professoras deve fazer isso.

E1 P4

1-29 anos, e sou formada em letras

2-Sou cristã, evangélica

3-Sim. Recentemente. Olha, na minha concepção que eu acabei de chegar nessa escola nessa matéria na escola tem muitos anos mas nessa matéria específica, é o aluno que esta estudando nessa escola cristã ele precisa ter o diferencial da educação cristã, da educação que os filhos de cristãos precisam ter que é a educação que Jesus nos deu, os valores cristãos, amar ao próximo como a si mesmo, os exemplos dos personagens bíblicos das atitudes daqueles que servem a Deus deve ter, os exemplos de como Deus trata aqueles que o servem, e aquilo que nós devemos agir, porque o Deus nos ensinou o que Jesus nos ensinou que é o mais importante que foi amar ao próximo como a si mesmo, e isso agente vai vendo com mais profundidade nessa matéria eu acredito.

4-Uma hora semanal.

5-Terceiro ano.

6- Olha como eu falei eu estou recente então eu ainda não abordei muito esse tema, mas na verdade isso é uma coisa natural, tem que trabalhar porque se você aborda, como eu falei uma mulher cristã que vai a escola dominical ela tem esse tipo de conhecimento então é uma coisa natural e esse conhecimento é o conhecimento que a educação cristã trás, os conhecimentos dos exemplos da bíblia e agente estuda a bíblia os personagens bíblicos e suas atitudes cristãs.

7-A mulher segundo a Bíblia seria uma mulher virtuosa, ” mulher virtuosa quem a achará?” (citação bíblica de Provérbios 31) .Uma mulher virtuosa essa virtude eu acho que tem a ver com seu comportamento, uma mulher cristã ela se respeita, ela se dá ao respeito, então ela sabe se comportar, sabe que tem certas coisas que ela não deve dizer, tem certas roupas que ela não deve usar, não estou falando de usos e costumes da igreja não, de certas igrejas, estou falando de roupas na questão de você se dar o respeito no seu corpo, com equilíbrio, porque a mulher que se expõe demais ela está se desrespeitando, então é uma questão de comportamento consigo mesmo, ela dá o exemplo de cristã, porque o cristão ele é diferente, é o sal na terra, e também dentro de casa, ela é a mulher sábia que edifica a sua casa, então segundo a Bíblia a mulher é aquela que ora pela família, que busca a Deus acima de todas as coisas, a mulher sábia é aquela que coloca Deus em primeiro lugar mas também cuida da sua casa, que ama o marido, ama os filhos, que sabe seu papel na sociedade, na sua casa e faz cada um deles muito bem.

8-Ah, vamos fazer o melhor possível, é importante.

E1 P5

1-34 anos, Pedagoga.

2-Evangélica.

3-Sim. Recentemente. Eu imagino que tem como objetivo, hoje em dia as crianças não ouvem muito falar de Deus, né? Então a disciplina seria um meio de inserir a, é... falar-se sobre Deus a essas crianças, que tão pouco ouvem, eu imagino. Trabalha também valores, comportamento.

4-Uma hora semanal.

5-Segundo ano.

6-Não, não trabalho as diferenças não.

7-Ah, porque na Bíblia tem que ser assim, desde que ela esteja fazendo tudo certinho, ah, porque dizem assim: ah, não pode cortar cabelo, não pode usar brinco, eu não vejo assim, eu não vejo, sabe, mas fala que tem que ser assim, eu não vejo.

8-É como eu disse que não faria diferença, mais eu vejo que faz sim, é um caso a se pensar, e eu vou pensar sim.

E2 P1

1-Pedagoga, psicopedagoga, 50 anos.

2-Evangélica, Adventista do Sétimo dia.

3- Sim os objetivos dessa disciplina é valorizar os princípios bíblicos também mas os princípios que regem a família, os bons costumes os bons costumes sociais, basicamente isso.

4-Uma hora semanal.

5-Primeiro ano.

6- Não trabalho essa diferenciação.

7-Até a bíblia diz essa palavra que a mulher tem que ser virtuosa o que que é ser virtuosa? é você não se deixar levar por coisas vãs, é você ser amável, até na sexualidade não é você não fazer as coisas que você tem que fazer pra o seu marido você tem que fazer e fazer pra sentir o seu prazer, junto com o seu marido, eu vejo assim, não é você deixar que ele faça tudo que ele quer, se você não tá afim você não é obrigada a fazer só porque ele quer.

8-Poderia, poderia.

E2 P2

1-31 anos, Normal Superior, Adventista

2-Sim, 10 meses.

3-É... eu acredito que a disciplina ela seja muito importante o objetivo maior dela é a gente aprender a respeitar o outro viver de uma forma mais legal, tratar melhor os amigos, ter respeito com Deus, ver a importância da gente tratar bem o outro porque Deus está constantemente nos... nos vendo e Ele é o maior exemplo que nós tivemos aqui na terra, não é? Do qual a gente deve seguir e ensinar as crianças mesmo a ter um bom relacionamento a um caráter diferenciado num mundo tão complicado como nós estamos.

4-Um hora semanal. Devocional todos os dias.

5-Terceiro ano.

6-Sim, né? Na Bíblia tem vários exemplos, que a mulher ela cuidava das crianças, até mesmo a própria Maria mãe de Jesus faz menção que Jesus ajudava o pai dele na marcenaria enquanto a mãe o ensinava as coisas de Deus e ele também ajudava a sua mãe, mas tinha os seus papéis bem diferentes, não mostra a mãe e o pai juntos na marcenaria trabalhando, então esse trabalho árduo maior foi repassado pros homens e a mulher mais aquele trabalho assim de ensinar, de estar, de estar trazendo o lar assim daquela forma mais gostosa.

7-A própria bíblia fala que a mulher sábia edifica a sua casa então a mulher ela tem que ter sabedoria em todos os aspectos da vida dela, tanto como mulher, como mãe, como profissional, como... é com o meio em que ela vive então assim é ter sabedoria, eu acredito que a palavra mais certa pra ser falada seja uma mulher sábia.

8-A gente sempre pode melhorar, sempre é bom a gente estar pensando e estar valorizando os papéis.

E2 P3

1-53 anos, Pedagoga e Licenciatura Plena em História.

2-Evangélica, Adventista

3-Sim, desde que comecei a lecionar. Eu acredito que o objetivo principal é criar valores, ou estimular valores que podem estar engrandecendo a sociedade.

4-Uma hora semanal.

5-Quinto ano, professora regente, sexto ao nono leciono História.

6-Já pensei... como eu trabalho essa disciplina com crianças de 10, 11 anos, nessa fase eles estão começando a perceber as diferenças básicas entre ser mulher e ser homem. E aí a gente começa a dar umas orientações tentando pautar naquilo que a gente acredita, nos valores que a gente acredita sobre os papéis deles na sociedade.

7-Eu acredito que a graça do Senhor Jesus nos trouxe exatamente isso, a nossa identidade de volta. Ele andava com as mulheres, ele se preocupava com elas e ele nunca a discriminou. Então Ele mostrou, seria sábio que nós parássemos e gastássemos um tempo para encontrar a maneira como Jesus tratou essas mulheres porque isso foi extremamente bom e gratificante.

8-Acredito que sim, vou pensar mais sobre isso, vai ser melhor.

E2 P4

1-35 anos, Letras e especialização em Pedagogia e educação especial.

2-Evangélica, Adventista.

3- Leciono há dois anos. Ensinar os meninos a serem melhores como pessoas, ajudar o próximo, ser bem colaboradores, serem bondosos principalmente com alunos que além dos alunos ser diferentes deles no físico são diferentes no intelectual, que são os alunos com necessidades especiais que nós temos.

4-Uma hora semanal.

5-Segundo ano.

6-Sim. Bom, ensinando que apesar de eles ter as diferenças e dentro dessas diferenças eles ter as coisas que eles gostam há muitas coisas em comum e que eles são iguais pra Deus, eles são iguais mesmo sendo diferentes. Então a partir desse caminho que a gente vai trilhando, não é porque é menino que eu posso bater e não é porque é menina que eu posso ganhar as coisas no choro ou na manha. Então é trabalhado assim.

7-Nós temos vários exemplos, né? Uma personagem que eu gosto muito é a Ester, a rainha, né? que virou rainha, né? tinha tudo pra não ser uma rainha, né? Ia ser uma pessoa comum ou concubina porque foi parar no palácio do rei e ela se tornou rainha porque ela tinha algo diferente e ela mostrou essa diferença pro rei, apesar da Bíblia não relatar com detalhes como foi que aconteceu tudo, mas ela tinha uma diferença nas escolhas que ela fazia, tanto pessoal, porque ela ganhou as graças do chefe lá, do Hengar, esqueci o nome agora, assim, até ele viu que ela era diferente, no porte dela no que ela fazia, então acho que um dos exemplos assim interessantes assim foi o dela, assim como Débora, né, que foi uma juíza, então nós temos vários exemplos.

8-A gente tem, temos uma opinião bem parecida, a gente trabalha muito isso, a gente consegue trabalhar isso com eles.

E3 P1

1-54 anos, Ensino Religioso e Teologia

2-Evangélica, Batista.

3-Há dezessete anos nesta escola, mas trabalho há 20 anos. Formação integral do aluno, nós trabalhamos com a formação dos valores cristãos na vida do aluno, o objetivo principal dela são os valores cristãos na vida dos nossos alunos, e nós aqui temos o projeto ética e caráter que vem reforçar essa questão do ensino religioso através das virtudes, que nós pegamos as virtudes e trabalhamos dentro do contexto bíblico, esse ano estamos trabalhando Determinação, Disponibilidade e Gentileza, cada ano trabalhamos três virtudes que nós focamos bem dentro da vida de cada um.

4-Uma hora semanal.

5-Berçário ao quinto ano.

6-Quando a gente trabalha a história usando a figura do pai, do homem, a gente trabalha que ele é o provedor, ele tem que crescer formando, e as mulheres também, que a gente pega as histórias bíblicas. O meu programa aqui nós trabalhamos as histórias bíblicas, então a gente entra em Samuel, a gente entra em Davi, às vezes a gente não aprofunda tanto no que ele era na história mas a gente tenta trabalhar, por exemplo, agora vamos trabalhar Maria, Maria aquela mulher que ela foi acima de tudo uma mulher que foi obediente a Deus que temia os ensinamentos de Deus e que Deus usou. Então a gente vai trabalhando isso, vai trabalhando esses valores pra formação total, integral deles né? dos alunos.

7-A mulher plena é aquela que busca a vontade de Deus em tudo pra vida dela. Sabe eu penso que é andar segundo a vontade de Deus, se ela anda segundo a vontade de Deus ela vai fazer isso no casamento, no trabalho, ela vai andar segundo a vontade de Deus em tudo. Quando você busca isso você tem uma missão pra cumprir, você acaba sendo completa, eu acho que e isso que a Bíblia fala. Fala da mulher virtuosa que o valor dela é grande, mais eu acho que pra ela ser virtuosa ela tem que ser uma mulher que anda segundo a vontade de Deus. A gente vê a Maria, uma mulher segundo o coração de Deus ali, ela foi achado graça diante de Deus, né? Ana, uma mulher que ficava lá perto de Deus, pedindo mais ao mesmo tempo entregando eu acho que essa é a mulher que a Bíblia fala, essa é a mulher que a gente tem que ser.

8-Pode. É uma coisa que a gente não para pra pensar, você falou do homem da mulher, do papel de cada um, é uma coisa que a gente pode destacar mais na aula, porque a gente passa batido, a gente trabalha o personagem, pega um gancho aqui, outro ali, mas a gente esquece de falar sobre papéis, principalmente com os maiores que estão entrando nessa fase, né?

Anexo 2 – Transcrição sem Recortes – Preliminar

E1 P1

- 1-Tenho 45 anos e minha área de formação é Letras e, no momento, estou cursando Teologia.
- 2- Eu sou cristã evangélica, frequento a Igreja Batista e sou membro desta igreja há 15 anos, mas sou cristã desde o nascimento.
- 3- Sim, aproximadamente três anos. Sim, a Educação Cristã, a finalidade principal né, a ministração desta disciplina é trabalhar valores humanos, valores esses pautados nos princípios bíblicos e nós acreditamos que esses valores fazem a diferença na vida do indivíduo.
- 4- Sim.
- 5- 4º ano do Ensino Fundamental.
- 6- Um horário semanal, cinquenta minutos.
- 7- Alguns princípios são básicos né, tanto para meninos quanto para meninas, né. A questão da honestidade, a questão do caráter a questão de valores essa questão tanto para menino quanto para menina são praticamente iguais, em alguns momentos nós trabalhamos sim a questão comportamental, falamos de... de... falamos sobre a importância da menina saber como que ela deve se conduzir, a questão de diferenciação, como ela deve se portar, como não se portar, o que é adequado, o que não é tão adequado, e também pra que elas entendam que elas sendo meninas elas podem realizar coisas que meninos fazem também, porém assim, com uma certa diferenciação, né? Elas podem praticar esporte, jogar bola se é assim que elas querem, trabalhar, estudar, se aperfeiçoarem como profissionais, mas há papéis diferentes a serem exercidos de acordo com a Bíblia. A mulher na visão bíblica além dela ser mãe, esposa ela também hoje em dia, né, agora é necessário, ela também vai ter um papel importante para a sociedade, enquanto profissional, enquanto estudante, é.. é.. enquanto indivíduo, né? Ela vai exercer além do papel social ela também tem um papel muito importante dentro da sua casa como esposa, como mãe, influenciadora, como formadora de opinião de seus filhos, porque a gente sabe que a mulher tem um contato maior com os filhos e isso também precisa ser trabalhado dentro do ensino.
- 8- Extremamente importante, porque a mulher é extremamente inteligente, a mulher é extremamente sensível, perspicaz, e fazia falta esse papel que a mulher tem no mercado de trabalho, né? Essa visão feminina.. então, os homens ocupavam os espaços e quando a mulher começou a vir, começou a ser inserida nesse contexto, as coisas começaram a mudar pra melhor, eu creio que a mulher ela favorece, ela amplia, ela ajuda, e ela tem um poder de observação muito maior, um poder de administração muito grande, e que complementa o trabalho do homem.
- 9-Eu concordo, eu concordo... eu vejo que, que as pessoas priorizam em determinados momentos algumas situações, quando elas podem escolher, quando ela tem condições de escolher ficar um período se dedicando a seu filho ou a seus afazeres domésticos e ela sente que ela deve ficar, eu acho que isso é muito positivo. Mas no momento em que ela sentir que

ela precisa também voltar ao mercado de trabalho, ou voltar a estudar, voltar a ter outras atividades, junto com o seu trabalho, com a sua responsabilidade da casa, também é positivo, mas se ela escolher ficar em casa e cuidar de seus filhos é bom, o importante é que ela esteja consciente que é o momento. Se ela não quer casar e ter filhos, eu acredito que é uma opção de vida, que precisa ser entendido, precisa ser observado o porquê, porque há vários motivos é importante a gente saber o porquê, por que? Por que ela fez essa escolha? Baseado em que? Se foi uma decisão em cima de um sentimento, uma opção realmente, ela não quer, quer se dedicar a outras atividades. Eu acho que deve ser respeitado, ela tem todo o poder de decidir isso, porém ela tá abrindo mão de algo precioso que é família, né? Que é o convívio com os filhos porque traz um conhecimento muito grande, essa convivência com os filhos, com o esposo, isso faz a pessoa crescer, faz a mulher crescer. Até porque na sua essência a mulher é mãe, é esposa, né? Isso faz parte da essência feminina.

10- Acredito que sim... acredito que sim... porque eu vejo que a mulher com relação à inteligência e à capacidade, ela pode sim exercer as mesmas atividades que os homens, porém eu vejo que há uma diferença física, que não tem como a gente negar... nós somos diferentes dos homens, e isso no momento da profissão tem que ser observado.. mas em relação à capacidade e à inteligência, eu acho sim, que ela pode ocupar os mesmos lugares.

11- Não. Porque quando nós vamos perceber o corpo humano, quando nós pensamos em relação ao corpo humano, esse pensamento que fala que o sexo é apenas para procriação, entra em choque com aquilo que a gente percebe no próprio corpo, porque o corpo é criado com sensações, nós somos sensações ...é.... então não sei se é bem isso que eu gostaria de falar, nosso corpo é cheio de sensações, se fosse apenas para procriar nós não precisaríamos de ter essa sensibilidade, de ter um clitóris, por exemplo.

12-De forma alguma! Está relacionado à alegria que eu acredito que Deus proporciona.

13-Primeiro eu compreendo submissão como uma palavra muito relacionada a respeito, respeito e admiração e eu vejo que o amor nos proporciona essa capacidade de respeitar e querer a essa pessoa o tempo todo. Então o fato de você ser submissa ao esposo, que é o que a Bíblia nos ensina, nos remete à questão de respeitarmos, de amarmos, de querermos conviver bem com essa pessoa, mesmo nos momentos que você não concorde inteiramente com essa pessoa, você sabe, você vai saber respeitá-lo, ouvi-lo, entender a posição dele e se for o caso, você querer mudar aquela orientação, aquela decisão, você saber trabalhar isso sem que haja conflito. A submissão não é castigo, faz parte da criação de Deus.

14-Sim, eu acho que sim.. até porque nós temos uma convivência maior com nossos filhos e também pela natureza feminina, natureza mais dócil, natureza mais de cuidar, mais de estar atenta, então o nosso papel tem um diferencial na educação dos filhos sim.

15-Eu vejo que a mulher, pela concepção bíblica ela no contexto em que o Velho Testamento foi escrito, eu vejo que, as pessoas que o escreveram elas tinham uma visão diferente em relação às mulheres, uma visão de que as mulheres elas não tinham uma mesma importância que os homens, e eu vejo isso como algo cultural, pela época que foi escrita, pela cultura em que, em que as pessoas que escreveram a Bíblia, elas estavam inseridas. Porém nós sabemos, nós cristãos sabemos que a mulher foi criada com a mesma importância que o homem. Eu acredito que, é, a mulher tem a mesma sensibilidade, a mesma inteligência, a mesma capacidade em relação a tudo que ela for fazer, se for pensar em relação a homem e mulher, ela não tem a mínima diferença em relação ao homem, porque Deus nos deu, inclusive,

capacidade além que Ele deu aos homens. E visando o nosso papel enquanto mãe, enquanto educadora, eu creio que essas peculiaridades nos ajudam a exercer nossa função, né? E, e, eu creio assim que, a mulher, tem um espaço no mercado de trabalho, tem espaço nas igrejas e tem um espaço todo especial dentro do casamento, sim, um espaço em que ela deve se sentir feliz, ela precisa buscar essa felicidade, buscar a construção de um lar de paz, um lar onde ela venha se sentir realizada, um lar em que ela venha ter é, todo, todo, é... a palavra fugiu.. um lar que... baseado na Bíblia ter o prazer sexual, é um direito do casal, um direito do casal que se ama, do casal que vive em harmonia, que procuram andar juntos. A Bíblia nos mostra em diversos exemplos no livro de Cantares principalmente, que fala sobre o amor no casamento, do sexo da realização plena, porque eu acredito que a mulher pode ter uma realização plena em todos os sentidos, ela deve buscar isso, é direito dela e a Bíblia nos assegura isso. Homens e mulheres, iguais em importância, mas com papéis diferentes. E que um papel complementa um outro papel.

16-Da importância da mulher? Sim (o sim foi para a possibilidade de explorar mais esse tema na disciplina). Quando eu tenho isso em mente, quando eu tenho essa concepção da minha importância, eu posso ensinar aos meus alunos, eu posso trabalhar essa consciência de que as meninas elas tem esse espaço, elas tem essa importância para Deus, na palavra de Deus, e que os meninos nunca deveriam ver as meninas, mais futuramente as mulheres, como, uma, uma, não deveria ver como se nós estivéssemos para competir com eles, ao contrário, ao contrário, os papéis somam, os papéis se, se complementam, né? É importante que a criança já cresça com essa, já cresça com esse pensamento de que não há necessidade de competição e sim em trabalho contínuo, em conjunto, melhor dizendo, uma interação perfeita entre os gêneros, né? Nós podemos viver em harmonia mesmo sendo diferentes.

E1 P2

1-34 anos, Estudante de Pedagogia.

2-Evangélica.

3- Há três anos.

4-O objetivo central é estar levando a palavra de Deus para as crianças, porque na verdade esse é o foco mesmo, porque a gente encontra ali tanto crianças que são cristãs, como as que não são, então você precisa estar mostrando pra eles a palavra de Deus, a Bíblia em si, aquilo que Deus deixou registrado pra que nós venhamos a seguir e com isso para que as crianças possam então ter esse sentimento de um Deus poderoso que está cuidando delas desde pequena.

5-Quinto ano.

6-Ser mulher é ser uma pessoa criada por Deus para que possa então cuidar de uma família, ter filhos ser uma auxiliadora, né? E também fazer aquele papel, daquele amor que Deus disse que o amor de Deus é comparado ao amor de uma mãe, então uma mulher tem o conhecimento de Deus também em ser uma criatura do Senhor, né?

7-O homem na palavra mesmo diz que ele é o cabeça da casa, mas a mulher tá ali do seu lado para estar auxiliando, então os dois juntos formam uma só carne mas o homem tem as

suas responsabilidades diferenciadas da mulher, então nós podemos dizer que ele está a frente mas a mulher tá ali do seu lado, auxiliando.

8-Sim, porque na verdade eu vivi isso até os meus dezoitos anos, porque minha mãe no caso, nós não éramos cristãos, nós conhecemos a palavra juntas, então a partir do momento que eu vi minha mãe não cristã, e vi ela depois cristã, então eu também crescendo meio a meio, vamos dizer. Mais eu vejo assim que uma mulher não cristã ela não tem esperança, assim como uma mulher cristã ela passa por problemas, dificuldades, a não cristã vai buscar em outras coisas e a cristã busca esperança em Deus.

9-Sim, sim porque ainda mais nos dias de hoje que a gente está vendo o que as pessoas estão querendo colocar na mente das crianças, então isto é trabalhado sim. Você mostra o exemplo de um homem assim como o exemplo de uma mulher, por exemplo nós podemos citar, eu estou trabalhando com eles agora, a vida de José, então ali está sendo trabalhado toda a vida de José, enquanto que podemos colocar aqui outras pessoas, como a vida de Ester que também era uma mulher de oração e assim como José perdoava e a Ester também era uma mulher mas independente ela estava do lado do senhor, então a gente trabalha sim, mostrando pra eles a diferença que Deus criou o homem assim como Deus criou a mulher.

10-Por um lado foi muito bom mas se você for para pra pensar ali a mulher tem as suas obrigações do lar, porque ela é a auxiliadora do lar, então se ela for casada e tem filhos, acaba que ela fica um pouco escravizada pelo trabalho, então isso fica assim, muita coisa pra ela fazer, muita agitação e muitas vezes ela perde a conexão com o Senhor, ela tem que estar ali no âmbito de trabalhar sim, mas ela tem que estar a cada dia pensando que ela também é de Deus, que ela não possa perder o seu foco principal que é estar alicerçado em oração, do lar também, então é muita coisa, se ela resolveu a trabalhar ela tem que pensar que ela tem que dar conta de todas as áreas ali, não é fácil, mas eu acho que ela se torna um pouco escravizada é como se, ah, eu sou independente, mas você é uma escrava de tanta coisa que você faz, então tem esse lado também. É bom? É ótimo, mas é muito difícil.

11-Então isso aí, ela escolheu. foi o que eu fiz até as meninas completarem sete anos, eu cuidei delas até elas terem essa idade, e quando elas foram pra entrar na escola, eu pensei e agora? O que que eu vou fazer? Então eu pedi pra Deus e Deus abençoou e abriu as portas do trabalho pra que eu viesse dar aula, retornando a minha profissão de solteira, então eu deixava elas na escola e antes eu fazia um curso, nesse meio tempo eu consegui trabalhar, mas tudo assim, dentro do horário em que elas estavam na escola e até hoje, então eu sou um pouco essa mulher, que durante o tempo em que elas estão na escola eu estou trabalhando. Eu penso que em primeiro lugar a gente tem que pensar na família, na educação da família por mais que um dia venha acontecer algo, mas você fez a sua parte como mãe, como esposa né?, sua parte em casa também, então eu vejo assim, você tem que priorizar alguma coisa na sua vida e que priorizemos então a família, a dar educação aos filhos, fazer a nossa parte.

12-Na verdade, se você for vasculhar, ela não é, porque Deus criou o homem e colocou ali, do suor do seu rosto, então você vai trabalhar e tudo, então a mulher ela iria ter os filhos, ela iria criar os filhos, então a mulher, por mais que você tente fazer algo que o homem faz, você tem que parar e pensar, porque Deus te criou para uma obrigação, pra você ser ali a sua serva em oração, cuidadora dos seus filhos, então por mais que você tente ocupar um lugar, e hoje tá acontecendo isso, ah, consegui fazer isso que o homem faz, mas você tem que pensar, porque você pode estar ultrapassando limite e isso tem consequência.

13-Não. Deus criou também para que nós pudéssemos ter ali, entre marido e mulher, um momento de alegria, de nos sentir bem, uma só carne, tudo. Mas dentro do casamento, tudo abençoado por Deus. Deus criou o homem e a mulher pra que tivessem filhos mas para que também tivessem momentos de alegria, de união.

14-Não, não é pecado.

15-Então, ela é submissa ao seu marido. Quando fala em submissão parece que o marido pode bater, parece que o marido pode fazer o que ele quiser, mas quando diz a palavra submissão na Bíblia, se você for ler tudo, você vai ver que em primeiro lugar o homem ele é o cabeça, mas ele ama a Cristo, se o homem ama a Cristo ele vai fazer essa mulher feliz e ela vai se sentir tão feliz que ela é submissa àquilo que o marido fala. Em primeiro lugar o marido fala o que Deus pediu, então tá começando lá encima, então vai aquela cadeinha onde você vai ser submissa porque nós vamos então aceitar aquilo que ele fala porque ele fala dentro da palavra de Deus, tem diálogo, aceitação, não controle.

16-Não que ela tenha maior responsabilidade, mas como o pai ele tem que sair pra trabalhar, isso de acordo com a palavra de Deus, a mulher tendo que cuidar de seus filhos, dando a educação, se nós formos ver ali, até sete anos ali está sendo formado o caráter da criança, então nesse meio tempo seria bom que tivesse alguém especial que fosse realmente a mãe pra estar ali sempre colocando, falando da palavra e tudo, o pai vai chegar e vai estar complementando isso, porque ele tem que trabalhar, então nesse sentido a mãe teria ali aquele papel de ser ali a primeira professora do seu filho dando a boa educação, ensinando princípios e ali muitas vezes deixados ali, a criança pode adquirir o que, hoje em dia, num computador, num desenho, ou até mesmo em uma escola que não oferece a palavra de Deus, então ela vai adquirindo coisas que vai ficar para todo sempre na mente dela, então seria bom a mãe dedicar esse tempo.

17-Essa mulher ela seria uma mulher que está conectada diariamente com o Senhor, ela passa por muitos problemas como todas as outras mulheres mas o seu foco é o Senhor. Então por mais que ela venha passar por dificuldades e tudo ela não vai buscar prazeres aleatórios, ela não vai se desviar nem pra esquerda nem pra direita mas vai se fixar no senhor, e ali ela pode constituir uma família, ter seus filhos e ela realmente será feliz se ela for uma mulher de oração, e estar educando também outras crianças, porque muitas vezes ela vai estar em outros ambientes, ela pode estar ali também dando ajuda, e também auxiliando outras mulheres também, semeando a palavra de Deus, abrindo os olhos de outras mulheres também. Eu vejo uma mulher dependente de Deus, e que vai fazer a sua parte, e a ação dela é de acordo com a palavra de Deus.

18-Sim, com certeza, diariamente, gostei muito de participar dessa entrevista porque isso nos mostra o nosso papel que além de profissional, nós temos que mostrar essa realidade pras crianças, que Deus criou o homem, Deus criou a mulher e cada um com seu papel, e faz aí a sua parte.

E1 P3

1-Pedagogia, 39 anos

2-Evangélica, desde o berço.

3-5 anos, trabalhando no ensino fundamental.

4-Na nossa escola um dos nossos objetivos é trabalhar com todas as outras disciplinas de forma interdisciplinar e levar o conteúdo sempre baseado na palavra de Deus, na formação da criança como cidadã baseada na palavra de Deus.

5-Ela faz parte e na serie que eu leciono eles tem uma aula semanal que é toda quarta-feira.

6-Eu leciono para o Primeiro Ano.

7-Ah, ser mulher é algo maravilhoso né, é um ser pleno, então assim nos somos mães, amiga, filha é também cumprimos com nosso papel profissional no meu caso como professora e a gente corre atrás dos nossos objetivos agente luta por isso, né.

8-Acho que uma diferença que eu pego é a questão da sensibilidade acho que a mulher ela é mais sensível em todos os aspectos da vida é pra enfrentar as situações né ela é firme quando deve ser mais ela é bem mais sensível diante das situações.

9- Ai, tem diferença sim, eu percebo que tem diferença sim, acho que a mulher que, que foi criada dentro dos padrões cristãos ela é mais ponderada, ela pensa mais antes de agir né, ela é mais cautelosa né, em todos os sentidos em todos os aspectos.

10- Sim, traz sim, né, igual eu falei. como eu recebi uma educação cristã desde meu berço né então assim dentro da sala de aula né agente se coloca como um espelho para os nossos alunos né porque ele vê nossas atitudes as nossas palavras a forma como falamos a forma como agimos então eu preciso ser um espelho para os meus alunos.

11-Trabalhamos sim, e inclusive no terceiro bimestre eu estava trabalhando sobre a vida de Samuel né o quanto ele buscava e ele era um menino muito obediente né ele era conforme o coração de Deus então assim nos trabalhos histórias de homens da bíblia né Samuel, Davi, Sansão né como eles eram tementes a Deus né então assim agente trabalha muito com eles historias bíblicas de personagens bíblicos mesmo né é e agente mostra isso para vários meninos para varias meninas né trabalhando os personagens separados.

12-Sim é trabalhado no primeiro ano, como eles ainda não estão ainda com aquela maturidade, muitas coisas ainda eles precisam perceber naturalmente a gente trabalha também com as personagens bíblicas né as mulheres da bíblia sempre mostrando a questão dos valores como a mulher deve ser né, como a menina deve ser também trabalhando num amplo geral, é a criança como um ser mesmo, como um cidadão como ela deve proceder no seu dia a dia.

13- Eu vejo isso como uma conquista mesmo né a mulher tem se mostrado assim ela batalha por aquilo que ela quer ela corre atrás ela tem um objetivo e ela vai né ela se dedica e ao mesmo tempo que ela corre atrás dos seus objetivos ela é mãe ela cuida da casa ela cuida dos filhos né então ela sabe separar de forma bem organizada tudo aquilo que ela quer então pra mim é uma conquista mesmo a mulher esta ocupando seu espaço hoje.

14-Eu acredito que pode, pode sim que eu acho que né pra Deus assim não tem um homem que pode fazer isso e uma mulher que pode fazer aquilo porque Deus ele nos da a sabedoria

né e nós temos que buscar isso para poder exercer aquilo que nós queremos então assim eu acredito que a mulher pode ocupar sim, pois ela tem capacidade ela é capaz

15-Olha, eu analiso essa situação assim acho que depende muito do contexto familiar daquela mulher né então naquele momento ela escolheu que quer estar em casa cuidando dos filhos cuidando da família né ao lado do esposo acredito para isso né é então assim eu acho que é uma escolha muito particular da mulher né . Não critico acho que é uma opção da mulher dependendo da situação que a família esta

16-Não eu não acredito que deve ser só para procriação acho que o sexo ele tem que ser um momento muito prazeroso pro casal né, aonde o casal ali naquela relação ele vai esta ali se realizando tanto o homem quanto a mulher então por isso que eu acredito que não deve ser somente para procriação.

17- Não, não tem relação assim no prazer da mulher e do homem né não é pecado desde que seja praticado entre marido e mulher. Dentro de um casamento

18- Olha é, eu compreendo por submissão aquela mulher que sabe agir com sabedoria ela sabe falar na hora certa, ela sabe ouvir, ela sabe apoiar né então assim tratar tudo com muito carinho com muita delicadeza com muita sutileza tanto com o marido né na relação com os filhos também acho que submissão varia nisso, saber ouvir saber falar saber tratar o outro dentro da sua família

20- Respeito

21-Olha na bíblia tem um versículo que eu gosto muito né que fala que a mulher sabia edifica a casa e a tola a destrói com as suas próprias mãos então eu sempre busco de Deus a sabedoria porque vem dele pra poder estar em todos os sentidos da minha vida agindo segundo o coração de Deus né, ser uma boa mãe ser uma boa mulher, é agir com ética né na minha função profissional né, como filha, como amiga, como irmã então eu acho que a mulher é, segundo o coração tem que ser uma mulher sabia, ela tem que buscar a sabedoria que veem de Deus.

22-É contribui sim né, é assim nos dias atuais agente vê tanto situações difíceis né tantos fatos que nos entristecem bastante e nos aqui como professora que trabalhamos com a Educação Cristã acho que é responsabilidade nossa trabalhar ainda mais de como deve ser o homem segundo o coração de Deus como deve ser a mulher segundo o coração de Deus e isso nos devemos começar desde cedo né, com as nossas crianças nas escolas que trabalham na Educação Cristã porque hoje nos estamos plantando né a sementinha para que os frutos possam ser colhidos mais tarde né e colher é frutos bons saudáveis né então nos temos que fazer nosso papel sim então cada uma de nós professoras deve fazer isso.

E1 P4

1-29 anos, e sou formada em letras

2-Sou cristã, evangélica

3-Sim.

4-Recentemente.

5-Olha, na minha concepção que eu acabei de chegar nessa escola nessa matéria na escola tem muitos anos mas nessa matéria especifica, é o aluno que esta estudando nessa escola cristã ele precisa ter o diferencial da educação cristã, da educação que os filhos de cristãos precisam ter que é a educação que Jesus nos deu, os valores cristãos, amar ao próximo como a si mesmo, os exemplos dos personagens bíblicos das atitudes daqueles que servem a Deus deve ter, os exemplos de como Deus trata aqueles que o servem, e aquilo que nós devemos agir, porque o Deus nos ensinou o que Jesus nos ensinou que é o mais importante que foi amar ao próximo como a si mesmo, e isso agente vai vendo com mais profundidade nessa matéria eu acredito.

6-Terceiro ano

7-Olha eu acho que ser mulher é uma coisa muito profunda, na verdade eu acho que a mulher é muita mais complexa que o homem e se agente for falar dessa questão da mulher agente vai longe, porque o homem ele é muito prático e a mulher ela é toda emoção então na verdade eu acho que isso define o comportamento da mulher porque a mulher foi criada por Deus para ser mãe pra ser aquela que vai trabalhar o emocional da família que é o centro da sociedade então se a família vai bem a sociedade vai bem, a mulher trabalha ela é toda emoção a mente dela é gerada por emoções ela é uma teia de emoção isso faz com que ela tenha mais empatia saiba tenha mais intuição o homem é pratico ele pensa no preto e no branco, a mulher como ela é toda intuitiva emotiva ela vai saber lidar com as situações que ela enfrenta com mais critério assim com mais intuição ela vai ver tudo no geral e o homem vê tudo por etapas e a mulher como vê tudo no geral Deus criou ela para isso mesmo porque ela que vai equilibrar a casa equilibrar a família, essa é minha concepção, a mulher ela é o equilíbrio da família e a família é a célula máfia da sociedade, então eu acho que a mulher tem um papel muito importante na sociedade, exatamente.

8-Muita, muita diferença, a mulher que não teve essa criação ela é muito radical por exemplo ela quer ser idêntica ao homem por exemplo aquele feminismo a eu não vou lavar a louça, a porque eu não sou obrigada a fazer esse tipo de coisa então tem esse pensamento de que o papel da mulher é um papel ultrapassado. E a mulher que foi criada dentro da igreja ela sabe que a mulher é que edifica sua casa a mulher ela tem que ser sábia, a mulher é como eu falei na minha opinião ela que traz o equilíbrio, então eu acredito que aquela criança que cresceu indo a escola dominical, que aprendeu sobre a oração de Ana, que aprendeu sobre Maria que ouvia Jesus, sobre Marta, são preocupações da mulher então ela entende todos esses detalhes que são detalhes de um comportamento feminino de uma mulher cristã, e isso uma mulher que não teve esse tipo de criação ela não vai entender ela vai simplesmente ir conforme a onda do comportamento que a sociedade vai ditando e isso gente é uma coisa assim, hoje a mulher é assim amanhã é de outro jeito, a moda do comportamento é a moda igual a roupa infelizmente a mulher contemporânea que não é cristã ela vai de acordo com a onda, a bíblia não muda, então por exemplo na minha família que é toda cristã as mulheres são todas iguais, é aquela tradição familiar, a tradição da avó que ensinou a filha que ensinou a outra filha, não a ser dona de casa porque todos nós somos mulheres independentes ate mesmo da avó, mas aquela consciência de que o papel da mulher na casa é importante, lá fora ela tem o seu papel mas dentro de casa que é o seu papel importante e esse papel para as mulheres que não são cristãs acham que não são delas, elas criticam esse papel, assim eu estou generalizando, mas a maioria não tem essa consciência então eu acho que tem uma diferença muito grande.

9-Olha como eu falei eu estou recente então eu ainda não abordei muito esse tema, mas na verdade isso é uma coisa natural, tem que trabalhar porque se você aborda, como eu falei uma mulher cristã que vai a escola dominical ela tem esse tipo de conhecimento então é uma coisa natural e esse conhecimento é o conhecimento que a educação cristã trás, os conhecimentos dos exemplos da bíblia e agente estuda a bíblia os personagens bíblicos e suas atitudes cristãs.

10-Eu vejo que na verdade é isso ai assim já tem muito tempo que as mulheres lutam por isso, existem lugares que isso infelizmente ainda não acontece, mas eu acho que isso deveria ser natural não deveria ser uma luta deveria ser uma coisa natural, porque segundo Deus e segundo as leis somos todos iguais.

11-Eu vejo no mesmo sentido da questão que eu acabei de abordar todos somos iguais, portanto tanto a mulher quanto o homem que quiser ficar em casa e cuidar dos filhos tem esse direito, por exemplo a mulher bem sucedida que casou com um homem que por acaso ficou desempregado e ele é uma pessoa que tem facilidade nos afazeres domésticos porque não? Da mesma forma a mulher que gosta e o homem tem a capacidade de prover a casa porque não? Com tanto que os dois estejam felizes e nenhum seja humilhado por essa situação.

12-Sim, todas as profissões e também devemos lembrar que a profissão do lar também é uma profissão, acho que não é uma questão de gênero e sim uma questão de opção, por exemplo sou uma mulher delicada então eu não me daria bem em uma profissão que exija força e existe mulheres que gostam de trabalhar com profissões que exijam a força, então eu acho que não é questão de gênero e sim personalidade.

13-Discordo plenamente, eu acho que é uma questão de interpretação eu não vejo isso na bíblia eu vejo pelo contrario você pegar Cantares de Salomão o que tem lá é prazer é um livro sexual, então eu não sei onde esses pastores criam a ideia ou padres, a igreja católica até hoje tem esse mesmo conceito sobre a família que é procriação, procriação que eu sabia quem faz é os animais e olha lá porque tem uns ainda que fazem por prazer, nós estamos no século XXI, só se for o Estado Islâmico com esse tipo de pensamento! Todos nós somos feitos com sensações para ter prazer é uma criação de Deus, tá na bíblia.

14-Não é pecado, desde que seja dentro do casamento, dentro do que Deus instituiu.

15-Olha para não fugir dentro do meu pensamento eu acho que não deveria, mas como eu disse ela é feita pra isso Deus criou a mulher para ser emocional, e a criação do filho é uma coisa muito emocional, o homem ele não tem essa instituição psicoalógica, o homem que é um bom marido ele vai fazer tudo que a mulher faz, se dedicar ao filho, mais eu vejo que eles tem suas limitações. A mulher abraça a causa automaticamente, e o filho ele chama a mãe pra tudo, a mãe tem esse papel, maternal. Mas o homem e a mulher tem responsabilidade igual.

16-A mulher segundo a Bíblia seria uma mulher virtuosa, ”mulher virtuosa quem a achará?” (citação bíblica de Provérbios 31) .Uma mulher virtuosa essa virtude eu acho que tem a ver com seu comportamento, uma mulher cristã ela se respeita, ela se dá ao respeito, então ela sabe se comportar, sabe que tem certas coisas que ela não deve dizer, tem certas roupas que ela não deve usar, não estou falando de usos e costumes da igreja não, de certas igrejas, estou falando de roupas na questão de você se dar o respeito no seu corpo, com equilíbrio, porque a mulher que se expõe demais ela está se desrespeitando, então é uma questão de comportamento consigo mesmo, ela dá o exemplo de cristã, porque o cristão ele é diferente, é

o sal na terra, e também dentro de casa, ela é a mulher sábia que edifica a sua casa, então segundo a Bíblia a mulher é aquela que ora pela família, que busca a Deus acima de todas as coisas, a mulher sábia é aquela que coloca Deus em primeiro lugar mas também cuida da sua casa, que ama o marido, ama os filhos, que sabe seu papel na sociedade, na sua casa e faz cada um deles muito bem.

17-O homem segundo a Bíblia é o cabeça, mas a cabeça precisa do pescoço, então a mulher é que vai direcionar o homem, ela que é sábia, a mulher sábia faz com que o homem pense que a decisão foi dele, mais ela deixa porque ela sabe que o homem gosta de estar no comando, é uma coisa dele. Você obedece sendo companheira, fazendo com que ele entenda que é uma decisão de ambos, então não é uma obediência absoluta, não é você se negar, se anular pro seu marido não, a mulher não se anula, ela é companheira, ela sabe que o homem tem que ter a última palavra, ele tem que pensar que ele tem a última palavra, mas ela é o pescoço, ela que tá direcionando, a mulher sábia que edifica a casa. Submissão pra mim é sabedoria da mulher.

18-Ah, vamos fazer o melhor possível, é importante.

E1 P5

1-34 anos, Pedagoga.

2-Evangélica.

3-Sim. Recentemente.

4- Eu imagino que tem como objetivo, hoje em dia as crianças não ouvem muito falar de Deus, né? Então a disciplina seria um meio de inserir a, é... falar-se sobre Deus a essas crianças, que tão pouco ouvem, eu imagino. Trabalha também valores, comportamento.

5-Segundo ano.

6-Eu vejo mulher como, assim, ela tem um papel muito importante, dona. ela é dona de tudo, né, dona de casa e profissional então vejo a mulher como um ser muito importante, um papel muito importante.

7-Vejo assim a mulher como a dona de casa, cuidando dos filhos e o homem trazendo o sustento para casa.

8-Sim tem muita diferença, em maneira de vestir, comportamento, eu vejo muita diferença sim.

9-Sim, (a minha vida a minha aula é influenciada).

10-Não, não trabalho as diferenças não.

11-Eu vejo como um papel importante sim, apesar de eu falar que ela é mãe, mas não deixa de ser profissional, ela pode ser profissional sim, mas ela tem que ser mãe, sem deixar de ser esposa, e não deixar pra alguém fazer e querer ser só, eu acho que ela tem que ser mãe, tem que ser esposa.

12-Sim, desde que ela esteja se sentindo bem, se for uma opção dela eu não vejo problema nenhum, é direito dela escolher.

13-Pode ela é bem capaz pra isso, não vejo problema nenhum.

14-Não vejo desta forma, acho errado ser desta forma, já ouvi em algumas igrejas que o sexo é para procriação e não concordo.

15-Na minha concepção não. É uma coisa entre ela e o marido, eu não vejo pecado nisso.

16-Iso sim, assim não porque ela quer ter mais domínio sobre, mas porque já é da mulher mesmo ela se mais mãe, ser mãe e pai ao mesmo tempo na ausência do pai, já é o papel da mulher.

17-Eu vejo assim, não que ela tenha que fazer, ela vai ser domesticada, ser mandada, não é isso. Acho que é ela saber compreender o marido, acatar as decisões do parceiro, concordar com o parceiro através da conversa.

18-Ah, porque na Bíblia tem que ser assim, desde que ela esteja fazendo tudo certinho, ah, porque dizem assim: ah, não pode cortar cabelo, não pode usar brinco, eu não vejo assim, eu não vejo, sabe, mas fala que tem que ser assim, eu não vejo.

19-É como eu disse que não faria diferença, mais eu vejo que faz sim, é um caso a se pensar, e eu vou pensar sim.

E2 P1

1-Pedagoga, psicopedagoga, 50 anos.

2-Evangélica

3- Sim os objetivos dessa disciplina é valorizar os princípios bíblicos também mas os princípios que regem a família, os bons costumes os bons costumes sociais, basicamente isso.

4-Uma hora semanal.

5-Primeiro ano.

6-Ser mulher? Pra mim é... é o fundamento principal da minha vida, principalmente porque eu gosto de ser mulher e gosto também de praticar tudo que a mulher faz, principalmente assim, relacionado a valores, à família, à princípios eu gosto de lidar com isso, em ser mulher pra mim e pra minha família.

7-É... a principal diferença culturalmente falando assim eu vejo a diferença no homem que ele tem que ser detentor do poder em tudo, então eu acho que essa diferença é muito grande, muito gritante, pra gente que é mulher principalmente, e também faz isso ter muita força na sociedade, o homem ser o detentor do poder em tudo.

8-É... eu vejo diferença assim na maneira de agir, né? Em relação a princípios, a valores, uma mulher cristã por exemplo ela tem muito inserida a questão da família em si, família é prioridade, a mulher não cristã ela já não tem essa prioridade, ela se casa, ela separa, ela tem, ela casa de novo, ela tem filhos, ela deixa os filhos pra trás pra ir atrás de homens, outras coisas assim, geralmente eu vejo isso nas mulheres que não tem princípios cristãos inseridos.

9-Influencia muito. Modifica minha maneira de dar aula.

10-Não trabalho.

11-Não trabalho.

12-Eu vejo essa conquista muito positiva pra mulher, mas eu ainda vejo que mesmo que ela ocupe uma posição como o homem ela não é valorizada como o homem é na mesma função até que ele exerce porque os salários são maiores é... o homem ele tem mais... o que é que eu vou falar... ele... ele é mais valorizado tanto no salário quanto no desempenho também, ainda que ele não tenha um desempenho que uma mulher tem, mais ele é sempre mais valorizado... só por ser homem...

13-Eu vejo assim... eu acho que se a mulher tem, se o homem não sei pode ser que ele que a família tenha recursos que a mulher não precise fazer isso eu gostaria até de fazer isso, de ficar na minha casa cuidando da educação dos meus filhos, eu priorizaria isso, só que eu não tive condições de fazer isso então eu tive que ir pro campo de trabalho... mas se tem alguém que tem essa condição mais eu vejo que a maioria das mulheres que tem essa condição ela também tem um grau de instrução melhor, ela não quer ficar em casa, as que ficam em casa exatamente são exatamente as que não podem ficar, que precisariam estar na rua que não estão trabalhando e ficam com os filhos e eu também não vejo, não sei se é culturalmente assim, assim na cultura delas que cada família tem uma cultura diferente uma da outra, que na cultura dela ela entende que ela ficar em casa ela vai ajudar quando na verdade ela não tá nem priorizando mesmo a educação que os filhos precisa ter em casa... ficam em casa por estar, sendo assim eu não acho que isso seja legal não..

14-Não é bíblica... não é bíblica... biblicamente a mulher é como você me perguntou se eu ensino isso pros meus alunos, eu não ensino isso pros meus alunos não, até porque o que a gente ensina hoje nas aulas de religião é a gente ensina princípios que a criança pode na sociedade se tornar um cidadão de bem...o homem trabalhando cuidando da mulher e dos filhos e a mulher em casa, cuidando da casa do marido e dos filhos.

15-Não... não acredito.

16-Culturalmente sim, culturalmente sim.

17-É submissão pra mim no meu modo de pensar não é você deixar que alguém tome conta de sua vida e determine quem você é ou que você vai fazer, submissão é pra mim, você ser você mesma mas você entender que tem alguém que tá ali junto e que você deve respeito assim com ele mas não em tudo, em todas as áreas você tem você tem que ser você mesma, não tem que se destruir pra deixar que alguém viva a sua vida.

18-Não.... é uma divisão é uma coisa que tem ficar sempre em comum com o casal, falando sempre a mesma língua.

19-Até a bíblia diz essa palavra que a mulher tem que ser virtuosa o que que é ser virtuosa? é você não se deixar levar por coisas vãs, é você ser amável, até na sexualidade não é você não fazer as coisas que você tem que fazer pra o seu marido você tem que fazer e fazer pra sentir o seu prazer, junto com o seu marido, eu vejo assim, não é você deixar que ele faça tudo que ele quer, se você não tá afim você não é obrigada a fazer só porque ele quer.

20-Poderia, poderia.

E2 P2

1-31 anos, Normal Superior, Adventista

2-Sim, 10 meses.

3-É... eu acredito que a disciplina ela seja muito importante o objetivo maior dela é a gente aprender a respeitar o outro viver de uma forma mais legal, tratar melhor os amigos, ter respeito com Deus, ver a importância da gente tratar bem o outro porque Deus está constantemente nos... nos vendo e Ele é o maior exemplo que nós tivemos aqui na terra, não é? Do qual a gente deve seguir e ensinar as crianças mesmo a ter um bom relacionamento a um caráter diferenciado num mundo tão complicado como nós estamos.

4-Um hora semanal. Devocional todos os dias.

5-Terceiro ano.

6-Ser mulher é um papel não o papel feminino difícil, mas o papel de tarefas, de atividades uma rotina bem feia, porque... mas sou realizada gosto muito de ser mulher, não queria ser, ter nascido diferente então assim é um papel complicado, um papel de uma rotina de uma responsabilidade tremenda, não desvalorizando a responsabilidade do homem mas a mulher ela tem que, ela tem que a mulher sábia ela edifica a casa, ela tem que ter um quê a mais, um carinho a mais, pros filhos gostarem de estar em casa pro marido gostar, ter prazer de estar em casa, então é um papel bem, bem responsável.

7-Eu acredito que seja mais na parte de responsabilidades de uma casa, porque eu acredito que por Deus foi deixado o homem como o provedor, como é... o ancião da casa como aquele que tem o papel principal, a mulher ela tem um papel principal também mas assim, sob a guarda do marido, sobre aquele amparo maior que ele possa dar a base é o marido mas a mulher ela tem que estar logo após pra poder estar ajudando nessa base maior. Ela como uma ajudadora, não sei, uma mediadora mesmo daquele relacionamento, então o homem ali mais como provedor e a mulher com um trabalho mais familiar mais amparador, mais aconchegante mesmo, mais aconchegando as crianças.

8-É gritante, a gente percebe muito o reflexo nas crianças, porque a gente percebe que as crianças que tem um contato religioso maior não contato religioso, mas que tem exemplos né? Pais que são tementes a Deus que vivem a fé que professam elas são crianças mais dóceis, são crianças que a gente consegue ter um acesso mais fácil a elas a gente consegue estar colocando, bem Deus tá te vendo! ela aprendeu isso desde criança então ela tem um temor a

mais a Deus e isso reflete também no relacionamento, reflete em todos momentos dela se relacionar com os outros.

9-O tempo todo! Eu preciso ser um exemplo do que eu falo, não resolve só eu chegar pra eles e falar sobre Deus que eles têm que refletir, que eles tem que tratar bem os amigos e eles estão vendo eu fazer de forma diferente, então isso tem que refletir o tempo todo na minha maneira de agir. O exemplo fala mais do que palavras.

10-Sim, né? Na Bíblia tem vários exemplos, que a mulher ela cuidava das crianças, até mesmo a própria Maria mãe de Jesus faz menção que Jesus ajudava o pai dele na marcenaria enquanto a mãe o ensinava as coisas de Deus e ele também ajudava a sua mãe, mas tinha os seus papéis bem diferentes, não mostra a mãe e o pai juntos na marcenaria trabalhando, então esse trabalho árduo maior foi repassado pros homens e a mulher mais aquele trabalho assim de ensinar, de estar, de estar trazendo o lar assim daquela forma mais gostosa.

11-Na verdade eu não vejo como uma coisa muito legal, devido às mulheres estarem com uma sobrecarga muito grande. A rotina está bem complicada, eu estou vivendo isso de forma bem próxima, eu tenho sentido muito, e isso é muito prejudicial pra família, porque você opta por ter uma família, construir um lar e isso é muito prejudicial pra família, mas pra realização própria é gostoso. Então a gente fica meio que no meio, meio que balançando a gente fica dividida sabe entre a realização profissional mais ao mesmo tempo tem a parte que a gente optou por ter uma família e se ela está sofrendo por causa, por causa dessa autonomia profissional que as mulheres estão vivendo hoje em dia.

12-Eu valorizo muito, eu valorizo muito, porque até o ano passado eu não trabalhava desde que eu tive filhos eu optei por estar parando pra estar cuidando das meninas no entanto apareceu essa oportunidade eu comecei a trabalhar mas eu estou parando esse final de ano novamente porque eu acho que é muito triste se distanciar da família, então eu vejo assim, eu acho que perante Deus é um valor que humano algum vai dar, entendeu? Principalmente porque a gente vive meio frustrada, eu vivi quatro anos dentro de casa e eu sei que isso que a gente fica meio frustrada, eu queria estar agindo, queria estar trabalhando na minha área, mas o que que vale mais a pena? São, são valores que vai criando devido às consequências que o mundo tem hoje mostrado pra gente, então eu valorizo muito, sei que tem seu lado positivo e o seu lado negativo, mas eu valorizo, porque a mulher ela tem que dar prioridade pro lar.

13-Não, não acredito que seja dessa forma. Eu acredito que sim, que ela tem a capacidade, mas que não é viável ela estar fazendo isso, eu acho que se o trabalho de uma mulher normal ele já é bem sobrecarregado, então se ela se envolver com trabalho de maior pressão, ou necessidade de peso, de carregar alguma coisa assim que não seja próprio pro seu corpo, ela vai sofrer. Não que ela não tenha capacidade, tem muitas mulheres que ocupam cargos de homens que seja na parte burocrática, então ela tem capacidade mas não acredito que seja, seja legal.

14-Não acredito que seja só para procriação, senão Deus não teria colocado o prazer.

15-Não de forma alguma! Eu acredito que seja algo pra poder te motivar, entendeu? Saber que você precisa daquilo pra poder trazer um benefício maior pra aquilo que Deus colocou.

16-Eu acredito que a submissão ela seja interessante a partir do momento que o homem seja um homem dentro daquilo que Deus deseja, pode muitas das vezes ter aqueles que não está de

acordo com a palavra de Deus, se um homem tenha entendimento diferente e que ele consiga passar aquilo de uma forma legal, acho muito interessante que a mulher seja submissa, porque não é só ao próprio homem mas sim ao próprio Deus, você entendeu? Eu jamais serei submissa a um homem que não é uma coisa prudente, você entendeu? Acho que tudo tem o limite é ter bom senso.

17-A própria bíblia fala que a mulher sábia edifica a sua casa então a mulher ela tem que ter sabedoria em todos os aspectos da vida dela, tanto como mulher, como mãe, como profissional, como... é com o meio em que ela vive então assim é ter sabedoria, eu acredito que a palavra mais certa pra ser falada seja uma mulher sábia.

18-A gente sempre pode melhorar, sempre é bom a gente estar pensando e estar valorizando os papéis.

E2 P3

1-Pedagoga e Licenciatura Plena em História, Adventista.

2-Sim, desde que começou a lecionar.

3-Uma hora semanal.

4-Eu acredito que o objetivo principal é criar valores, ou estimular valores que podem estar engrandecendo a sociedade.

5-Quinto ano, professora regente, sexto ao nono leciono História.

6-Quando Deus criou, criou o homem e a mulher, era pra um ser o complemento do outro.

7-A própria história da humanidade mostra isso o tempo todo, desde o pecado a mulher é extremamente discriminada e ela foi culpada pelo pecado e mesmo aqui no Brasil até hoje nós somos extremamente discriminada até mesmo na questão salarial, às vezes as mulheres exercem o mesmo cargo que o homem e ganha menos, uma discriminação que surgiu acho que junto com a história da própria humanidade.

8- Muita diferença, eu acho que o básico pra isso tudo é o equilíbrio e eu acredito que as mulheres que tem uma formação que se preocupa com valores elas conseguem atingir maior equilíbrio. Não existe na minha cabeça esse negócio de melhor, pior, é... eu não acho que as mulheres umas são melhores outras são piores, não, o que existe é a capacidade que a mulher tem de ter equilíbrio na sua vida.

9-Já pensei... como eu trabalho essa disciplina com crianças de 10, 11 anos, nessa fase eles estão começando a perceber as diferenças básicas entre ser mulher e ser homem. E aí a gente começa a dar umas orientações tentando pautar naquilo que a gente acredita, nos valores que a gente acredita sobre os papéis deles na sociedade.

10- Eu acredito que isso é muito importante para a mulher muito embora eu acredito que a gente possa mais, porque muito embora a gente já tenha conseguido aqui no Brasil, conseguimos o cargo máximo que é o de Presidente, isso é muito grande. Só que ainda existe

uma discriminação velada como na própria questão da cor, da sexualidade, e essa discriminação velada que é a preocupação, o mais difícil é como nos portarmos em relação a ela. Eu acredito que dentro das igrejas a discriminação é muito maior, quando se definem papéis específicos pra homem e mulher e você tem que estar debaixo destes papéis, você está taxando e criando situações de machismo, e as crianças são, nessa linha de raciocínio, o que não significa que não existam situações, não sei se eu posso falar, papéis entre aspas, pra se portar de maneira equilibrada homens e mulheres mais isso ainda não acontece. Por exemplo, na minha Igreja as mulheres ainda não podem ser pastoras. Eu não concordo, eu não entendo o porquê, se a mulher é capaz de governar um país, não é?

11-Com bastante respeito. Eu tenho um filho que agora está com 20 anos e eu sinto a necessidade da presença da mulher naquele período pós infância e de adolescência, às vezes não nos é permitido por uma questão financeira permanecermos mais tempo dentro do lar, mais eu acho extremamente importante e acho que isso pode ajudar muito na educação dos nossos filhos. Ter alguém ali pra se dedicar a esses assuntos, pra prestar atenção a esses assuntos relacionados à educação dos filhos.

12-Claro que sim, totalmente, mas não sei se essa igualdade é bíblica. Talvez seja uma questão que a gente esbarra muito, na questão da tradução, da cultura, mas parece que na Bíblia só tinha homem. A gente foi apagada, esperamos que para as próximas gerações nós apareçamos mais na história, né?

13-Não. Eu acredito que Deus criou o sexo para a felicidade do homem (homem no sentido de humanidade) se não fosse para a felicidade da sua própria criação seria muito ruim, não vejo assim.

14-De forma alguma.

15-Eu volto no mesmo ponto do começo. Eu acredito que a mulher é uma parte do homem, e a submissão está no fato de juntos decidirem aquilo que é melhor para o casal e para as próprias mulheres.

16-Não eu acredito que a responsabilidade é dos dois, e que ela vai se equilibrando a medida que as situações vão acontecendo, ora da mãe, ora do pai. Juntos.

17-Eu acredito que a graça do Senhor Jesus nos trouxe exatamente isso que você citou, a nossa identidade de volta. Ele andava com as mulheres, ele se preocupava com elas e eles nunca a discriminou. Então Ele mostrou, seria sábio que nós parássemos e gastássemos um tempo para encontrar a maneira como Jesus tratou essas mulheres porque isso foi extremamente bom e gratificante.

18-Acredito que sim, vou pensar mais sobre isso, vai ser melhor.

E2 P4

1-35 anos, Letras e especialização em Pedagogia e educação especial.

2-Evangélica há 12 anos.

3- Leciona há dois anos, do sexto ao nono aula de Português.

4- Ensinar os meninos a serem melhores como pessoas, ajudar o próximo, ser bem colaboradores, serem bondosos principalmente com alunos que além dos alunos ser diferentes deles no físico são diferentes no intelectual, que são os alunos com necessidades especiais que nós temos.

5- Segundo ano.

6-Mulher é ser forte, é ser corajosa, é poder gerar outro ser. Isso.

7-Homem na diferença assim do físico mesmo, em casa e no trabalho fora, porque a mulher assim tem vários setores né? Ela trabalha fora, ela trabalha em casa, ela tem o marido e ela tem os filhos. O homem não, o homem tem o trabalho dele e chega em casa. Eu acho que essa é a principal diferença, eu acho.

8-A pessoa quando ela tem princípio cristão, ela usa de sabedoria ela tenta uma questão, num impasse, qualquer coisa assim que ela tenta fazer ela tenta ver o que é melhor, tanto pra ela quanto pra outra pessoa, ou pra empresa, ou seja lá a questão que ela estiver envolvida eu acho que é isso aí.

9-Influencia e muito, pela mesma questão, você vai ver o lado do outro mais do que quando não tem pelas experiências de outras escolas que eu trabalhei, quando a pessoa tem esse lado cristão ela é diferente, ela vê o porquê daquele aluno ser assim, vê o lado da família, mais solidário.

10-Sim. Bom, ensinando que apesar de eles ter as diferenças e dentro dessas diferenças eles ter as coisas que eles gostam há muitas coisas em comum e que eles são iguais pra Deus, eles são iguais mesmo sendo diferentes. Então a partir desse caminho que a gente vai trilhando, não é porque é menino que eu posso bater e não é porque é menina que eu posso ganhar as coisas no choro ou na manha. Então é trabalhado assim.

11-Olha foi uma conquista muito importante, eu acho assim muito bom, mas como eu falei nas questões anteriores, eu acho assim, a mulher tem o trabalho, a casa, os filhos, marido, tem essas responsabilidades então quando ela trabalha fora, principalmente quando é tempo integral ela acaba se sobrecarregando pra manter a outra parte que tá na casa dela, o pessoal dela, principalmente quando tem filhos e quando os filhos são pequenos fica mais desgastante. Então foi uma conquista importante mas... a gente, né? paga por essa conquista, porque escolhe trabalhar fora, escolhe a profissão, então os filhos vão ficando, as coisas que a gente tem vai ficando.

12-Olha eu tenho amigas, muitas amigas assim que se dedicam aos filhos, trabalharam até ter os filhos, teve os filhos parou de trabalhar até eles chegarem numa idade em que eles conseguem ir sozinhos, eu acho muito legal, e eu durante um tempo eu fiquei sem trabalhar, fiz a mesma coisa, voltei a trabalhar apesar de meu filho ainda ta pequeno, o mais novo, mais eu dou o maior apoio, eu concordo. É um direito de escolha dela e eu acho que é uma escolha muito válida.

13-Não, não é bíblica. Pela Bíblia mesmo tem alguns cargos que Deus não deu pra mulher, é o homem mesmo que tem que fazer, e tem um porquê disto, pelo raciocínio, não é todo

homem que é sábio assim como não é toda mulher que é sábia, mas biblicamente tem cargos que homem devem ter e tem cargos que é a mulher que deve ter e não o homem, em relação a casa por exemplo a mãe passa maior parte com o filho isso não é porque ela é a mulher, porque ela é mais ágil que tem que ser dela não, porque ela é incumbida de ensinar, isso biblicamente, ela que tem que fazer isso. O pai ele tem que ser o sacerdote do lar, ele tem que guiar a família inteira, e fora do lar, fora da casa, e claro os dois andam juntos, os dois tem que conversar, tem que combinar as coisas, né? não é ele que manda ou ela manda, né? é um consenso e fora disto há cargos que biblicamente a mulher não foi feita pra poder trabalhar, pra poder realizar.

14-Não. Não é, porque o sexo ele foi feito pro prazer também, está na Bíblia.

15-Não, não está porque o casamento foi criado, foi instituído na criação, antes do pecado, assim como o sexo foi instituído lá na criação, lá no Jardim do Éden antes do pecado, o problema foi a depravação que veio, ao longo desses muitos anos, através do pecado, então muita coisa é feita de forma errada, não só o sexo.

16-Olha só, eu concordo, como eu te falei, tem coisas que foi feita pro homem fazer, tem coisas que foi feita pra mulher fazer, tem coisas que eu não dou conta fazer, eu já sei que eu não dou conta, já até tentei mas eu sei que não dou conta, então você entra num consenso, você conversa e tudo o mais. às vezes você até não concorda, mas a opinião do outro, no caso assim, a do marido, to falando do meu pessoal mesmo, às vezes a opinião dele vai ser melhor do que a minha então eu tenho que me submeter a opinião dele. Do mesmo jeito que as mulheres tem que se submeter ao marido, os maridos tem que amar as esposas como Cristo amou a igreja, então é quase que uma igualdade, cada um no seu quadrado, vamos dizer assim, mas andando juntos na mesma direção.

17-Nós temos vários exemplos, né? Uma personagem que eu gosto muito é a Ester, a rainha, né? que virou rainha, né? tinha tudo pra não ser uma rainha, né? Ia ser uma pessoa comum ou concubina porque foi parar no palácio do rei e ela se tornou rainha porque ela tinha algo diferente e ela mostrou essa diferença pro rei, apesar da Bíblia não relatar com detalhes como foi que aconteceu tudo, mas ela tinha uma diferença nas escolhas que ela fazia, tanto pessoal, porque ela ganhou as graças do chefe lá, do Hengar, esqueci o nome agora, assim, até ele viu que ela era diferente, no porte dela no que ela fazia, então acho que um dos exemplos assim interessantes assim foi o dela, assim como Débora, né, que foi uma juíza, então nós temos vários exemplos.

18-A gente tem, temos uma opinião bem parecida, a gente trabalha muito isso, a gente consegue trabalhar isso com eles.

E3 P1

1-54 anos, Ensino Religioso e Teologia

2-Evangélica

3-17 anos nesta escola, mas trabalho há 20 anos

4-formação integral do aluno, nós trabalhamos com a formação dos valores cristãos na vida do aluno, o objetivo principal dela são os valores cristãos na vida dos nossos alunos, e nós aqui temos o projeto ética e caráter que vem reforçar essa questão do ensino religioso através das virtudes, que nós pegamos as virtudes e trabalhamos dentro do contexto bíblico, esse ano estamos trabalhando Determinação, Disponibilidade e Gentileza, cada ano trabalhamos três virtudes que nós focamos bem dentro da vida de cada um.

5-Berçário ao quinto ano.

6-Nossa difícil! A gente é mulher nem para pra pensar no que é ser mulher, né? Mais eu acho que é uma benção de Deus, um presente de Deus ser mulher, eu acho que pra mim a gente não vê outra razão de ser. É ser escolhida para ser mãe, esposa e tudo mais né? Ser mulher, é difícil de definir isso (risos).

7-Eu acho que a mulher é mais coração, ela age mais com o coração mais ao mesmo tempo ela é razão, ela é o equilíbrio, o homem é muito de tomar decisão no ímpeto, na força, a mulher não, ela é mais razão, mais o coração. Eu acho que uma das diferenças que a gente vê na mulher é conseguir fazer algumas coisas a mais do que o homem faz, a mulher consegue tomar, realizar duas três tarefas ao mesmo tempo, enquanto o homem mal consegue realizar uma. Acho que essa é uma diferença bem grande entre a mulher e o homem, mas eu acho que a principal mesmo é essa, de tomar decisões com o coração mais ao mesmo tempo tendo a razão como a base principal.

8-Com certeza. A gente vê isso muito claramente no nosso dia a dia, nas nossas relações, as pessoas elas tem os valores são diferentes, principalmente aquelas que crescem com valores cristãos, são formadas nessa base, ela na hora de tomar decisões em todas as áreas da vida, ela toma decisões diferente, eu acho que ela busca razão com Cristo né? Mesmo que não confesse, muitas das vezes cresce nos valores, a gente vê aqui na escola, eles estudam num colégio confessional, ela tem os valores cristãos já arraigados na vida, mas não têm um encontro pessoal com Cristo, mas na hora de tomar decisão, na hora de fazer as coisas, elas têm os valores; olha isso aqui eu aprendi que eu não devo fazer, não posso ir por aqui.

9-Quando a gente trabalha a história usando a figura do pai, do homem, a gente trabalha que ele é o provedor, ele tem que crescer formando, e as mulheres também, que a gente pega as histórias bíblicas. O meu programa aqui nós trabalhamos as histórias bíblicas, então a gente entra em Samuel, a gente entra em Davi, às vezes a gente não aprofunda tanto no que ele era na história mas a gente tenta trabalhar, por exemplo, agora vamos trabalhar Maria, Maria aquela mulher que ela foi acima de tudo uma mulher que foi obediente a Deus que temia os ensinamentos de Deus e que Deus usou. Então a gente vai trabalhando isso, vai trabalhando esses valores pra formação total, integral deles né? dos alunos.

10-Eu acho que essa é uma questão muito assim... a mulher conseguiu sim seu espaço? conseguiu sim, mas eu acho que ela perdeu muito também dentro de seu espaço. Ela conseguiu um espaço que ela pode ser uma juíza, presidente de uma empresa, administradora, até do país, como nós temos agora, mas ao mesmo tempo ela acaba perdendo um pouco da sua identidade como mãe, que deve ser cuidada. Eu levanto muito a bandeira, não sou contra não, mais eu levanto muito aquela bandeira que a mulher ela tem um papel fundamental na criação dos filhos e eu acho que nós perdemos muito isso quando nós conseguimos lá no mercado, no mercado financeiro nós abrimos as nossas portas, nós deixamos muitas coisas por conta de outros, né? Fechamos outras portas. Quando você a porta lá, olha eu sou a

gerente do banco de um grande banco, mas eu tenho que pôr meu filho na escola pra ficar integral porque eu não tenho tempo pra ele, aí chega à noite eu sou permissiva, né? Então a culpa fica grande. eu acho assim, essa bandeira que ela criou que é levantada pela mulher acho super válido e é importantíssimo, e a gente tem aproveitar esse filão que abriu, essa brecha que abriu, é um direito que a gente tem conquistado, mas eu acho que ao mesmo tempo nós deveríamos parar como mulher, parar e falar assim, o meu papel na sociedade, um dos meus papéis é ser mãe.

11-Nem tanto... ela tem que ter cuidado também pra não se excluir, ela como pessoa como mulher, ela tem que fazer esse papel? tem, mesmo que não seja de, de trabalhar lá fora mas ela tem de fazer alguma coisa que ela goste de fazer, a sua realização pessoal, eu acho que acima de tudo, tanto de um lado quanto de outro a mulher tem que estar realizada, o equilíbrio é fundamental por que não adianta ela tá lá sendo uma administradora grande, importante mas não tá feliz, e nem também ser a dona de casa e não tá feliz.

12-Eu acho que essa igualdade não existe, biblicamente ela não, a mulher ela tem que ser companheira, parceira, mas no mundo que nós estamos vivendo hoje a mulher tem capacidade sim de assumir qualquer função, qualquer papel, e eu acho que quando ela vai ela desempenha e desempenha bem, infelizmente não é o que nós estamos vendo no nosso país mas eu acho que faltou ser cristão, acima de tudo, uma mulher verdadeiramente cristã, mas ela não governa sozinha. Eu acho que ela tem condição sim, capacidade sim de assumir qualquer função, mas eu acho que ela não foi criada pra ser o cabeça.

13-Eu creio que não, eu acho que a nossa sexualidade foi feita por Deus, senão ele não teria feito, teria feito só o que é pra procriação, senão ele não teria colocado áreas no corpo que a gente pudesse sentir prazer, né? Então eu acho que pro prazer também, mas eu acho que tem ter consciência né? Um prazer com responsabilidade. Então dentro do casamento é pro prazer do casal.

14-Não, se você está fazendo por culpa sim, mas se é algo pra ser pleno não.

15-Submissão é estar sujeito, a palavra né, estar sujeito a alguma coisa né, alguém? Abaixo. Eu creio que quando Deus criou o homem e a mulher lá no jardim do Éden ele disse você será a companheira, né, a ajudadora, e eu creio que quando você casa a gente vê muitas pessoas aí submissas, abaixa a cabeça, o marido faz e acontece e a pessoa se anula, isso não é submissão, eu conheço uma determinada pessoa que se anulou com relação ao marido, então eu não abro a boca, eu não falo nada, enquanto que eu acho que essa submissão é sentar junto, é tomar decisão junto, é caminhar junto, não sei se era isso que Deus tinha pensado no início mas eu acho que essa é a nossa realidade hoje, é a gente andar junto.

16-Não, eu não sei... os dois, os dois juntos.

17-A mulher plena é aquela que busca a vontade de Deus em tudo pra vida dela. Sabe eu penso que é andar segundo a vontade de Deus, se ela anda segundo a vontade de Deus ela vai fazer isso no casamento, no trabalho, ela vai andar segundo a vontade de Deus em tudo. Quando você busca isso você tem uma missão pra cumprir, você acaba sendo completa, eu acho que e isso que a Bíblia fala. Fala da mulher virtuosa que o valor dela é grande, mais eu acho que pra ela ser virtuosa ela tem que ser uma mulher que anda segundo a vontade de Deus. A gente vê a Maria, uma mulher segundo o coração de Deus ali, ela foi achado graça diante de Deus, né? Ana, uma mulher que ficava lá perto de Deus, pedindo mais ao mesmo

tempo entregando eu acho que essa é a mulher que a Bíblia fala, essa é a mulher que a gente tem que ser.

18-Pode. é uma coisa que a gente não para pra pensar, você falou do homem da mulher, do papel de cada um, é uma coisa que a gente pode destacar mais na aula, porque a gente passa batido, a gente trabalha o personagem, pega um gancho aqui, outro ali, mas a gente esquece de falar sobre papéis, principalmente com os maiores que estão entrando nessa fase, né?